

MARIA DO AMPARO BARBOSA DE AZEVEDO

**TEMA DE MORTE:
EUFEMISMO E DISFEMISMO**

Tese apresentada junto à
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Doutor em
Língua Inglesa.

São Paulo

1994

MARIA DO AMPARO BARBOSA DE AZEVEDO

**TEMA DE MORTE:
EUFEMISMO E DISFEMISMO**

Tese apresenta junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Língua Inglesa.

Área de concentração:
Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana.

Orientadora:
Profa. Dra. Martha Steinberg

1994

À Wilson, Kathy e Karla;
À Vitalina Lopes Barbosa, minha
mãe;
Ao Professor Asdrubal Amaro de
Assis, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Na execução de uma tarefa desta monta, raramente alguém participa dela sozinho. São muitas as pessoas que, no decurso do tempo gasto para desenvolvê-la, contribuíram direta ou indiretamente para a sua realização. A estas pessoas gostaria de apresentar os meus mais profundos agradecimentos.

Em primeiro lugar, é a Dra. Martha Steinberg que agradeço. Bem o sabe que, não fôra por seu estímulo, este trabalho jamais teria surgido. Sua orientação segura, suas sugestões valiosas, a assistência nos momentos em que dificuldades requeriam reorganizações ou demandavam novas buscas, tudo enfim, transmitiu-me a necessária confiança durante a realização deste trabalho. Agradeço-lhe mais uma vez.

Dr. Robert Kiernan que, de New York enviou-me o livro *Fair of Speech*, já esgotado e por ele descoberto em uma "second-hand store".

Dr. Sidney Camargo, por sempre encontrar em sua agenda momentos disponíveis para discussões estimuladoras, dessa forma permitindo que dúvidas e incertezas se transformassem em soluções.

Dra. Adair P. Palacio que, "abrindo um espaço" no trabalho com seus índios, no Acre ou em Corumbá, nunca faltou com seu apoio discutindo, analisando e incentivando-me a prosseguir.

Meus agradecimentos vão, também, para os meus colegas do curso de inglês da USP. Gostaria de mencionar, especialmente

Mary Cecília e Anna Carmagnani, por me substituírem junto aos alunos permitindo-me uma diminuição de tarefas; Dra. Marina Mc Rae que, além de assumir parte de minhas aulas sempre contribuiu com valiosas sugestões bibliográficas; Dra. Stella Tagnin, por assumir a Coordenação do Curso num momento crucial para o desenvolvimento da pesquisa e por suas sugestões bibliográficas; Dr. Lynn Mario T. M. Souza pelo estímulo, pelo incentivo constante, pelas "intermináveis" conversas nos horários de almoço e também por suas sugestões bibliográficas.

Não posso deixar de agradecer às bibliotecárias da FFLCH/USP, especialmente Eunides e Mara pela atenção e pronto atendimento.

A Vera Lucia Lino, do Setor de Pessoal da FFLCH/USP, que sempre esteve a meu lado, meus agradecimentos.

A Lélia por me oferecer os livros cujos autores, Ariès e Kübler-Ross foram de grande valia para um melhor entendimento da visão da morte em nossos dias.

Ao casal Dr. Leonardo e Fernanda Barci, amigos de longa data, que puzeram à minha disposição o seu apartamento em Santos, SP, e, também agora, a sua Copiadora Barci para a impressão da tese, estão aqui os meus agradecimentos.

A Andrenilza Sachs Winkel, ex-aluna que se transformou numa grande incentivadora, meus sinceros agradecimentos.

A Ricardo Frederico e Rose, meus sobrinhos, que em Londres precisaram descobrir os livros que eu tão urgentemente necessitava, meus agradecimentos.

A Katharina Fernanda, Sérgio, Karla Fernanda e Aluizio,

"revisores" improvisados, meus sinceros agradecimentos.

A Tereza Arantes, Selma N. dos Santos e Valdina Pereira, o meu eterno agradecimento por atuarem junto à minha mãe, uma quase centenária ainda lúcida e saudável, permitindo que o bom funcionamento das tarefas caseiras não sofresse interrupções .

Meus mais profundos e sinceros agradecimentos vão para Wilson, meu marido, cuja paciência, estímulo e apoio jamais faltaram durante todo o tempo de elaboração desta tese. É a ele que também devo a sistematização e cuidadosa editoração desta tese.

A Katharina Fernanda e Karla Fernanda, minhas filhas, meus agradecimentos pela compreensão e apoio a mim dispensados.

E, a todos aqueles que direta ou indiretamente participaram, subsidiaram e colaboraram com este trabalho, o meu mais profundo agradecimento.

ÍNDICE

Introdução.....	1
1. O eufemismo definido.....	9
1.1. Causas.....	11
1.2. Tabuísmo.....	23
1.3. Totemismo.....	27
1.4. História.....	32
1.5. Glorificação do lugar comum.....	40
2. Revisão da literatura.....	47
3. Processos eufemizantes.....	68
4. Tipos de eufemismos.....	85
5. Disfemismos.....	89
6. Eufemismos sobre a morte.....	96
6.1. A morte — considerações.....	96
6.2. Análise contrastiva.....	118
6.3. O <i>corpus</i> — interpretação dos dados.....	125
7. Conclusão.....	136
Bibliografia.....	147
O <i>corpus</i>	159
Índice remissivo do corpus.....	185
Anexo.....	199

RESUMO

Eufemismos são termos e expressões delicados usados em substituição a outros considerados grosseiros e desagradáveis; em contrapartida, os disfemismos são termos e expressões jocosas, irônicas, populares. Em ambos encontramos manifestações a respeito da **morte**.

Este estudo tem por objetivo investigar a ocorrência de eufemismos e disfemismos sobre a **temática da morte**, nas línguas portuguesa e inglesa e, verificar em que os mesmos se assemelham ou diferem do ponto de vista lingüístico-semântico.

Com essa finalidade foi feito um levantamento de termos e expressões sobre a **morte** nas duas línguas. A seguir foram os dados classificados por campos semânticos para posterior análise.

O resultado dessa análise veio provar que a incidência de eufemismos sobre a **morte** é maior em língua portuguesa e que, em língua inglesa o número de disfemismos é muito superior; verificou-se, também, que existem semelhanças e diferenças entre eufemismos e disfemismos, sobre a **temática da morte**, nas duas línguas porém, são as mesmas, culturais.

MARIA DO AMPARO BARBOSA DE AZEVEDO

**TEMA DE MORTE:
EUFEMISMO E DISFEMISMO**

Tese apresentada junto à
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Doutor em
Língua Inglesa.

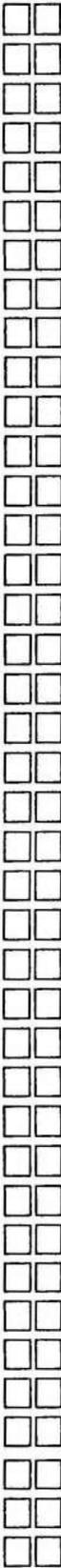
COMISSÃO JULGADORA

Orientanda:

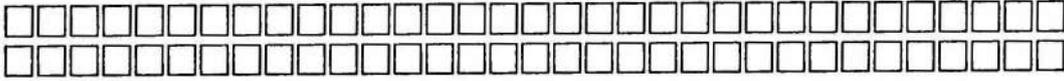
Orientadora:

São Paulo

1994



Introdução



INTRODUÇÃO

Dr. Rod Horton, Adido Cultural do Consulado Geral dos Estados Unidos no Recife em 1959, encontrava-se na SCBEU (Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos) para uma conferência. Fôra um dia de calor intenso e a noite dava mostras de que a temperatura alta em nada diminuía. Ao comentar que estava **sweating** ele sorriu e disse: **a lady never sweats, she perspires**. Lição aprendida: uma linguagem polida, burilada, existia para ambientes mais sofisticados, mais refinados, uma linguagem que só na vivência iria, paulatinamente, mostrar-se.

A curiosidade despertada então, levou-me no devido instante, à busca de respostas cujas perguntas permaneciam há tanto tempo sem definição. Qual não foi minha surpresa ao deparar-me com o depoimento dos autores Keith Allan e Kate Burridge quanto às razões que os levaram a escrever o livro *Euphemism and Dysphemism*: um calouro lhes pedira explicações a respeito de um texto de cuja leitura inferira que falantes dos dialetos germânicos dos períodos antigo e medieval **não faziam uso de eufemismos** (grifo nosso). O texto citado pelos autores era uma passagem encontrada no livro *Introduction to Language* de Fromkin *et alii*:

"What is surprising is that two words or expressions can have the identical linguistic meaning and one can be acceptable for use and the other strictly forbidden or the cause of embarrassment or horror. In English, words which we have borrowed from Latin or French seem to carry with them a "scientific" connotation and thus appear to be technical terms and "clean", while good old native Anglo-Saxon

words are taboo. This seems to reflect the view that the vocabulary used by the upper classes was clearly superior to that used by the lower classes, a view that was, of course, held and propagated by the upper classes. Peter Farb points out that this distinction must go back at least as far as the Norman Conquest in 1066, when "a duchess perspired and expectorated and menstruated — while a kitchen maid sweated and spat and bled."¹

Por acharem que a interpretação dada pelo jovem calouro era válida, em se tratando do texto propriamente dito, mas inadequada do ponto de vista da história, partiram Allan & Burridge para uma investigação detalhada em busca de dados que lhes permitissem uma resposta satisfatória. E foi essa busca que os levou à publicação do livro em questão.

Ao ter que me decidir por um tema para pesquisa optei por buscar respostas à diferenciação que, um dia, o sempre lembrado Dr. Rod Horton sugerira existir. E assim cheguei ao eufemismo que, segundo o *Collins Cobuild English Language Dictionary* (1988) é descrito como "a polite word or expression that people use when they are talking about something which they or other people find unpleasant or embarrassing, such as sex, bodily functions, war, etc. Eg.: 'Escort' is the jail euphemism for a guard... 'Defence aid' is the

¹ "O que surpreende é que duas palavras ou expressões podem ter significados lingüísticos idênticos e uma delas pode ser aceitável para uso e a outra terminantemente proibida, causa de embaraços ou de horror. Em inglês, palavras tomadas emprestadas ao latim ou ao francês parecem trazer consigo uma conotação "científica" e, portanto, parecem ser termos técnicos e "transparentes" enquanto que velhas palavras de origem anglo-saxônica são consideradas tabus. Isto parece refletir a visão de que o vocabulário usado pelas classes altas era claramente superior àquele usado pelas classes baixas, visão esta que era, naturalmente, mantida e propagada pela alta sociedade. Peter Farb chama atenção para o fato de que esta distinção deve retroagir à época da conquista normanda em 1066, quando uma "duquesa transpirava, expectorava e menstruava enquanto uma ajudante de cozinha suava, escarrava e sangrava."

modern euphemism for guns and ammunition."²

Após realizarmos as leituras preliminares sobre o tema em questão e verificarmos quão pouco se registrara a respeito dos eufemismos sobre a morte nas línguas inglesa e portuguesa, decidimos que este seria o objetivo principal do nosso trabalho. É um assunto de relevância, revelador de caminhos que o ser humano se serve para disfarçar seus medos e esconder seus receios pelo desconhecido — convive-se com a morte diuturnamente, ela aí está mas todos a ela se referem de forma oblíqua, indireta como se pecado fôra desmistificá-la.

A nossa hipótese de trabalho consiste em investigar:

1. Até que ponto, na temática da morte, ocorrem mais eufemismos que disfemismos?
2. Até que ponto os eufemismos sobre a temática da morte se assemelham ou diferem, do ponto de vista lingüístico-semântico, nas línguas inglesa e portuguesa?

São respostas a estas questões que buscaremos no decorrer deste trabalho.

Inicialmente faremos um estudo sobre eufemismos e disfemismos para, em seguida, estudá-los concentrando-nos em termos e expressões sobre a morte uma vez que, sobre este assunto, não encontramos um trabalho sistematizado que respondesse às indagações por nós formuladas.

² "uma palavra ou expressão polida que as pessoas usam quando estão se referindo a algo que elas ou outras pessoas consideram desagradável ou embaraçoso, como sexo, funções do corpo humano, guerra etc. Ex.: 'Escolta' é o eufemismo usado numa prisão para um guarda... 'Apoio à defesa' é o moderno eufemismo para armas e munição."

Faremos, a seguir, um levantamento desses termos e expressões, levantamento esse que se constituirá no *corpus*, elemento basilar de nossa análise.

O próximo passo será verificar a ocorrência de eufemismos e disfemismos sobre a **morte** nas duas línguas, classificá-los por campos semânticos, analisá-los quanto à maior ou menor incidência de eufemismos, quanto à existência de semelhanças e diferenças nas duas línguas em estudo e apresentar as conclusões a que nos terá levado essa análise que mostra a diferença de cultura através da língua.

Este trabalho se compõe de sete capítulos. No primeiro estudamos os eufemismos propriamente ditos. No segundo, apresentamos a revisão da literatura disponível sobre o tema tanto em língua inglesa como em língua portuguesa. O terceiro capítulo versa sobre processos eufemizantes tais como empréstimo, abreviação, siglas, distorção fonética etc. O quarto capítulo tem, por objetivo, apresentar tipos de eufemismos como, eufemismos gestuais, sintáticos etc. No quinto capítulo falamos a respeito dos disfemismos, o contraparte popular dos eufemismos. O sexto capítulo traz a discussão dos eufemismos sobre a morte; traz, também, uma visão geral da análise contrastiva e sua relevância para a nossa investigação; segue-se a análise do *corpus* e as conclusões dessa análise. O sétimo capítulo é a conclusão.

MÉTODO DE TRABALHO

Quando iniciamos nossa pesquisa mostrou-nos esta que a

incidência de expressões com o verbo **morrer** era muito mais ampla que o número de ocorrências sobre morto, morte, matar. Há muitas expressões que, interpretadas como significando **morte**, estão muito mais próximas da idéia de morrer. Foi esta uma dúvida que dominou toda a primeira parte da pesquisa: delimitar o campo semântico de termos e expressões que significavam morrer, morto, morte e matar. Verificamos que, nas duas línguas em estudo, um termo ou uma determinada expressão surgiam ora com o sentido de **morrer**, ora significando **morto** e outras vezes, **morte**: **acabou-se-lhe o pavio da vida** é para um dos autores **morto** e **morte**, indefinido portanto; **had it é morto** mas, na oração **you've had it é morrer, estar morto**.

Ao procedermos à classificação, confirmamos ser maior o número de itens referentes a **morrer** e, a seguir, morto, morte e matar. Este tipo de classificação, embora revelasse essa primeira faceta — a de que usamos mais eufemismos sobre **morrer** que sobre morto, morte e matar, conduziu-nos a um outro tipo de levantamento que surgira aos poucos e que fora se impondo: a presença dos disfemismos. Esses termos jocosos, irônicos, mais de uso popular, confirmavam o que mostrara SILVEIRA BUENO (1975, p. 208): "Platão entre os gregos, Cícero, Marco Aurélio e sobretudo Sêneca, à falta de argumentos positivos, **recorreram à ironia, à zombaria para ver se poderiam, aos menos, diminuir esse medo de que o próprio Cristo não se viu isento no Jardim das Oliveiras.**" Grifo nosso.

Como o número de disfemismos passou a ser representativo no *corpus* que dispúnhamos, procedemos a um novo levantamento, desta feita com a finalidade de determinar os campos

semânticos.

Para esta tarefa decidimos partir de uma classificação apresentada por CAMARGO & STEINBERG (1989) — de acordo com o que foi apresentado no Capítulo 5 deste trabalho — que em um de seus artigos aborda este mesmo tema — eufemismos sobre a morte, com vistas à tradução. Fizemos, também, uso das classificações feitas pelos demais autores estudados: GUÉRIOS (1979), SILVEIRA BUENO (1975), KRÖLL (1984) e outros; como, porém, estes autores abordavam uma ampla gama de assuntos (conforme foi visto no Capítulo 2), o nosso *corpus* levou-nos a outra classificação que subdivide este tema central nos demais temas de interesse a ele relacionados.

Sob a divisão geral de eufemismos e disfemismos, chegamos à classificação de 56 campos semânticos que, somados a outros oito, que apresentam termos como **esquife**, **última morada**, **carrasco** etc, relacionados ao tema mas não envolvendo expressões relativas à morte, perfazem um total de 64 diferentes campos semânticos.

O CORPUS

Os 972 termos e expressões eufemísticas e disfemísticas extraídas de fontes orais e escritas nas duas línguas constituem o *corpus* através do qual pretendemos averiguar o comportamento lingüístico-semântico das expressões sobre a morte.

Ao lado das muitas leituras feitas num mesmo período, os

dicionários passaram a ser leitura constante uma vez que, em gramáticas ou em livros de retórica, pouca referência existia sobre o tema eufemismos. Quando tal ocorria observamos que, à guisa de ilustração do que fosse um eufemismo, sempre aparecia um eufemismo sobre a morte. Tal aconteceu com o *The AMERICAN Heritage Dictionary* (1970), o *WEBSTER'S Unabridged* (1977), o *WEBSTER'S New World Dictionary of the American Language – College Edition* (1970) e, em português, no *Dicionário de Filologia e Gramática* (MATTO SO CÂMARA, 1968) e no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (CALDAS AULETE, 1958). O mesmo tipo de exemplo encontrou-se, junto à definição, nas gramáticas *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 1975), *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (MENDES DE ALMEIDA, 1977) e *Português Prático: Gramática* (MARQUES DA CRUZ, 1966).

Por isso decidimos que, em virtude de haveremos encontrado poucos eufemismos referentes à morte nos diversos livros consultados, o levantamento feito em dicionários ofereceria, também, um panorama mais amplo e de maior acesso à pesquisa. Valiosos tornaram-se para a coleta em língua inglesa, o *Slang and Euphemism – A Dictionary of Oaths, Curses, Insults, Racial Slurs, Sexual Slang and Metaphor, Drug Talk, Homosexual Lingo and Related Matters* (SPEARS, 1982) o *The Faber Dictionary of Euphemisms* (HOLDER, 1989), o *Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas: Inglês-Português* (CAMARGO & STEINBERG, 1987), o *Dicionário de Expressões Idiomáticas: Português-Inglês* (CAMARGO &

STEINBERG, 1989), o *Dictionary of Metaphoric Idioms: English-Portuguese* (CAMARGO & STEINBERG, 1990), o *1001 Provérbios em Contraste: Provérbios Ingleses e Brasileiros* (STEINBERG, 1985) e o *The Oxford Dictionary of English Proverbs* (SMITH, 1948). Para a consulta em língua portuguesa, além dos dicionários *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, 1986) e o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (CALDAS AULETE, 1958), os livros *O Eufemismo e o Disfemismo no Português Moderno* (KRÖLL, 1984) e o *Tratado de Semântica Brasileira* (SILVEIRA BUENO, 1965) muito contribuíram para este levantamento. A consulta feita a jornais, a revistas e as entrevistas informais com pessoas de vários níveis sociais encontram-se também presentes no corpo deste trabalho.

1. O EUFEMISMO DEFINIDO

"Without euphemisms the world would grind, unoiled, to a halt, universal animosity covering all."
(ENRIGHT, 1985, p. 3).¹

Neste primeiro capítulo, estudaremos alguns aspectos do eufemismo: prováveis causas de seu surgimento; a contribuição que o tabuismo e o totemismo trouxeram ao aparecimento do eufemismo; um pouco da história do eufemismo em língua inglesa e uma visão do uso de eufemismos em nossos dias.

O termo eufemismo é definido por MATTOSO CÂMARA (1968, p. 113), no seu *Dicionário de Filologia e Gramática*, "como uma enunciação atenuada do que é desagradável, grosseiro ou indecoroso. Por eufemismo, substituem-se as palavras exatas por sinônimos de significação mais vaga ou apenas aproximada, ou por uma perífrase".

Para Evanildo BECHARA (1975, p. 342), é "o eufemismo uma translação do sentido pela suavização da idéia".

Já Napoleão MENDES DE ALMEIDA (1977, p. 343) diz que "o eufemismo é a adocicação de termos; em vez do termo próprio, que podia repugnar por qualquer razão, emprega-se outro mais brando: **passamento** em vez de **morte**."

Esta figura de linguagem vem nos mostrar pelas definições

¹ "Sem eufemismos os mundo giraria sem parar até o esgotamento, dominado por uma animosidade de cunho universal."

aqui apresentadas que se faz uso de eufemismos para atenuar, suavizar ou, mesmo, adocicar termos e expressões que, de alguma forma, a sociedade constituída abjurou. Em lugar dos termos ou das expressões reais, buscou-se, no disfarce, o meio para expressar idéias, diminuindo assim o impacto que as mesmas pudessem causar.

Essa mesma interpretação do termo eufemismo aparece na língua inglesa. Vejamos alguns exemplos.

The *AMERICAN Heritage Dictionary of the English Language* (1970, p. 452) diz que "euphemism is the substitution of an inoffensive term for one considered offensively explicit".²

No *Dictionary of Euphemisms* (NEAMAN & SILVER, 1984, p. 1) encontra-se que "The word 'euphemism' comes from the Greek **eu**, 'good', and **pheme** 'speech' or 'saying', and thus means literally 'to speak with good words or in a pleasant manner'".³

Definições que fazem referência ao que em português foi apresentado como **adocicação** encontram certa correspondência no *A Dictionary of Euphemisms and Other Double Talk* (RAWSON, 1981, p. 1, Introduction) no qual se lê: "Euphemisms — mild, agreeable, or roundabout words used in place of coarse, painful or offensive ones"⁴ e no que dizem WAGNER & RADNER (1974, p. 406): "Euphemisms are not intended to hide; they are, rather, transparent veils to soften the starkness of our human existence".⁵

As prováveis causas do surgimento dos eufemismos são

² "o eufemismo é a substituição de um termo considerado ofensivamente explícito por outro inofensivo".

³ A palavra 'eufemismo' vem do grego **eu**, 'bom', e **pheme** 'fala' ou 'provérbio/ditado', e significa literalmente 'falar com bons termos ou de modo agradável'".

⁴ "Eufemismos — palavras brandas, agradáveis ou indiretas usadas em lugar de termos rudes, dolorosos ou ofensivos"

⁵ "Eufemismos não foram criados para esconder; são, antes, véus transparentes usados para amaciar a dureza da existência humana".

apresentadas a seguir.

1.1. CAUSAS

1.1.1. RELIGIÃO

Como se viu acima, desde a Antigüidade Greco-Romana a busca por **boas palavras** em substituição a outras consideradas insultuosas fez com que os falantes cunhassem novos termos ou atribuíssem a outros já existentes valores considerados aceitáveis. **A religião, o sexo, a morte** parecem ser os maiores responsáveis pelo surgimento de eufemismos, uma vez que o homem sempre foi temente a seus deuses, receou falar de sexo e evitou falar na morte ou nos mortos.

Foi provavelmente por temor aos deuses, **temor religioso**, portanto, que surgiram os primeiros eufemismos. Em lugar de pronunciar o nome de Deus, os gregos usavam o termo **tetragrammaton** ou a **palavra-de-quatro-letras** que é o termo hebreu para designar **YHVH** (Jehovah). Nenhum judeu achar-se-ia no direito de registrar por escrito ou de emitir oralmente o **nome sagrado** por excelência.

Sabe-se que na Grécia Antiga a superstição mantinha que invocar os deuses por seus nomes era materializá-los. Temerosos dos resultados que pudessem advir dessa invocação, nada melhor que designá-los fugindo a um confronto direto ora através de suas qualidades, como **Veemente** (Júpiter, Zeus), ora através de seus epítetos como, **Senhor Absoluto** (Deus), ou através de indicações

indiretas como **Hades** (Invisível), o controlador da morte. Outro recurso a que recorriam os povos antigos era o de invocar os deuses por aqueles atributos que não possuíam como, por exemplo, o de chamar as deusas **Fúrias** de **Eumenides** (Bondosas), ou de **Erinyes** (Solenes/Reverenciadas); o **Mar Negro** de **Euxine** (Hospitaleiro, Bem-vindo), assim amenizando-lhes o sentido original e facilitando o relacionamento entre aqueles que invocavam e os que eram invocados. Também os romanos, ao designar os mortos de **Manes** (Mansos, Pacíficos), buscavam redimensionar a gravidade de um ato como a morte; ao trocar o nome da cidade italiana **Maleventum** para **Beneventum** (hoje Benevento) estavam lhe atribuindo valores positivos na tentativa de afastar os aspectos negativos — de **maus resultados** (maleventum) para **bons resultados** (beneventum). Quem sabe não ter sido essa a razão porque os portugueses transformaram, na Idade Média, o **Cabo das Tormentas** em **Cabo da Boa Esperança** (GRIFFIN, 1985, p. 32)?

Não há porque estranhar a absorção dos temores através da nossa herança greco-latina, pois, de geração em geração vêm se completando essas idéias que têm por base um passado que ainda está ao nosso alcance poder reviver, isto é, podemos recorrer aos registros existentes e buscar fatos como os que se seguem: entre os gregos, por ser menos habilidosa **a mão esquerda**, era esta tida como **sem sorte** e, portanto, eufemisticamente rotulada de **a melhor mão**; em latim o termo era **sinister** e, também aqui, temos **a mais vantajosa** como a espantar o seu aspecto negativo. Infelizmente, debalde foram esses esforços, uma vez que prevaleceu a idéia negativa e o termo **esquerda** ainda hoje não é bem visto. Em se tratando de doenças, por não

poderem explicar a **epilepsia** vamos encontrá-la rotulada de a **doença sagrada** pelos gregos por volta do século V a.C. quando então já se escreviam artigos contra essa designação. A **doença sagrada** para os latinos fazia referência a **problemas da pele**. Nenhuma doença era tratada como tal. Entre os gregos e os latinos evitava-se empregar termos reais, objetivos quando o assunto era doença; a referência era um termo como **fraqueza** daí resultando palavras como **inválido**, **enfermaria** (GRIFFIN, 1985, p. 33).

1.1.2. SEXO

Com referência ao segundo tema, **sexo**, **ato sexual** ou **genitália**, há farto material no setor de eufemismos. Observe-se que os eufemismos aparecem e desaparecem com a necessidade do momento vivido por uma determinada comunidade social, necessidade essa que não é a mesma para grupos diferentes. Aquilo que é considerado tabu num grupo social, num momento da vida desse grupo, pode se transformar em algo inconsciente, em parte do imaginário dessa sociedade. É o que nos diz Peter FARB (1978, p. 102), sobre o termo **fuck (foder)**: "Any word is an innocent collection of sounds until a community surrounds it with connotations and then decrees that it cannot be used in certain speech situations; this is what happened when the English speech community relegated **fuck** to forbidden status about 1650. Only by the creation of this taboo did the English community create an obscenity where none existed previously."⁶

⁶ "Qualquer palavra é uma inocente coleção de sons até que a comunidade de falantes a envolve em conotações e decreta que essa palavra não pode ser usada em certas situações; isto foi o que aconteceu quando a comunidade de falantes de inglês relegou **foder** à situação de termo proibido por volta de

Então esses termos passam a ser tratados como elementos integrantes da fala do grupo social que os gerou e que os novos tempos, com nova visão de vida, já não mais os censura; incorpora-os apenas.

Um bom exemplo dessa integração vamos encontrar no *Marriage à la Mode* de Dryden, comédia escrita em 1673 na qual os termos **intrigue** e **amour** aparecem contrastados:

Philotis: 'Tis great pity Rhodophil's a married man, that you may not have an honorable **intrigue** with him.

Melantha: Intrigue, Philotis! that's an old phrase; I have laid that word by: **amour** sounds better.⁷

Burchfield acrescenta: "Mas **intrigue** já é considerada hoje em dia uma palavra mais antiga e, conseqüentemente, arcaica. Isto sem deixar de lado o fato de que as palavras sofrem um desgaste semântico com o passar do tempo" (BURCHFIELD, 1985, p. 15).

O comentário acima difere um pouco do que pensava BLOOMFIELD (1933, p. 401) a respeito do assunto:

"Tabus of indecency do not seem to lead to obsolescence; the tabu-forms are excluded in many or most social situations, but by no means avoided in others. The substitutes may in time become too closely associated with the meaning and in turn become tabu. Our word **whore**, cognate with Latin *cārus* 'dear', must have been at one time a polite substitute for some word now lost to us. On the whole, however, words of this type do not seem especially given to

1650. Só através da criação desse tabu puderam os falantes de inglês inventar uma obscenidade onde antes nada havia."

⁷Philotis: 'Que pena que Rhodophil seja um homem casado e que não possas ter uma honrosa **intriga** com ele.

Melantha: **Intriga**, Philotis! essa expressão está ultrapassada; eu já pus de lado essa palavra: **amor** soa melhor.'

obsolescence."⁸

Voltando-nos para a época greco-latina verificamos que o ser humano sempre recorreu ao uso de eufemismos para fazer referência às partes pudendas e ao ato sexual. Para os agnósticos foi o cristianismo o responsável pelo sentimento de culpa que o Homem passou a ter quanto ao sexo. O que se pode provar, hoje, é que antes do nascimento de Cristo já havia entre gregos e latinos o uso de termos licenciosos conforme a aceitação destes pelo grupo, fazendo-se uso de elementos eufemísticos nos ambientes vedados a essa liberdade. Em latim, referências vagas eram feitas às partes sexuais usando-se **lombo, membro, coxas, estar com uma mulher, conversar com uma mulher**; já em grego dizia-se **Eles estão unidos pelo amor e pelo sono**. As metáforas eram usadas para chamar a atenção, como a expressão **andar a cavalo** para se referir à **relação sexual**, segundo Aristófanos.

Contrariando o que diziam os agnósticos a respeito da existência de palavrões e sexo, estão os papiros encontrados no Egito e, nos quais, numa parte de um poema escrito por Archilochus (650 a.C.), há registro de linguagem sexual em grego arcaico (GRIFFIN, p. 37).

Conta-se que Cícero um dia respondera a um amigo, o qual usara um termo grosseiro numa carta a ele dirigida, mostrando-lhe que certas atitudes inadequadas podiam ser discutidas mas, que outras, aparentemente inocentes, deviam ser evitadas e, em seu lugar,

⁸ "Tabus de indecência não têm tendência a se tornarem obsoletos; as formas tabu são excluídas de muitas ou da maioria das situações sociais, mas jamais evitadas em outras. Com o passar do tempo os substitutos tornam-se intimamente ligados ao sentido original e se tabuizam. Nosso termo **puta**, cognato do latim *cārus* 'querido' deve ter sido um substituto de alguma palavra que perdemos no decorrer do tempo. Em geral, entretanto, palavras desse tipo não são dadas à obsolescência."

serem usados eufemismos, embora a distinção entre obscenidades e eufemismos fosse arbitrária e mudasse com o passar do tempo.

Dizia Cícero: "Nossos antepassados chamavam **rabo** de **pênis** e **pincel** é chamado de **penicillus** porque se assemelha a um rabo; hoje, todavia, pênis é uma palavra indecente" (GRIFFIN, 1985, p. 35).

O termo **occupy** com o sentido de **copular** já aparece no século XVI tornando o seu uso um tabu e levando os falantes a buscar novos elementos para substituí-lo.

A genitália feminina apresenta registros que cobrem todas as letras do alfabeto, como bem o demonstra esta seleção encontrada sob o termo **monosyllable** em SPEARS (1982, p. 268-270):

A-B-C	dumb-glutton	happy valley	Lady Berkeley	pigeon-hole
ace of spades	ell-skinner	harbour of hope	leak	pussy
altar of Hymen	Eve's custom-house	hole of content	little Mary	quimsy
baby-maker	fan	ineffable	lock	rest-and-be-thankful
bee-hive	fanny	instrument	machine	road to heaven
box	female pudendum	itching jenny	main avenue	shell
Brown Miss	fish	jam	Mary Jane	tail-gate
cabbage	flower	jewel	meat	temple of Venus
can	Garden of Eden	Joe Hunt	monosyllable	undertaker
cauliflower	gate-of-plenty	kettle	naggie	virgin-treasure
cock-hall	gear	keyhole	name-it-not	what
daisy	geography	knick-knack	ncther end	works
dead-end street	hairy oracle	ladder	ornament	you-know-what

Em lugar de apresentarmos a tradução de cada um dos termos usados na tabela, por não haver correspondência total nas duas línguas, preferimos recorrer ao *Dicionário do Palavrão e Correlatos*, de Glauco MATTOSO (1990, p.30) o qual, para o verbete

cunt arrolou, em ordem alfabética os seguintes termos em língua portuguesa:

aranha	carne-mijada	greta-garbo	pachoucho	preheca
babaca	chana	grotá	pachucha	prexeca
bacalhau	chavasca	gruta	parte	quirica
barata	chibiu	gruta-do-amor	parte central	racha
bichochota	chinha	inhanha	passarinha	tabaca
bioxota	chochota	lacrãia	perereca	tabaco
boceta	chota	lasca	periquita	xana
bombril	cona	mantegueira	periquito	xereca
brecha	concha	negócio	perseguida	xibiu
buça	cono	nhanha	pito	xinxá
buceta	crica	nica	pixana	xota
buraco	gaveta	pachacha	pomba	xoxota
caranguejeira	greta	pachocho	pombinha	xuxa

A genitália masculina aparece sob o termo **yard**, também de A a Z e em quantidade igualmente numerosa, conforme alguns exemplos aqui relacionados em SPEARS (1982, p. 444-445):

Aaron's rod - Abraham	eye-opner	John Thomas	nose	she
arse opner	family organ	joy-stick	old blind Bob	shaft of cupid
baby maker	fish	Julius Ceasar	one-yeyd worm	tail-tackle
baloney	fool-sticker	key	organ	fhát
Bushbeater	gardener	king member	pencil	Timothy
candle	giggling-pin	knocker	plum-tree shaker	uncle Dick
carrot	grinding-tool	ladies' treasure	prick	unit
cream sticker	hair-splitter	little brother	quickenig-Peg	unruly memberus
dick	hanging John	male pudendum	quimstakeble	vestry-man
doctor Johnson	hot-rod	matrimonial peace maker	rector of the females	virga
drumstick	instrument	mentula	rolling-pin	virile member
eel	Irish root	nebuchadnezzar	rooster	wag
enemy	It	nine-inch knocker	Saint Peter	whore-pipe

Também neste caso, para o verbete **cock**, em língua portuguesa, trouxe Glauco MATTOSO (1990, p. 27) os seguintes

termos em ordem alfabética:

alavanca-de-arquimedes	carimbo	madeira	pau-barbado	pino
aparelho	catano	mala	pau-barbudo	pinto
arame	catatau	malho	pau-de-cabeleira	piroca
arma	catso	mangalho	pau-de-cebo	piru
badalhoco	cazzo	mango	pau-de-fumo	pirulito
badalo	chouriço	manjuba	pé-de-mesa	pissa
bagre	cobra	manzape	peça	pistola
banana	espada	manzapo	peia	pito
barbarroxa	espeto	marsapa	penduricalhos	porraz
bicho	espiga	marsapo	pendurucalhos	porrete
bimba	estaca	marzapo	peru	prativai
bordão	estrovenga	mastro	pica	pua
brachola	ferramenta	mastruço	piça	reta
caceta	ferro	membro	picha	robalo
cacete	fumo	minhoca	pichuleta	rola
caibro	fuso	minhocão	picirica	sarrafo
cajado	ganso	minhocuçu	picroca	seringa
camandro	instrumento	nabo	picolé	tora
cambanje	jeba	negócio	picolé-quente	trolha
cambão	judas	nervo	pila	vara
canivete	lascão	parte	pimba	verga
caralho	lenha	parte central	pingola	vergalho
careca	linguiça	passarinho	pinguelo	

Associe-se a estes os termos que são usados para peças do quarto de dormir, para banheiros, para os chamados não mencionáveis e ter-se-á a posição assumida por um determinado grupo social. **Gay** hoje com o sentido de **homossexual** prevalece sobre o sentido original de **happy** (alegre/contente); **private parts** (partes íntimas) referente à genitália masculina ou feminina, **bosom** (seios), **bottom** (nádegas), **limb** (membros/pernas), **after-part** (traseiro), **copulation** (cópula), **intercourse** (relação sexual) são exemplos de termos criados para disfarçar nomes mais diretos na indicação de partes ou funções do ser humano que a sociedade já considerou tabus.

1.1.3. MORTE

Outra das prováveis causas do surgimento dos eufemismos refere-se à **morte**, para alguns o maior insulto aos vivos, sempre a lembrar o que se deseja esquecer. Referências indiretas feitas a esse processo de encerramento do período vital encontram-se em toda a história do ser humano. Por alguma razão todos evitam falar na morte receosos de vir a defrontá-la. Se mencionar as forças da natureza, as divindades, significava dar-lhes vida, temia-se a morte (sua presença) e, portanto, era ela mencionada eufemisticamente. Bloomfield registrou, quanto a essa palavra, parte dos motivos porque os termos relativos à morte são substituídos (1933, p. 400-401):

'Words that are under a ritual or ill-omened tabu, are likely to disappear.' E exemplifica: "It may be due to a ritual or hunters' tabu that the Primitive Indo-European word for 'bear', surviving in Sanskrit [rksah], Greek [arktos], Latin *ursus*, has disappeared in Germanic and in Balto-Slavic."⁹

Mais adiante, diz:

"One can often observe people avoiding unpleasant words, such as **die, death** — these words in pre-Germanic replaced the Primitive Indo-European term represented by Latin *mori* 'to die' — or names of serious diseases. The term *undertaker* was, to begin with, vaguely evasive, but the undertakers are now trying to replace it by **mortician**. In cases like these, where the unpleasantness inheres in

⁹ "As palavras usadas num ritual ou as consideradas tabus de mau agouro tendem a desaparecer." E exemplifica: "É possível que devido a ser um termo tabuizado pelo uso em rituais ou por caçadores, a palavra 'urso' no Indo-Europeu primitivo, embora sobrevivesse em sânscrito [rksah], em grego [arktos], em latim *ursus*, tenha desaparecido nas línguas germânicas e nas balto-eslavas."

the practical situation, the speech-form becomes undesirable as soon as it is too specifically tied up with the painful meaning."¹⁰

Pode-se achar que usar eufemismos é querer lidar contra essas forças, essas divindades, como se o fato de sobre elas falar enfraquecessem-nas — uma batalha na qual as armas são as palavras. Daí encontrar-se já no latim o termo designativo de **leito de morte** como o sendo **leito da vida**; **morrer** como **emigrar**, **retornar à natureza**; e expressões no latim e no grego como **se algo acontecer a mim** para evitar **se eu morrer**, **pagar o débito devido à natureza**, **dar o último suspiro** ou, simplesmente, **expirar**. Ginette Demers diz que: "Cicéron, après l'exécution des complices de Catilina, en annonce la nouvelle au Sénat par le célèbre: "Ils ont vécu."¹¹ e, assim evitou usar um termo mais revelador, mais brutal (DEMERS, 1991, p. 19). O próprio Cícero definia a **morte** da maneira mais velada possível: **cair no sono em meio aos sofrimentos da vida e, com os olhos cerrados ser acalentado no sono eterno**. Uma outra expressão em uso era **ir ao encontro de seu destino** expressão essa que passou a ser usada apenas em sua parte inicial — **ir ao encontro** — *obire*, em latim, de onde nos chegou **obituário**.

Quanto à realização do enterro, não só em grego mas também em latim, o termo usado era **conduzir** não se objetivando o que/quem; muitas vezes os gregos recorriam a expressões indiretas como **cuidar-se de** ou **a cerimônia adequada**; já em latim o termo era

¹⁰ "Observa-se que as pessoas evitam palavras desagradáveis, tais como **morrer**, **morte** - estas palavras no pré-gemânico substituíram o termo do primitivo indo-europeu pelo termo latino *morī* 'morrer' — ou nomes de doenças graves. O termo *undertaker* (*agente funerário*) era, no começo, vagamente evasivo, mas os agentes funerários estão tentando substituí-lo por **mortician** (**empresário de pompas fúnebres**). Nestes casos, nos quais o que é desagradável é inerente à situação prática, a palavra se torna indesejável tão logo esteja intrinsecamente ligada ao sentido inicial."

¹¹ "Cícero, quando da morte dos cúmplices de Catilina, anunciou apenas "Eles viveram."

exequiae que queria dizer **o cortejo que segue**; aqui também não se mostrava de modo objetivo a que/a quem o cortejo seguia. Continuava-se a evitar qualquer menção à morte. Veja-se um outro exemplo: **ser decapitado**, para os romanos, era expresso em **ser levado** — ninguém mencionava o destino; para os gregos, **dar cabo da vida** aparece como **dispor-se de/despachar**. E ninguém melhor para dispor ou despachar alguém do que um **servidor público**, ou seja, **o carrasco** (GRIFFIN, 1985, p. 32-43).

A própria palavra **cemitério**, em grego *koimeterios*, trazia o sentido de **lugar para dormir**, já era um eufemismo. Na constante tendência de evitar-se mencionar fatos desagradáveis temos **executive action** (execução) em lugar de **murder** (assassinato); **interred** (enterrado) que substitui **buried** (sepultado); **casket** (ataúde) que substitui **coffin** (caixão-de-defunto); **the deceased** (o finado) e **the dear departed** (o ente querido que se foi) que substituem **the dead** (o morto). A guerra e a política também se constituem em excelentes geradoras de eufemismos sobre a morte. Um bom exemplo disso, usados durante a guerra, na primeira metade deste século, são os **H.R's** (horizontally repatriated/repatriados horizontalmente) **W.I.A's** (wounded in action/feridos em combate); **the weeklies on the rack**/os **semanais estão no quadro de aviso** **dead and wounded figures have been posted** (os números dos mortos e feridos foram afixados). Em política torna-se mais interessante ao governo usar expressões que ocultem seus objetivos mortíferos como nos exemplos que se seguem: "gelled gasoline fluid" (gasolina gelatinosa) como **napalm**, "experiments with bombs" (experiências com bombas) como

operation sunshine (operação luz solar/alegria), "bombing errors against friendly villages" (erros de bombardeios contra vilas aliadas) como **navigation misdirections** (alvos mal calculados), embora se saiba que dar nomes diferentes a uma realidade não transforma essa realidade em um fato novo. Infelizmente, sugere POSTMAN (1976, p. 419), "this sort of process — giving pretty names to essentially ugly realities — is what has given euphemizing such a bad name."¹². É por isso que a partir do momento em que uma palavra se torna proibida de uso pelo grupo social a que pertence, surge logo uma outra para substituí-la. Esta nova palavra, um eufemismo que ameniza o significado original, entra em funcionamento até o momento em que o sentido original se incorpora a ela e demanda a criação de uma substituta.

Registre-se que, em português, tal como em inglês, os eufemismos sobre os vários passos, da morte ao sepultamento, constituem uma gama variada de termos e expressões, a partir de **sepultar** e **inumar** para substituir o termo **enterrar**. Para o termo **morto** encontra-se **falecido**, **finado**, **defunto**, **extinto**, **os restos mortais**. A **sepultura** tem como eufemismos a **campa**, o **jazigo**, o **túmulo**, a **última morada**, a **última jazida**. Para **cemitério** usa-se **campo santo**, **cidade dos mortos** ou, tal como o faziam os gregos, **dormitório**. Termos como **ataúde**, **esquife**, **féretro**, **urna funerária** são usados em lugar do termo comum **caixão**. O **funeral** é substituído por **cortejo fúnebre** e, para o **carregador** do caixão, não como eufemismo, encontra-se **gato pingado** e **urubu** (registrado no

¹² "este tipo de processo — dar nomes bonitos a realidades essencialmente horrorosas — é que tem dado à eufemização uma péssima conotação"

Maranhão por Domingos VIEIRA FILHO, citando J. Niepe da Silva, 1921, *Aspectos do Norte*, p. 115).

1.2. TABUÍSMO

Ao estudarmos eufemismos deparamo-nos com o fato de serem os mesmos muitas vezes o resultado de proibições impostas a um determinado grupo social. Essas proibições fazem referência a comportamentos e atitudes dos membros do grupo ou se referem a termos por eles proferidos. Por serem interdições, esses termos passam a ser considerados tabus pelo grupo social que os gerou e a terem um espaço de vida também determinado pelo grupo.

Para GUÉRIOS (1979, p. 1), tabu é a abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais atos, **ficam sujeitos a desgraças** (grifo nosso) a coletividade, a família ou o indivíduo.

O termo tabu é originário de Tonga, uma das ilhas da Polinésia cuja língua pertence ao grupo das Austronésicas Orientais ou Oceânicas. Vale notar que em Tonga o termo era tapu (ENCYCLOPAEDIA Britannica, Macropedia, 1976, v. 2, p. 493) e que, provavelmente, por ter sido trazido ao Ocidente pelo Capitão James Cook (1728-1779) ele o tenha entendido como tabu, fenômeno esse explicável fonologicamente. Cook o definia como tendo um sentido abrangente mas, que no geral, significava algo proibido (GUÉRIOS, 1979, p. 2). Essa mesma dúvida é apresentada por FREUD (1950, p. 18), que, assim o define: "O sentido da palavra tabu, como nós o vemos, parte em duas direções opostas. Para nós significa,

de um lado, "sagrado", "consagrado" e, de outro, "misterioso", "perigoso", "proibido", "impuro". Nossa colocação "holly dread" (santo temor) é a que mais se aproxima do sentido de tabu". A ambivalência contida no significado do termo tabu é vista por WAGNER & RADNER (1986, p. 403), como uma antítese que se auto complementa "so that the objects of veneration become objects of aversion"¹³. Esse conceito de **sagrado-proibido** ou **proibido-sagrado** é explicitado por GUÉRIOS (1979, p. 1), quando afirma que "existem objetos-tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas de que não se deve avizinhar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabus que não devem ser proferidas. Além disto, há pessoas-tabus e situações ou estados-tabus.". Há um grande número de exemplos a justificar esses tabus. No que diz respeito a palavras-tabus, se considerarmos nomes de pessoas, vamos registrar que nas sociedades da Oceania nomes próprios são palavras comuns e, quando os nomes são tabuizados, as palavras também o são. Outras vezes, por ter uma pessoa o mesmo nome de alguém que faleceu, a pessoa viva deve substituí-lo até mesmo quando os nomes são apenas foneticamente parecidos. Entre os falantes das línguas Kimberley as **pessoas cujos nomes se tornaram tabus** são chamados de **nyapurr (sem nome)**! Um outro exemplo curioso é o retorno a um grupo social do uso de um nome, anteriormente banido por ter sido tabuizado, através do empréstimo de dialetos de uma outra língua na qual jamais haviam sofrido discriminação. Keith Allan (ALLAN & BURRIDGE, 1991, p. 34-6) assim justifica: entre as comunidades aborígenes australianas qualquer item do vocabulário que seja foneticamente

¹³ "de modo que os objetos de veneração se tornam objetos de aversão"

semelhante ao nome de uma pessoa falecida torna-se proscrito. E exemplifica: ao morrer alguém de nome **Ngayunya**, falantes dos dialetos da língua do Deserto Ocidental procuraram substituir o pronome **ngayu** — que quer dizer **eu/me** — por **ngankyu**; ao ser este nome interditado, substituíram-no por **mi** (por associação ao pronome **me** do inglês) e, também, por nada menos que **ngayu** tomado a dialetos nos quais esse termo jamais fôra considerado tabu.

Um outro exemplo, em culturas primitivas, é o que nos oferece Peter FARB (1978, p. 88) ao relatar o que se passa com os nupes da África Ocidental. Considerados o mais pudico povo no mundo, recorrem eles aos tabus lingüísticos quando se vêem em situações por eles tidas como embaraçosas. Para isso o circunlóquio, o empréstimo ou o termo técnico empregado pela classe erudita desempenham papel relevante. Senão, vejamos: os nupes não falam em relação sexual mas, ao precisar fazê-lo, o termo para **relação sexual** é tomado emprestado ao árabe usando-se um termo que significa **ligar, conectar; defecar, menstruação, sêmen** são também tomados ao árabe e se definem através de eufemismos explicativos; **vagina** que em nupe é **dzuko** mas que esses falantes não o empregam é sempre substituído por **kafa**, já por si um empréstimo.

Na cultura ocidental, vamos encontrar nos tabus lingüísticos (expressão cunhada por João da Silva Correia, da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1927) os meios necessários para evitar falar-se no que o grupo social decidiu proibir. Nada melhor que os tabus supersticiosos que foram rotulados de **eufemismos de superstição e piedade** pelo próprio João da Silva Correia, na

classificação feita em seu livro *O Eufemismo e o Disfemismo na Língua e na Literatura Portuguesa* (GUÉRIOS, 1979, p. 9). Passemos a alguns exemplos do tipo eufemismo de superstição.

Por ser considerada blasfêmia dizer o nome de Deus, os judeus escreviam, sem as vogais, **Y H W H** e liam com a pronúncia **Adonai** cujo significado é **Lord (Senhor)**. Daí porque, para os cristãos, emprega-se **Senhor** e não **Jeová**. Adonai, já por si um eufemismo, registra também **Adoshem** e **Ha shem (o Nome)**. Até a palavra **God** é escrita pelos judeus sem a vogal: **G-d!** **IHS** é para os católicos e anglicanos **Jesus** em grego, **in Hoc signo (neste signo)** em latim ou **in His service (a Seu serviço)** em inglês. E Keith Allan pergunta: são eufemismos, etimologia popular ou completa ignorância (ALLAN & BURRIDGE, 1991, p. 37)?

Além desses, **Gee!**, **Jeepers Creepers!**, **For Chrissake!**, **Jiminy Christmas!**, **Cripes!** são usados em lugar do termo **Jesus**. **The Deuce** (através do francês **Deus**) para designar **o demônio**; **Heck!**, em lugar de **hell (inferno)**, estes substitutos em lugar dos nomes verdadeiros por serem, no caso, considerados sagrados.

Não se sabe quando traçar uma linha demarcatória entre tabus e eufemismos. Para FARB (1978, P. 87), o eufemismo "is a compensating strategy in language to skirt the taboo word; the term is derived from Greek and means 'good speak'"¹⁴. Já para Keith Allan (ALLAN & BURRIDGE, 1991, p. 11), ainda ligado à idéia de tabu, apresenta o termo eufemismo como "a euphemism is used as an alternative to a dispreferred expression, in order to avoid possible loss

¹⁴ "o eufemismo é uma estratégia de compensação na língua para afugentar o termo tabuizado; o termo deriva do grego e significa 'bem falar'"

of face: either one's own face or, through giving offense, that of the audience, or of some third party"¹⁵ em que a expressão "dispreferred expressions" (expressões não aceitas) é entendida como "taboo topics" (tópicos tabu) para o que o termo tabu significa, no seu conceito original, "prohibited behavior" (comportamento proibido). Como o que é tabu envolve a idéia de interdições, nenhum autor pode precisar quando o tabu exige a criação de um eufemismo, uma vez que quando um grupo social começa a recusar-se a proferir um determinado termo (ou a fazer um certo gesto, ou a comer um certo animal, ou uma certa fruta) instintivamente surge um outro termo, muitas vezes com sentido mais ameno mas, nem por isso, isento de adquirir as conotações que veio substituir. Não se conhece o quando; sabe-se apenas que, num determinado momento, as interdições encontraram uma forma velada de se fazerem presentes...

1.3. TOTEMISMO

Para se compreender a idéia de tabu como é interpretada pelos austronésicos, deve-se antes tomar conhecimento do que representa o totemismo para esses habitantes dos Mares do Sul, e que substitui as instituições religiosas e sociais.

Este conhecimento se baseia num estudo realizado por FREUD (1913, p. 1-17) e que tem por objeto os aborígenes da Austrália considerados, pelos antropólogos no início do século XX, o povo mais primitivo de que se sabia existir. Essa classificação devia-

¹⁵ "o eufemismo é usado como alternativa a uma expressão não aceita, a fim de evitar uma possível perda de prestígio: a própria ou, através da ofensa, a da platéia ou de um terceiro grupo"

se ao fato de não apresentarem esses aborígenes qualquer parentesco com os demais povos da Austronésia, ou seja, os melanésios, os polinésios, os malaios. Nômades, esses aborígenes viviam da caça e se alimentavam de raízes. Não possuíam reis, ou chefes, porém, eram regidos por um conselho de anciãos para suas decisões comunitárias. Dividiam-se em pequenos grupos, os clãs, ligados diretamente a um totem, isto é, um animal (manso e comestível ou perigoso e temido), uma planta ou, ainda, um fenômeno da natureza (chuva).

O totem é o ancestral comum do clã; é o seu guia espiritual, aquele que protege os seus membros e com os quais mantém um vínculo especial. Em troca, o totem deve ser preservado. A qualidade característica de um totem é inerente a todos os membros de um mesmo clã, não a um indivíduo ou a um animal em particular e explica o pavor que têm de uma relação incestuosa. Outra característica do totem é que ele não está ligado a uma região ou, a um lugar, podendo membros de diferentes clãs conviver harmoniosamente, lado a lado.

Entre os aborígenes australianos e seu totem existe uma relação que é a base de suas obrigações sociais — ela transcende à sua filiação tribal e aos seus laços consangüíneos. É uma relação mais forte, diz J. G. Frazer (FREUD, 1950, p. 3), que os laços de sangue ou os laços de família, como entende a sociedade do mundo ocidental.

O que mais atraiu a atenção de Freud no sistema totêmico foi a exogamia (FREUD, 1950, p. 4), uma lei que proíbe relações sexuais entre os membros de um mesmo clã e cuja violação é punida com a morte. Aparentemente, essa proibição não é um produto do

totemismo, mas foi por ele adotado quando as restrições ao casamento intra-membros se tornou patente. Ressalve-se aqui o fato de serem os totens hereditários e não mudarem com o casamento. Assim, aqueles cuja descendência se dá através da linhagem feminina pertencem ao totem da mãe, não ao do pai. O filho nascido dessa união está proibido de manter relações sexuais com a mãe ou com as irmãs. Se a descendência se dá através do totem masculino, todos os filhos pertencem a esse totem e o filho pode manter relações com a própria mãe e com as irmãs já que estas pertencem a um totem diferente. Por razões semelhantes o pai pode manter relações sexuais com as próprias filhas. Tudo leva a crer ser a linhagem feminina mais antiga e essas restrições buscarem proteger a mãe dos desejos incestuosos do filho. Essa proteção não é, todavia, a razão única pois são parentes consangüíneos todos os membros próximos ou distantes de um determinado totem; o pavor ao incesto torna-se inexplicável quando se sabe que os laços de sangue podem também ser substituídos por vínculos ao totem.

Os termos usados nas tribos australianas para expressar o grau de parentesco mostram um vínculo não entre dois indivíduos, mas entre um indivíduo e o seu grupo. É o sistema "classificatório", segundo L. H. Morgan (FREUD, 1950, p. 6). Esse vínculo se reflete no uso lingüístico desses termos, por exemplo: para um jovem, o termo **pai** designa o **pai verdadeiro e todos os homens que, pelas leis tribais, pudessem ter casado com sua mãe e se tornado seu pai**; por **mãe** designa-se a **mãe verdadeira e todas as mulheres que poderiam tê-lo procriado**; **irmão e irmã** são designativos não só dos **irmãos consangüíneos** mas dos **filhos dos possíveis pais e mães**. Vê-

se, portanto, que o parentesco resulta de relacionamentos sociais ao invés de relacionamentos físicos. Estas designações parecem ser o resultado de antigos casamentos grupais que, embora tenham desaparecido, os termos usados nesse tipo de casamento se mantiveram através dos tempos.

Há ainda a observar a existência de certos hábitos no tratamento entre parentes próximos, hábitos reforçados por uma severidade religiosa e providos de objetivos bem definidos. Tais hábitos são as interdições.

Um exemplo dessas interdições é o que ocorre na ilha Lepers, uma das ilhas das Novas Hébridas: quando o jovem atinge a puberdade, muda-se para um "club-house" (alojamento). Se voltar à sua casa para pedir uma refeição e lá estiver sua irmã, retornará sem a comida; se ela estiver ausente, sentar-se-á próximo à casa para fazer a refeição. Se a vir em público, ela deverá esconder-se. Se vir pegadas no chão e reconhecer serem de sua irmã o jovem deverá desviar-se desse caminho o mesmo acontecendo com ela. O jovem não deverá pronunciar o nome de sua irmã nem parte dele, se este fizer parte de um nome maior. Estas interdições têm início com as cerimônias de puberdade e se mantêm para o resto da vida. Em relação à mãe, a reserva entre ela e seu filho aumenta à proporção que cresce o jovem. Essa reserva deve ser muito maior por parte da mãe. Se esta lhe trazer comida, por exemplo, deixa-la-á no chão para que ele a apanhe. A mãe não se dirigirá ao filho diretamente mas o fará usando formas no plural.

Exemplos como esse se multiplicam entre os nativos da Nova Caledônia, da Península Gazelle na Nova Bretanha, da Nova

Macklenburg, das Ilhas Fiji, entre os Batta da Sumatra, os Barongs da Baía de Delagoa na África do Sul, os A-Kamba da África Oriental Britânica. Curioso é observar-se que, nas Ilhas Fiji, essas interdições atingem tanto as irmãs consangüíneas quanto as irmãs tribais o que, todavia, não impede seus habitantes de organizarem orgias ditas sagradas nas quais se busca exatamente a relação sexual que é o objeto da interdição.

É, no entanto, no relacionamento sexual com as sogras que se encontra a mais severa dessas interdições. Há registros do mesmo entre os povos da Austrália, da Melanésia e entre os negros da África onde ainda se comprova a existência de traços do totemismo e do sistema classificatório. As interdições vão do evitar-se aproximações, olharem-se, falarem-se à distância, a jamais mencionar o nome do genro, esconder-se para evitar dirigir-se-lhe a palavra, não entrar na mesma casa, conversar em cômodos diferentes etc.

Nas chamadas sociedades civilizadas a relação genro-sogra é um dos pontos sensíveis da organização familiar. Não existem interdições dos tipos acima mencionados mas, se existissem, fatos muitas vezes desagradáveis poderiam ser evitados como as eternas piadas sobre as sogras. É uma relação ambivalente na qual afeição e hostilidade se revezam. A explicação encontrada por Freud é ser isto possível por, como regra geral, o amor do jovem se centrar inicialmente na mãe e na irmã para, só depois, fixar-se na escolhida. Daí a substituição pela figura da sogra.

A possibilidade da existência de um fator incestuoso é o que proporcionava, aos selvagens, o motivo para o estabelecimento de regras de interdições entre sogra e genro, regras essas que, para Fison

(FREUD, 1950, p. 16) são simplesmente uma proteção a mais contra a ocorrência do incesto. A diferença está no fato de, entre membros consangüíneos em que essa possibilidade existe, a tendência à prevenção ser consciente; nos outros casos essa possibilidade representa a tentação de uma fantasia posta a funcionar por meio da ação de elos interligados de forma inconsciente.

1.4. HISTÓRIA

Os motivos que dificultaram a reconstrução da história dos eufemismos em língua inglesa, isto é, a precariedade de material disponível — citações de obras tais como livros, peças, artigos de jornal, poesias, artigos em revistas especializadas; a compreensão do momento em que o termo ocorreu e a interpretação do sentido do termo no tempo decorrido — também nos impediram de proceder a um levantamento da história dos eufemismos em língua portuguesa. Sabemos que os primeiros estudos sobre este assunto foram feitos por João da Silva Correia, em 1927, em Portugal (GUÉRIOS, 1979, p. 5) mas, infelizmente, não tivemos acesso mais que às páginas 455-456 citadas. Nelas, também, as referências ao passado são breves e exemplificadas em várias línguas. Procuramos, não obstante, preencher essa lacuna e, pelo menos, trazer a história dos eufemismos em língua inglesa pois, estudar eufemismos, hoje, requer analisá-los no **como**, no **quando** e no **porque** da sociedade que os produziu, sem cuja visão de conjunto não será possível entendê-los.

Costuma-se associar o surgimento de eufemismos em língua inglesa à invasão da Inglaterra pelos normandos em 1066.

Nessa época viram-se os ingleses diante de uma sociedade que lhes obrigava distingüir entre o grupo social ao qual não pertenciam e que usava termos refinados, eruditos, de origem latina e o grupo social do qual faziam parte e que usavam termos rudes, de origem anglo-saxônica, pouco aceitos pela nova classe social que se estava estabelecendo. A classe dominante, vencedora, impôs a sua língua, separando-se, desse modo, da classe vencida, baixa, inculta. Por essa razão, diz Peter FARB (1978, p. 89) "a duchess perspired and expectorated and menstruated while a kitchen maid sweated and spat and bled"¹⁶. Na sociedade que emergiu após a chegada dos conquistadores observou-se um gradativo aprendizado no comportamento dos conquistados, buscando estes expressarem-se no vocabulário mais elaborado de que agora dispunham. Um exemplo muito citado dessa mudança encontra-se, ainda hoje, nos termos usados em referência às carnes — **cows (de vaca), calves (de vitela), swine (de porco) e sheep (de carneiro)**, que à mesa, tornam-se **beef, veal, pork e mutton**" (FARB, 1978, 89). E finaliza: "And whenever the speech community must discuss anything it deems unpleasant, the discussion is acceptable on the condition that it is carried on in the elegant vocabulary bestowed on English by the Normans"¹⁷. O tempo incorporou-os sem deixar rastros quanto aos motivos de seu uso; hoje, sabe-se apenas que, à mesa, deve-se usar um outro termo. Para BURCHFIELD (1985, p. 20-22) é devido a ausência de documentação escrita que pouco se pode provar quanto ao uso de eufemismos pelos

¹⁶ "uma duquesa transpirava, expectorava e menstruava enquanto que uma ajudante de cozinha suava, cuspiu e sangrava"

¹⁷ "E quando a comunidade precisa discutir algo desagradável, a discussão é aceita sob a condição de ser conduzida no elegante vocabulário outorgado ao inglês pelos normandos"

anglo-saxões, no período que precede a invasão normanda. Sempre os houve referentes ao corpo humano e suas funções o que causou espécie quando da necessidade de sobre o assunto fazer-se qualquer referência. Ir ao banheiro traz a palavra **latrina** como **heolstor** que significava **lugar para esconder-se**. Sem dúvida alguma é a **morte** outra fonte de eufemismos uma vez que a ela as pessoas se referiam como **viagem alhures/journey elsewhere, separação da vida/separation from life, queda na batalha/to fall in battle**. Uma fonte perene de criação de eufemismos então, como hoje, é a classe médica, sempre exposta a tratar do corpo humano e às suas partes referir-se de forma disfarçada. Daí **gesceapu** (forma, algo feito, formado) indicar **partes pudendas**, **getawa** (instrumentos) e **geweald** (poder, controle) sugerirem **genitália masculina** e **gecyndelic**, **genitália feminina**. À **relação sexual** atribuíam os anglos expressões como **coabitação, diversão, companheirismo**.

Antes que surgisse o termo eufemismo propriamente dito, o seu uso já era registrado, principalmente em linguagem escrita. Coube ao poeta Chaucer (NEAMAN & SILVER, 1984, p. 3-4) introduzir esse uso ao tentar reproduzir as falas dos representantes da sociedade anglo-saxã no seu livro *The Canterbury Tales (Os Contos da Cantuária)*. O mais citado desses contos, *The Wife of Bath (A Esposa de Bath)* apresenta a personagem central descrevendo cenas de sexo com muita naturalidade mas, para Neaman & Silver ela é "actually a mistress of sexual euphemism"¹⁸. Para estas autoras a esposa de Bath faz referências indiretas ao sexo para ampliar, multiplicar, divertir, seduzir, nunca porém para evitá-lo. É esta

¹⁸ "na realidade uma professora em eufemismo sexual"

tendência ao circunlóquio, à informação indireta, que se vai concretizar em Shakespeare no decorrer no século XVI, não por restrições a ele impostas mas, essencialmente, porque aos cortesãos melhor interessava a insinuação que a afirmação explícita. A sociedade era, então, receptiva. As peças de teatro, por viajarem de um vilarejo a outro para apresentações em logradouros públicos, antes que chegassem às igrejas e aos teatros especialmente construídos, eram escritas para serem entendidas pela classe inculta também. Havia, portanto, uma liberdade dissimulada no uso da terminologia descritiva de partes do corpo ou de suas funções. Em *Love's Labor's Lost* (*O Trabalho do Amor Perdido*), um dos primeiros trabalhos de Shakespeare, fica patente essa dissimulação. O trocadilho tem, aí, uma bela exibição:

"Two nobles watch unseen as the Spaniard affectedly compliments the Princess:

Armado.....: - I do adore thy sweet Grace's slipper.

Boyet (aside to Dumain): Loves her by the foot.

Dumain (aside to Boyet): He may not by the yard."¹⁹

"For some two hundred years, **yard** was the favorite euphemism for the **penis** — a sheer case, of course, of masculine arrogance" (SHIPLEY, 1977, p. 170).²⁰

De acordo com o exposto, fazia-se uso de eufemismos porém não se usava o termo — **eufemismo** — que, ao que tudo indica NEAMAN & SILVER (1984, p. 4), foi empregado pela primeira vez

¹⁹ "Dois nobres observam, sem serem vistos, quando o espanhol afetadamente cumprimenta a princesa:

Armado...: Eu realmente adoro a sandália de Vossa meiga Alteza.

Boyet (à parte, a Dumain): Ele a ama pelo pé.

Dumain (à parte, a Boyet): Talvez não o faça pelo pênis."

²⁰ "A palavra **yard** foi por cerca de 200 anos o eufemismo preferido para **genitália masculina**, um caso evidente de arrogância masculina." Chamamos atenção para os termos **foot** e **yard** que são usados como medidas de cumprimento.

em língua inglesa nos começos de 1580 por George Blount que o definia como "a good or favorable interpretation of a bad word".²¹

Já BURCHFIELD (1985, p. 13) difere quanto ao nome e data. Diz ele: "The word **euphemism** is first recorded in English in Thomas Blount's *Glossographia* (1656), where it is defined as a good or favourable interpretation of a bad word."²²

Após a liberalidade com que os ingleses se defrontaram durante e depois da época de Chaucer, a classe média emergente dá início à sua separação da classe inculta gerando uma discriminação que iria criar camadas sociais bastante distintas — um verdadeiro distanciamento social nascido da imitação recíproca e do afastamento do grupo a que essa classe média anteriormente pertenceu.

Fala-se muito a respeito desse movimento que antecedeu a era dita vitoriana. Não se pode precisar quando o mesmo teve início mas sabe-se que, na segunda metade do século XVIII, sua presença já se fazia sentir. As pessoas gradualmente se modificavam e o novo século encontrou a Inglaterra numa efervescência como a se libertar de um passado em que larga faixa da sociedade era desprezada por suas atitudes sociais pouco elogiosas.

Parte dessa mudança encontra pontos de referência bastante definidos: o renascimento religioso na Nova Inglaterra por volta de 1730 e conhecido como O Grande Despertar; a revitalidade do Metodismo na Inglaterra mais ou menos à mesma época; a industrialização norte-americana com a criação de fábricas têxteis trazidas à América por Samuel Slater a partir de similares inglesas; a

²¹ "a interpretação boa ou favorável de uma palavra ruim"

²² "A palavra **eufemismo** foi registrada pela primeira vez em inglês no *Glossographia* (1656) de Thomas Blount, que o definia como a interpretação boa ou favorável de uma palavra ruim."

invenção da imprensa a vapor permitindo ao jornal *The Times*, londrino, um grande feito tecnológico com a média de 1.100 impressões por hora, em 1814; e, acima de tudo, o sentimento de igualdade que, nos Estados Unidos, trouxe no seu bojo um grande respeito pela mulher (RAWSON, 1981, p. 7). Todos estes fatores como que anteciparam a chegada da Era Vitoriana com a subida ao poder, em 1837, da Rainha Vitória, poder no qual se manteve por 64 anos, até 1901, ano de seu falecimento. Durante esse tempo, dirigiu com vontade férrea o seu reino. Este foi um período que se caracterizou essencialmente por uma moral rígida na qual, além da repressão sexual, a classe média desejosa de ascensão social submeteu-se aos modos, ao trajar, à religião, aos hábitos pessoais e às aquisições materiais. Do povo rude, inculto, de maneiras grosseiras, licencioso, surge a figura refinada, bem vestida e excessivamente recatada à qual fora dada a oportunidade de progredir e de galgar degraus mais elevados graças à independência econômica nunca antes alcançada. Valorizou-se a instrução, o requinte, tudo o que favorecesse a respeitabilidade. Os padrões da época eram impostos pela rainha mas também buscados pela classe média bastante ampla, ansiosa por uma vida em patamares mais elevados. Os pobres não tinham vez. A nova classe distanciava-se primordialmente pela fala e por uma pudicícia que chegou às raias do exagero. Como registro desse comportamento conta-se o fato de alguns fazendeiros usarem o termo **bosom** (**seios**) para os arados em substituição a **breast** (**peito**). Na esteira desse recato exagerado vamos encontrar também **donkey** (**burro**) para evitar **ass** (**asno/ânus**), **drumstick** (**coxa de peru/baqueta**) em lugar de **leg** (**perna**), **limb** (**membro inferior**)

substituindo **leg** (perna humana), **unmentionables** (não mencionáveis), **indescribables** (não descritíveis), **inexpressibles** (inexpressíveis) impedindo o uso de **trousers** (calças) e **breeches** (ceroulas). Eufemisticamente usados nos ambientes sociais sofisticados mantinham-se esses termos sem disfarce nos demais ambientes. Como soe acontecer, a reação dos membros das classes menos favorecidas foi, cada vez mais, distanciar-se dos mais afortunados evitando qualquer tipo de comparação com a classe que os desprezava e que sabiam estar fundamentada em meras aparências. É por esta razão que a era vitoriana traz consigo uma forte conotação de hipocrisia (SPEARS, 1982, Intr. XIV/XV).

Foi nessa época que dois fatos bastante significativos tiveram lugar. O primeiro refere-se ao enxugamento realizado nas obras de Shakespeare: em 1807 os irmãos Thomas e Henrietta Maria Bowdler publicaram o livro *The Family Shakespeare (Shakespeare para a Família)* no qual faziam o expurgo das obras do Bardo. Na segunda edição ampliada, em 1818, declaravam no prefácio que o objetivo de ambos fora omitir "those words and expressions... which cannot with propriety be read aloud in a family"²³. Infelizmente todo o crédito desse trabalho jamais foi atribuído a Henrietta que não após a sua assinatura "por não querer admitir publicamente ter conhecimento de tudo aquilo sob sua censura". Consistiu essa censura em substituir expressões **inadequadas** por outras **simples, inofensivas**:

"in *Antony and Cleopatra*, I.i.10, 'a gipsy's lust' became in Bowdler's version 'a gipsy's will'; in *Othello*, v.i.36, 'Thy bed, lust-stain'd, shall

²³ "aquelas palavras e expressões... que não podem ser lidas em voz alta, adequadamente, no ambiente familiar"

with lust's blood be spotted' became 'Thy bed, now stain'd, shall with thy blood be spotted'; and in *Hamlet*, v.ii.64, 'He that hath kill'd my king and whor'd my mother' became 'He that hath kill'd my king seduc'd my mother'. Elsewhere passages were simply removed from the text. Thus 'Royal wench! She made great Caesar lay his sword to bed. He ploughed her, and she cropp'd' (*Antony and Cleopatra*, II.ii.230-2) appeared in Bowdler's text only as 'Royal wench! She made great Caesar lay his sword to bed'." (BURCHFIELD, 1985, p. 14)²⁴.

Posteriormente Eric Partridge (SHIPLEY, 1977, p. 169) escreveu um livro sobre o lado libertino de Shakespeare, a faceta que os Bowdlers haviam condenado e submetido à censura. É o *Shakespeare Bawdy (Shakespeare Libertino)*, que, em sua versão original continua à disposição dos consultantes.

O outro fato diz respeito ao expurgo da Bíblia, a versão King James de 1611. Esse trabalho foi executado por Noah Webster por volta de 1833 e que assim justificou a tarefa (RAWSON, 1981, p. 7): "Purity of mind is a Christian virtue that ought to be carefully guarded; and purity of language is one of the guards which protect this virtue".²⁵

Pela exposição destes dois fatos evidencia-se que não se

²⁴ "em *Antonio e Cleopatra*, I.i.10, 'a luxúria de uma cigana' tornou-se na versão de Bowdler, 'o desejo de uma cigana'; em *Otelo*, v.i.36, 'À tua cama maculada pela luxúria deverá ser manchada com o sangue da luxúria' tornou-se 'À tua cama, agora maculada, deverá ser manchada com teu sangue'; e em *Hamlet*, v.ii.64, 'Aquele que matou meu rei e estuprou minha mãe' tornou-se 'Aquele que matou meu rei e seduziu minha mãe'. Em outros locais trechos foram simplesmente removidos do texto. Assim 'Vagabunda real! Ela fez o grande Cesar colocar sua espada na cama. Ele a possuiu e ela se entregou' (*Antonio e Cleopatra*, II.ii.230-2) apareceu no texto de Bowdler apenas como 'Vagabunda real! Ela fez o grande Cesar colocar sua espada na cama'."

²⁵ "Pureza de espírito é uma virtude cristã que deve ser cuidadosamente guardada; e pureza de linguagem é um dos guardiãs a proteger essa virtude."

assiste a Shakespeare no original nem se lê a Bíblia da maneira que suas mensagens foram escritas — a pudicícia reinante na era vitoriana achou por bem não só amenizar os termos como até excluí-los — enfatizando o que foi apresentado linhas acima: a dependência do momento e da interpretação do grupo social que a determina.

1.5. GLORIFICAÇÃO DO LUGAR COMUM

Outro assunto confundido com eufemismo é o que se veio a chamar a **glorificação do lugar comum** pelo qual "is the attempt to lend dignity and attractiveness through the use of a new and somewhat elegant word — more elegant, perhaps, than the situation would reasonably permit"²⁶ (MARCKWARDT, 1958, p. 110).

Os sinais evidentes deste comportamento encontram-se nos termos designativos das coisas simples, então revestidas de expressões bombásticas a lhes atribuir um valor que não possuem. Há exemplos bastante elucidativos, não só no início da formação da sociedade americana quando os chamados pioneiros, por estarem expostos a uma vida bastante difícil e por a ela terem chegado abandonando situações muitas vezes de relativo conforto, invocavam para seus sonhos a visão de felicidade perene que pretendiam estar a usufruir, tal como nos dias de hoje em que todos buscamos ser importantes nos cargos e funções que exercemos.

Por esta razão podemos encontrar, nos Estados Unidos, termos cujos usos bem justificam essa **glorificação: saloon (salão**

²⁶ "tenta-se atribuir dignidade e atrativo através do uso de um termo novo e quiçás elegante — mais elegante, talvez, que a situação o permita."

elegante/público) em lugar de **public house (pub, bar)**; **tavern** como **hotel** ou **hospedaria** em lugar de **taberna**; **opera house** que, em cidades pequenas, designam **teatro** ou **auditório** em lugar de **teatro de ópera**, especificamente. Hoje, nas **opera houses** das cidades pequenas entre outras funções, têm lugar os **bailes de formatura**, (**prom**), dos graduandos dos cursos de 2º grau.

Em se tratando de centros de saber, o termo **college (faculdade)** aparece em lugar de **school (escola)** já na primeira metade deste século; e, por decorrência, o termo **university (universidade)** recebe igual tratamento, ou seja, valorização desmesurada chegando um indivíduo a mencionar que havia cerca "de 37 universidades em Ohio por volta de 1870" (MARCKWARDT, 1958, p. 114).

O uso indiscriminado do termo **doctor** (doutor) aplicado a uma gama de profissões não necessariamente de cunho universitário, ao lado de títulos *honoris causa* têm supervalorizado, nos Estados Unidos da América do Norte, bem como no Brasil, as profissões que se dizem portadoras dessa titulação. O termo **professor (professor titular/catedrático)** difere, quanto ao uso, se aplicado em universidades do Sul ou do Norte dos Estados Unidos. No Norte esse título reflete a categoria universitária à qual se chega se se possuir o grau de doutor. Um **professor** é, necessariamente, um **doctor**. Já no Sul, para os portadores desse título, o tratamento é o de **doctor**. A razão reside no fato de que há, no Sul, os que atingiram a categoria universitária sem possuírem o grau. Aquele que é chamado de **doctor** poderá também ser um **professor**. A preferência é evitar-se a possível discriminação contra aqueles que ainda não atingiram a posição de

professor.

Acrescentaria a esta descrição apresentada pelo prof. Marckwardt que, no Brasil, ao termo **professor** corresponde o de **professor titular/catedrático**. Tal como lá, o professor titular, posição à qual se chega, via de regra, em final de carreira, é necessariamente possuidor do título de doutor. Ademais, há um certo abuso no uso indiscriminado do termo **doutor**: veja-se o que acontece à maioria aos profissionais liberais que na sociedade brasileira são assim chamados.

Este mesmo assunto é visto por Hugh RAWSON como eufemismos positivos e eufemismos negativos (1981, p. 1).

Os eufemismos negativos ou defensivos tem registro já na antigüidade grega. Aí vamos encontrar **Eumenides** (Bondosas) designando as deusas **Furias**. Essa prática, diz Rawson, encontra-se disseminada em várias culturas. Os judeus usavam o termo **Adonai** para evitar o nome de **Deus**; **Bom Homem** (Good Man, The Great Fellow) para se referirem ao **diabo**. Entre muitos povos, caçadores de animais selvagens, usam termos como **vovô** para o **urso**; **listrado** para o **tigre**, tudo por haver uma confusão entre os nomes e os elementos aos quais se referem. Os mortos recebem tratamento semelhante, isto é, a referência a eles é feita de modo indireto.

Já os eufemismos positivos aumentam, ampliam, exageram, valorizando os termos de modo a parecerem maiores e mais importantes do que o são na realidade. É a glorificação do lugar comum a que se referia Marckwardt, uma vez que as pessoas parecem se sentir recompensadas ao viverem sob a pretensa posição que um mero título lhes atribui. É assim que temos **custodian** em lugar de **janitor** (zelador), **help** em lugar de **servant** (ajudante), este já um

eufemismo para **slave** (escravo), **hooker/working girl** em lugar de **whore** (prostituta). Um exemplo curioso é o surgimento do termo **mortician** (empresário de pompas fúnebres) cunhado, crê-se, em associação com o termo **physician** (médico) daí permitindo **beautician** (esteticista), **loctitian** etc.

Um dos fatos que melhor explicam o que Rawson chama de eufemismos positivos, é o que aconteceu com o termo **engineer** (engenheiro). A supervalorização foi tal que para as mais diversas profissões encontrou-se um tipo de engenheiro, a saber: **household engineer** (encanador), **construction engineer** (abridor de valas), **sales engineer** (vendedor) e até o próprio H. L. Mencken (MARCKWARDT, 1958, p. 117) descobriu um **exterminator engineer** (dedetizador) e **sleep engineer** (fabricante de camas). Este abuso levou a Sociedade Nacional dos Engenheiros Profissionais, em 1935, a protestar contra estes pseudo-engenheiros e a exigir que os **maquinistas de trem** fossem chamados não de **engineer** e sim de **enginemen** (WAGNER & RADNER, 1986, p. 408-409).

Ainda ilustrativo dos eufemismos positivos ou do que Marckwardt chamou de a glorificação do lugar comum já mencionada, está o que se segue.

Na década de oitenta o governo dos EEUU manifestava-se contrariamente à existência de desemprego no país, afirmando: "There are plenty of jobs in the newspaper classified section"²⁷. Criticou-o o jornalista Lewis Grizzard do *The News Tribune*, de Fort Pierce, Florida, mostrando a dificuldade que tinham os candidatos em adivinhar o tipo de emprego que buscavam nesses classificados. Além

²⁷ "Há bastante oferta de empregos nos classificados dos jornais"

da pouca oferta defrontavam-se com um emaranhado de rótulos que em nada lhes facilitava a pesquisa. A razão dessa crítica encontra-se no próprio título do artigo, a saber: *New Titles Confuse Job Searchers* (Títulos novos confundem os candidatos a emprego) em que por **novos** se entenda a **sofisticação** que tomou conta desses rótulos criando dificuldade na seleção do trabalho para o que se julgavam aptos. A lista deve ser interminável mas a seleção feita pelo jornalista é representativa do que a glorificação do lugar comum oferecia então. Segue-se a lista feita pelo jornalista Lewis Grizzard. O quadro com as traduções são uma tentativa de aproximar os títulos e as profissões como foi feito pelo jornalista. Admitimos a possibilidade da influência desse tipo de nomenclatura também em nossas ofertas de emprego mas, como dizemos adiante, preferimos deixar a discussão em aberto.

NEW TITLES	JOBS
A Muscular-Relaxant Therapist	Massage Parlor (masseur)
Account Executives	Salesmen
Administrative Assistant	The boss needs a mistress
Assistant Athletic Director for Sports Information and Public Relations	Tub-Thumper (the one who used to take all the sports writers out for drinks)
Assistant Mobile Sanitation Unit Operator	Shotgun on the garbage truck
Automotive Service and Maintenance Counselor	Car Mechanic
Concierge	Bellboy Who Has Something on the Hotel Night Manager
Editorial Assistant	Secretary
Exotic Dancers	Strippers
Field Communications Maintenance Expert	Guy who climbs telephone poles
Flight Attendants	Stewardesses
Fruit and Vegetable Sculptor	Potato peeler and tomato slicer
Grief Coordinator	Number 2 at a Funeral Home
Home Study Adviser (Volumes Division)	Door-to-Door Encyclopedia Salesman
Inflation Captain	A Guy Blowing Up Balloons
Mobile Sanitation Unit Operator	Garbage truck driver
Offensive Coordinators	Assistant Coaches
Personal Investment Counselor	Insurance Salesman
Petroleum Dispenser	One Who Pumps Gas
Student Manager	Water Boy

NOVOS TÍTULOS	EMPREGOS/PROFISSÕES
Terapeuta para Relaxamento Muscular	Massagista para Casa de Massagem
Executivos Contábeis	Vendedores
Assistente/Assessor Administrativo	O Chefe Precisa de uma Amante
Assistente do Diretor de Atletismo para Informação e Relações Públicas Esportivas	Tub-Thumper (aquele que costumava convidar todos os reportes esportivos para um drinque)
Assistente do Operador da Unidade Sanitária Móvel	Lixeiro
Conselheiro de Serviço Automotivo e de Manutenção	Mecânico de Automóveis
Gerente/Zelador	Gerente/zelador de Hotel no Período Noturno
Assistente do Organizador	Secretária
Dançarinos Exóticos	Strippers
Perito em Manutenção de Comunicações Externas	Eletricista de Manutenção Telefônica (Sujeito que sobe no poste telefônico)
Assessor de Voô	Aeromoças
Escultor para Frutas e Verduras	Ajudante de Cozinha (Descascador de batatas e fatiador de tomates)
Coordenador de Pesares	Número 2 numa Funerária
Orientador para Estudos no Lar (Setor de Volumes)	Vendedor de Enciclopédias de Porta-em-Porta
Capitão para Inflar	Sujeito para Inflar Bixigas/Balões
Operador da Unidade Sanitária Móvel	Chofer de Caminhão de Lixo
Coordenadores Atacantes	Assistente de Treinadores
Conselheiro para Investimento Pessoal	Vendedor de Seguro-de-Vida
Bombador de Petróleo	Aquele que Bombeia Gasolina
Gerente de Alunos	Instrutor de Natação

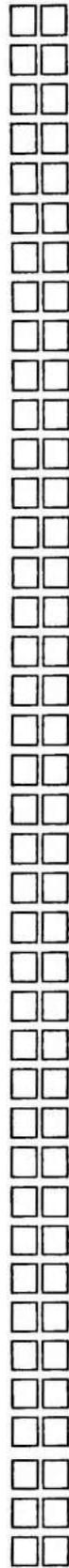
O artigo termina com o autor mostrando que, para o seu avô de idade avançada, esses novos títulos pouco ou nada significavam e explica como o mesmo se sentia a respeito, contando um fato verídico:

"Quando o novo diretor da escola primária na qual o seu avô trabalhava como **janitor (zelador)** perguntou a ele se era o **custodian** do qual tanto ouvira falar, respondeu-lhe: "I ain't nothing but the janitor" ("Nada sou além de um mero zelador"). Aquele homem simples, diz o jornalista Lewis Grizzard, "He called a job a job" ("Ele chamava emprego de emprego"). Para pessoas de sua geração os novos rótulos pouco significavam.

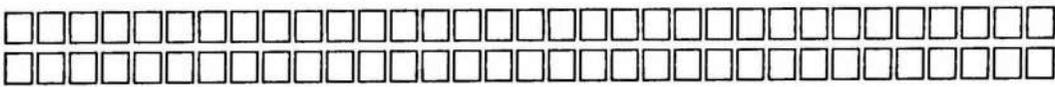
Além dos eufemismos positivos referentes a cargos, acima apresentados, Rawson menciona também aqueles relacionados a títulos honoríficos tais como, **colonel (coronel)**, **major (major)**, **honorable (honorável)** usados mesmo após os seus usuários não mais exercerem essas funções.

A prodigalidade com que estes títulos honoríficos são outorgados vai de encontro à imagem de igualitarismo do americano só justificada pelo fato de a América ter resultado de uma revolução política e, não, social (MARCKWARDT, 1958, p. 120-121).

Seja por influência das multinacionais aqui sediadas, seja pela tendência natural de se querer atribuir importância exagerada quando dela não se dispõe, o certo é que, entre nós, algo semelhante se registra no rotular dos cargos. Deixamos esta discussão em aberto para que outros estudiosos deste assunto possam desenvolvê-la.



2. Revisão da literatura



2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo faremos uma resenha da bibliografia disponível sobre o tema em estudo.

Muito pouca coisa existe registrada quanto ao tema, objeto desta pesquisa. Sempre se fez uso de eufemismos, mas um estudo sistemático parece ter sido evitado; talvez essa ausência se explique por se tratar de aspectos da vida humana que se pretende ignorar: a superstição de cunho religioso; defeitos físicos, morais, mentais; a situação financeira; cheiros do corpo; sexo; a morte. A seguir apresentamos resumos de leituras nas quais se buscou o embasamento para a pesquisa.

A primeira delas, uma leitura simples para um mundo novo — o mundo das frases sussurradas, do "double-entendre", do comportamento dúbio — colocava-nos diante desse universo; o livro, *Mayflower Madam*, relato de uma descendente dos primeiros ingleses a aportarem nos Estados Unidos; na década de 80, o escândalo — prisão sob alegação de "promoting prostitution" — causado pela descoberta dessa figura da alta roda americana, por trás de um dos mais antigos empregos, o de cafetã, deixou a América boquiaberta. Os disfarces de linguagem por ela empregados, um jogo de palavras que mais parecia um quebra-cabeças extremamente sofisticado expôs-nos a eufemismos da época atual. Estávamos diante de preciosidades do tipo:

"... a nightie or some other unmentionable"¹ (p. 20);

¹ "... uma camisola de dormir ou algo vergonhoso, inexprimível"

"... that she answered the phone for an "escort service" seemed miles away from my glittery, sophisticated image of a high-priced lady of the evening."² (p. 33);

"If you know your time of month is coming up..."³ (p. 78);

"... and a little later in the evening she initiated him into the ranks of manhood"⁴ (p. 197);

"Whenever a client bounced a check, for example, we would quickly pass the word so that nobody else would get burned."⁵ (p. 251);

"Although sex was certainly part of the package we were selling, I knew all along that we weren't really in the sex business. And then one night it hit me: we were in the happiness business"⁶ (p. 362)!

O subtítulo do livro *The Secret Life of Sidney Biddle Barrows* diz de quem se trata: o co-autor, um jornalista chamado William Novak transformou um assunto certamente humilhante para os familiares de Sidney Barrows em algo menos contundente, menos preconceituoso eliminando, desse modo, o lado chocante do relato, adocicando-o, portanto. Por isso a presença dos eufemismos.

² "... que ela atendia ao telefone para um "escort service" parecia muito longe da imagem reluzente e sofisticada que eu fazia de uma dama da noite muito cara."

³ "Se você sabe que sua visita está para vir..."

⁴ "... e quando a noite já ia alta ela o iniciou no ato sexual"

⁵ "Toda vez que um cliente emitia um cheque sem fundo - cheque borracha - nós rapidamente passávamos a notícia adiante de modo a ninguém mais ter prejuízo."

⁶ "Embora o ato sexual fizesse obviamente parte do pacote que estávamos vendendo, eu sabia que não fazíamos parte do comércio do sexo. E então, uma noite, descobri: estávamos no comércio da felicidade!"

Fair of Speech — The Uses of Euphemism, organizado por D. J. Enright e uma publicação de 1985, constituiu-se numa excelente fonte de pesquisa pela diversidade de assuntos que têm como base os eufemismos. É uma antologia que aborda aspectos como a história dos eufemismos em inglês, eufemismos e a mídia, eufemismos e as crianças, eufemismos usados no escritório, na igreja, na advocacia, etc. Uma boa parte desse trabalho reflete as idéias dos autores representados neste livro.

Euphemism and Dysphemism: Language Used as Shield and Weapon, dos australianos Keith Allan e Kate Burridge, de 1991, é a primeira publicação em cujas entrelinhas está o desejo de expôr os eufemismos à compreensão dos leitores — estudando-os cientificamente de modo a deles retirar a visão um tanto misteriosa que parece terem cultivado através dos tempos. Obra usada com grande freqüência nesta pesquisa, nela encontram-se respostas a muitas dúvidas surgidas no decorrer do trabalho.

Especificamente para o capítulo Eufemismos sobre a Morte, vale ressaltar o romance de Evelyn Waugh, *The Loved One*, publicado pela primeira vez em 1948, pela Penguin Books. É um livro no qual, entre outras coisas, o autor satiriza o comportamento norte-americano diante da morte e o modo como trata o **ente querido (the loved one)** durante a preparação para as exéquias. Num local a que chamou de **Whispering Glades (Clareiras Sussurrantes)** o responsável pelo **ente querido** é recebido por uma **Recepcionista/Gerente da Funerária (Mortuary Hostess)** cuja função é colocá-lo a par de todo o processo de sepultamento do **ente querido**. Precisa ter os **dados essenciais (Essential Data)** daquele

que se foi para proceder à escolha adequada da forma/tipo de sepultamento — inhumement, entombment, inurnment, immurement, insarcophagusment. Estas são formas/tipos de conservar as cinzas após a incineração e, sobre o último tipo comenta a **Recepcionista/Gerente da Funerária**: "That, of course, is for those with whom price is not a primary consideration!"⁷ Whispering Glades está dividido em zonas cujos preços obedecem, também, a uma escala de valores. Pelos títulos das zonas pode-se concluir qual o valor das mesmas, levando-se em conta a localização: Pilgrim's Rest, Lake Isle, Lovers' Nest, Poets' Corner, Shadowland. Quanto mais próximas estiverem do Work of Art (peça artística/ponto de referência), tanto mais caras. Sem esquecer a confecção do caixão (casket, not coffin!) o parente/pessoa encarregada ainda passa pela maquiadora (cosmetician), alfaiataria (tailoring section), pela escolha da mortalha (shroud), escolha do local/sala do velório (**slumber room** — **quarto de dormir**), — Sala Narciso (Daffodil Room) ou Sala Prímula (Primrose Room) ao qual virão os visitantes (Waiting Ones) homenagear o **ente querido**. É, naturalmente, o domínio da morte interdita: do campo santo, à música variada, aos detalhes, tudo menos o termo **morte**! E antes de sair, o responsável pelo **ente querido** ainda recebe a sugestão da **Recepcionista/Gerente da Funerária** de **tomar as providências antecipadas (Before Need Arrangements)**, para si! O romance tem desfecho surpreendente — os personagens envolvidos na trama pouco saem da sombra em que se ocultam. A existência de um cemitério para cães (Happier Hunting Ground) e cujo tratamento dispensado é semelhante ao dado aos humanos, em Whispering

⁷ "Este, naturalmente, é para aqueles que não levam em consideração o preço!"

Glades, mostra, como fez Ariès, que veremos adiante, quão lucrativo se tornou o serviço funerário nos Estados Unidos.

Mais três livros, *A História da Morte no Ocidente*, de Philippe Ariès, *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*, organizado por José de Souza Martins e *Morte: Estágio Final da Evolução*, de Elizabeth Kübler-Ross formam a trilogia que deu sustentação a este que se constitui no item mais importante desta pesquisa — **eufemismos sobre a morte**.

Em língua portuguesa, são estes os livros que procuraram abordar o assunto tabus, eupemismos e disfemismos.

Uma das fontes mais importantes consultadas foi o livro intitulado *Tabus Lingüísticos*, de autoria de R. F. Mansur GUÉRIOS. Constituiu-se, no Brasil, um trabalho fundamental na pesquisa sobre eupemismos, uma vez que estes surgem após serem tabuizados por um determinado grupo social nomes ou palavras. Partindo da idéia de que tabus "são palavras que não devem ser exteriorizadas a fim de se evitarem malefícios" (1979, p. 1) diz serem os tabus lingüísticos de dois tipos: próprio e impróprio. "Propriamente, o tabu lingüístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira." (1979, p. 5). E continua: "Assim, o tabu lingüístico nada mais é do que modalidade do tabu em geral, ou é um prolongamento dos demais tabus." (1979, p. 6).

Apresenta a seguir as classificações dos tabus lingüísticos de acordo com W. Havers, S. Ullmann, A. Carnoy, James George Frazer, João da Silva Correia e Charles E. Kany e, no final, a sua

classificação com onze itens, a saber:

1. tabus em nomes de pessoas
2. tabus em nomes de parentes
3. tabus em nomes de autoridades
4. tabus em nomes religiosos (teônimos, hierônimos, etc)
5. tabus em nomes de mortos
6. tabus em nomes de animais
7. tabus em nomes de membros do corpo humano
8. tabus em nomes de lugares e circunstâncias
9. tabus em nomes de doenças e defeitos físicos
10. tabus em nomes de alimentos
11. tabus em nomes vários

Nesta classificação de 11 itens, Guérios deixa de lado o item **Tabus em nomes de espíritos malignos**, um dos mais férteis entre os capítulos de seu livro.

Observa-se que os diversos autores mencionados por Guérios diferem quanto à escolha dos itens tratados mas, nota-se também, a superposição de alguns desses itens. Senão, vejamos:

— entre os autores cujas publicações datam de 1927, A. Carnoy, em Louvain, fala em **tabus sociais** ou **morais** e **tabus supersticiosos**; James George Frazer, em Paris, fala em tabus sobre **nomes de pessoas, graus de parentesco, nomes dos mortos, dos reis e personagens sagradas**. Nesse mesmo ano de 1927, em Lisboa, João da Silva Correia deixa de lado o termo **tabu** para dar primazia a **eufemismo** e fala, então, em **eufemismos de superstição e piedade, de decência e pudor, de delicadeza e respeito e de prudência e megalomania**.

— já em 1946, em Viena, W. Havers fala em **tabus em nomes de animais, em nomes de partes do corpo, fogo, Sol e Lua, doenças, lesões e anormalidades** e em **nomes de deuses e demônios**, não havendo nestes subtítulos qualquer relação com os apresentados acima.

— em 1952, todavia, S. Ullmann, em Berna, retoma na sua classificação, os **tabus de superstição, de delicadeza e de decência** tal como já o tinham feito, em 1927, A. Carnoy e João da Silva Correia. Charles E. Kany, em Berkeley, na década de sessenta faz a sua classificação evitando usar o termo **tabu** e usando em seu lugar o termo **interdição** (já usado por Freud em 1913). Kany relaciona **interdição sexual, de decência, mágico-religiosa, social, política** e um último item rotulado **vícios e defeitos morais e físicos**.

Como se vê, Guérios amplia a sua classificação e, como diria mais tarde o professor Silveira Bueno no seu livro *Tratado de Semântica Brasileira* (1965), é o trabalho desse autor o mais completo. O levantamento que Guérios fez abrange não só um grande número de línguas mas, e essencialmente, um período de tempo bastante amplo. Fica, todavia, não muito clara a razão porque mantém a nomenclatura **tabu** quando se tem às mãos outras obras que abordam o mesmo assunto e empregam o termo **eufemismo** em circunstâncias que, para ele, são palavras tabuizadas. Nota-se que aquilo que para GUÉRIOS (1979, p. 8) é um termo tabu, para João da Silva Correia é um eufemismo: "João da Silva Correia, autor de *O Eufemismo e o Disfemismo na Língua e na Literatura Portuguesa*, deixando de lado a expressão **tabus** para dar primazia à expressão contrária — **eufemismos** — classifica-os assim: eufemismos de superstição e de

piedade; eufemismos de decência e de pudor; eufemismos de delicadeza e de respeito; eufemismos de prudência e de megalomania." O mesmo parece ocorrer com ALLAN & BURRIDGE (1991, p. 37) quando estes trabalham os muitos nomes atribuídos a Deus:

"In the Holly Communion service of the Anglican Church, the Minister says: 'Thou shalt not take — the name of the Lord thy God in vain: for the Lord will not hold him guiltless, that taketh his Name in vain?' (*The Book of Common Prayers* 1662/1852). This is the third of the ten commandments that God gave Moses, as reported in *Exodus* 20:7. Why should it be blasphemous to take the Lord's name in vain? Note, here, the euphemism *Lord*. Modern European constraints on the use of God's name look back to the semite founders of Judaism, Christianity, and Islam. In *Judges* 13:18 the angel says to Manoah 'Why asketh thou after my name, seeing it is secret?' It was blasphemous to name the god of the Jews and his cohorts, thus the Jewish god's name was written without vowels *YHVH* but read out as *adonai* meaning "lord" — a euphemism that has carried over into Christianity in both addressing and naming God and Jesus Christ."⁸

No capítulo 10 de seu livro, sob o título **Tabus em nomes religiosos** (teônimos, hierônimos etc.), GUÉRIOS (1979, p. 44) desce

⁸ "Durante o serviço da santa comunhão na igreja anglicana, o pastor diz: 'Não usarás o nome do Senhor teu Deus em vão: pois o Senhor não manterá sem mácula aquele que usa o seu santo nome em vão?' (*Livro de Orações* 1662/1852). Este é o terceiro dos dez mandamentos que Deus deu a Moisés, conforme com o que está escrito em *Êxodo* 20:7. Por que seria considerado uma blasfêmia o nome do Senhor em vão? Observe-se aqui o eufemismo *Senhor*. As modernas restrições ao uso do nome de Deus na Europa, remontam aos fundadores semitas do Judaísmo, da Cristandade e do Islamismo. No *Livro dos Juizes*, 13:18, o anjo diz a Manué: 'Por que tu me perguntas o meu nome, sabendo que é secreto?' Era considerado pecado pronunciar o nome do deus dos judeus e sua corte, portanto o nome do deus dos judeus era escrito sem vogais *YHVH* mas lido como *adonai* que significa "senhor" - um eufemismo que foi transportado para o Cristianismo tanto quando dirigindo-se ou chamando-se o nome de Deus e de Jesus Cristo."

a detalhes os mais específicos para historiar o surgimento dos **tabus** Javé, Jeová, Eloah, Elohim, Adonai, etc.

"Visto que os caracteres hebraicos são desacompanhados de vogais, há um problema que, parece, até agora subsiste: como se pronuncia exatamente **YHVH**? Quando um israelita deparava, na leitura dos Livros Sagrados, com esse inefável, deveria substituí-lo por **Adonai**, "meus Senhores", ou por **Elohim**, "Deuses", verdadeiro **pluralis magnitudinis**. E, para advertência, os massoretas lançaram mão do seguinte expediente: o emprego das vogais constantes na palavra **Adonai**, i. é, **YaHoWaH**, ou, com — e — breve, em lugar do — a —: **YeHoWaH**; se ao tetragrama precedesse **Adonai**, inseriam-se as vogais de **Elohim**, isto é: **YeHoWiH**. Destarte, admite-se que a pronúncia **Jehovah** não tem fundamento senão nessa convenção."

ALLAN & BURRIDGE (1991, p.38) apresentam também uma discussão com os diferentes **eufemismos** do nome de Deus no que eles chamaram de "**euphemistic expletives**" (**expletivos eufemísticos**).

"To avoid blasphemy (and, we suppose, accusations of profanity), the word *God* has been or is avoided in euphemistic expletives such as *'Od's life!*, *Zounds!*, *by gad!*, *Gog!*, *Cock!*, *Cod!*, (all archaic) *Gosh!*, *Golly!*, (earlie *Gorry!*) *Cor!*, *Gorblimey!*, *Gordonbennet!*, *Gordon'ighlanders!*, *Goodness (knows)!* (*Good*) *gracious!*, *For goodness'sake!*; these examples demonstrate various kinds of remodelling, including clippings and substitutions of phonetically similar words. In *So help me!*, *Swelp me!*, and *So save us!* there is omission of *God* (or *Lord*), and we have a feeling that *so* has not only stepped into its place, but may even be a euphemism for

it. Then there are semantically related substitutions such as *Goodness!* and *Gracious!*; there are also (Oh) *Lord!*, *Lordy!* *Lawdy!* *La!* *Land's sake!* and *Heavens (above)* or *Heavens to Betsy!*. *Gosh* was perhaps created from *Go-* as in *god*, + *sh* "be quiet, say no more"; the *O.E.D.* sheds no light on its etymology, nor on the etymology of *golly*. Partridge (1961) claims *golly* comes from Negro English — whatever that means; but we believe it may be a remodelling of *Good Lord(y) / Lawdy / La* — euphemistic dysphemisms which, according to Montagu (1967:225), were widely used by Victorian ladies."⁹

Esta é uma divergência que parece ter vindo para ficar.

Guérios também amplia, no seu pesquisar, a idéia de tabus sobre a noite e o poder das trevas, o fogo, o Sol, e a Lua, o trovão como divindades, alguns destes temas abordados anteriormente por W. Havers (GUÉRIOS, 1979, p. 7).

Vale notar, neste trabalho de Guérios, a meticulosidade do autor ao estudar os **Tabus em nomes de animais**, no capítulo XVIII, quando aborda a terminologia de mais de vinte e seis animais diferentes, em línguas as mais diversas.

⁹ "A fim de evitar a blasfêmia (e, cremos, irreverências) a palavra *Deus* tem sido ou é evitada em expletivos eufêmicos tais como '*Od's life!*, *Zounds!*, *by gad!*, *Gog!*, *Cock!*, *Cod!*, (todos arcaicos) *Gosh!*, *Golly!*, (inicialmente *Gorry!*) *Cor!*, *Gorblimey!*, *Gordonbennet!*, *Gordon'ighlanders!*, *Goodness (knows)!* (*Good*) *gracious!*, *For goodness'sake!*; estes exemplos demonstram os vários tipos de recriação, incluindo-se apócopies e substituições de palavras foneticamente semelhantes. Em *So help me!*, *Swelp me!*, e *So save us!* existe a omissão da palavra *Deus* (ou *Senhor*), e desconfiamos que a palavra *so* não só tomou o seu lugar, mas possa até ser um eufemismo para ela. Conseqüentemente há substituições semanticamente relacionadas, como *Goodness!* e *Gracious!*; há também (Oh) *Lord!*, *Lordy!* *Lawdy!* *La!* *Land's sake!* e *Heavens (acima)* ou *Heavens to Betsy!*. *Gosh* foi talvez criada a partir de *Go-* como em *god*, + *sh* "silencia, não digas mais nada"; o *O.E.D.* em nada contribui para esclarecer a etimologia desta palavra nem para esclarecer a etimologia da palavra *golly*. Partridge (1961) assevera que *golly* vem do inglês falado pelos negros - qualquer que seja a interpretação dessa expressão; mas cremos ser uma reconstrução a partir de *Good Lord(y) / Lawdy / La* - disphemismos eufemísticos os quais, segundo Montagu (1967:225), eram largamente usados pelas senhoras da Era Vitoriana."

Nos dois últimos capítulos, **Tabus em nomes vários** (XXIII) e **Linguagens Secretas** (XXIV) o autor enriquece seus dados com uma variada lista de termos não pertencentes a temas específicos, proporcionando aos estudiosos do seu trabalho uma fonte inesgotável de conhecimento.

Em termos de Brasil vamos encontrar, ainda, o estudo de SILVEIRA BUENO (1965, p. 188-235) que, no seu livro *Tratado de Semântica Brasileira* dedica um longo capítulo, o capítulo XVII, a esse assunto.

A subdivisão apresentada obedece à seguinte ordem:

1. Tabus, Eufemismos e Disfemismos
2. A Tabuização das Palavras
3. Gestos Tabus, Gestos Eufêmicos
4. Eufemismos na Razão inversa dos Tabus
5. Recursos da Eufemia
6. Eufemismo de Superstição
7. Doenças e Calamidades
8. Amuletos e Talismãs
9. A Morte
10. A Outra Vida — O Inferno
11. A Mão Esquerda
12. Pragas
13. Eufemismos de Polidez
14. Crimes e Violências
15. Eufemismos de Decência

16. O Corpo Humano
17. Necessidades Naturais
18. Relações Amorosas
19. Eufemismos de Delicadeza Social
20. Eufemismos Hipócritas
21. Disfemismos — Recursos Gramaticais

Silveira Bueno, diferentemente do que fizeram João da Silva Correia, Mansur Guérios e Heinz Kröll nos seus estudos sobre tabus e eufemismos, dividindo-os e agrupando-os em temas gerais, apresenta-os com a somatória do que encontrou, acrescentando o resultado de sua pesquisa pessoal. Prepondera, parece, o desejo de que seja o seu o estudo mais abrangente em língua portuguesa.

Ao apresentar os termos usados no português do Brasil, sob cada uma das subdivisões, Silveira Bueno deixa muitas vezes de rotulá-las como eufemismos ou disfemismos. Algumas perífrases, alguns termos, embora não estejam determinados, ficam bastante expostos pela própria atitude discriminatória do autor. Bastante visível ficou ao falar das **necessidades naturais** (item 17) quando diz: "O verbo latino **cacare** deu derivado em todas as línguas românicas e o **leitor conhece bem a forma portuguesa o que nos dispensa de escrevê-la.**" (p. 221, grifo nosso).

Pelo que se pôde observar não é, todavia, privilégio do Prof. Silveira Bueno tal comportamento. Há, naqueles que estudam/estudaram o tema tabu/eufemismo um recato, uma cerimônia em discutir o vocabulário de tabus e, conseqüentemente, os eufemismos criados para disfarçá-los. Eis como se comportou a respeito, BLOOMFIELD (1933, p. 396):

"The semantic factor is more apparent in the disfavoring of speech-forms that are homonymous with tabu-forms. The reader will have no difficulty in finding speech-forms that he avoids for this reason. In America, **knocked up** is a tabu-form for "rendered pregnant"; for this reason, the phrase is not used in the British sense tired, exhausted! In older French and English there was a word, French **connil**, **connin**, English **coney**, for "rabbit"; in both languages this word died out because it resembled a word that was under a tabu of indecency (grifo nosso). For the same reason, **rooster** and **donkey** are replacing **cock** and **ass** in American English. In such cases there is little real ambiguity, but some hearers react nevertheless to the powerful stimulus of the tabu-word; having called forth ridicule or embarrassment, the speaker avoids the innocent homonym. It is a remarkable fact that the tabu-word itself has a much tougher life than the harmless homonym."¹⁰

Há, em Silveira Bueno, um empenho muito grande em provar que pessoas grosseiras, pouco educadas, pertencentes a classes sociais da base da pirâmide social são as usuárias dos termos menos aceitos: "Claro é que entre as pessoas mais grosseiras, ainda os fatos mais delicados poderão ser chamados por denominações pesadas.

¹⁰ "O fator semântico é mais aparente no desfavorecer de palavras que são homônimas das formas-tabu. O leitor não terá dificuldades em encontrar palavras que ele mesmo evita por essa razão. Na América, **knocked-up** é uma forma-tabu que significa **ficar grávida**; por isso a frase não é usada no sentido britânico de **cansada**, **exausta**! No francês e inglês antigos havia uma palavra, em francês **connil**, **connin**, em inglês **coney**, para **coelho**; em ambas as línguas esta palavra desapareceu **por assemelhar-se a uma outra considerada tabu de indecência**. (Grifo nosso porque Bloomfield evitou usar o termo tabuizado **cunt**.) Do mesmo modo, **rooster** e **donkey** (galo/burro) substituem **cock** e **ass** (galo/burro) no inglês americano. (Aqui também o autor evitou mencionar os termos **pênis/ânus** atribuídos a **cock/ass**.) Em tais casos, não há uma ambigüidade real, mas alguns ouvintes reagem, mesmo assim, ao poderoso estímulo da palavra-tabu; a expor-se ao ridículo ou a causar embaraços, o falante evita o homônimo inofensivo. É extraordinário observar-se que a própria palavra-tabu tenha vida mais difícil que o inofensivo homônimo".

Serão os difemismos (SILVEIRA BUENO, 1965, p. 222)". Até o enunciar destes fatos o faz mostrar-se como alguém de classe social elevada. Os seus enunciados são eivados de reprovações, censuras, críticas veladas que chegam mesmo a impedi-lo de abordar o assunto com a imparcialidade que o(s) caso(s) requer(em). Tomemos a seguinte assertiva: "O derivado do latim **coleones** já é tabu e somente entre pessoas desenvoltas de linguagem se pode ouvir (1965, p. 220)." O autor faz uso aqui do recurso da língua estrangeira no primeiro caso e, no segundo, do circunlóquio, evitando destarte nivelar-se a essas pessoas. Mais adiante, encontra-se: "A linguagem disfêmica, vil e grosseira da plebe lança mão de expressões e metáforas que ofendem mais que uma bordoadada (1965, p. 225)." Neste ponto busca-se entender a manifestação preconceituosa do Prof. Silveira Bueno em relação à plebe e ao seu linguajar. Será que a plebe só faz uso de uma linguagem disfêmica que para o autor é **vil e grosseira**? A quem essas expressões e metáforas **ofendem mais que uma bordoadada**? As pessoas ditas educadas e instruídas?

Nesta listagem (ver início deste capítulo) apresentada por Silveira Bueno, mesmo com todas as suas subdivisões, nem sempre há a diferenciação entre o que ele rotula de eufemismos e que ele rotula de difemismos. Há, também, exemplos em que fala de sinônimos, substituições, do que dizem as pessoas rudes, as pessoas de nível social baixo, as pessoas de extrema franqueza. A conceituação de tabus na qual insiste GUÉRIOS (1979, p. 5) surge, muitas vezes como eufemismos para velarem, adocicarem o sentido original e que, por difemismo (SILVEIRA BUENO, 1965, p. 220) entenda-se o linguajar do povão que usa os termos sem a preocupação de ser mais ou menos

delicado, não está fácil separar **franqueza às raias da má educação** de disfemismos, de grosserias, de má educação. Esta confusão ou melhor, esta dificuldade em distinguir que nuances de significado devem ser interpretadas como eufemismos ou como disfemismos vem confirmar a suspeita de que, traçar uma linha divisória entre esses elementos é difícil; mais difícil ainda é separar disfemismos de linguagem baixa, calão, linguagem vil, grosseira, linguagem do povão. Percebe-se que Silveira Bueno tinha problemas na demarcação de fronteiras a fim de colocar este ou aquele termo sob um determinado título. Há, ao correr da pena, o constante retornar a itens que já se tinham apresentado como pertencentes a uma subdivisão como elementos de uma outra, como se difícil fôra posicioná-los como restritos a um grupo social, a um momento social. Veja-se o que ocorre com as subdivisões Eufemismos de Polidez, Eufemismos de Decência, Eufemismos de Delicadeza Social cujos exemplos parecem interdependentes, vezes há que superpostos. É, então, que afirma (1965, p. 212): "A polidez ou educação cresce constantemente com o aprimorar-se dos costumes sociais." Adiante, acrescenta: "Quanto mais educado for o meio, tanto maior número haverá de eufemismos; quanto menos educado, tanto maior o de disfemismos, isto é, de expressões ainda mais cruas, mais ofensivas que os simples nomes diretos das coisas e atos". São exemplos de **eufemismos de polidez**: velho = de idade madura, de idade provecta; pobre = necessitado; vadio, vagabundo = não ser feito para o trabalho. Referindo-se aos **eufemismos de decência** diz que a educação e a religião "cerceiam a liberdade acre da expressão" (1965, p. 216). Reitera que tanto Gil Vicente como também o Padre Vieira não poderiam ser apresentados

no original. Justifica a proibição da leitura da Bíblia por **peessoas simples** (grifo nosso) devido **ao vocabulário solto e às descrições de cenas muito livres**" (1965, p. 216). O fenômeno do acautelamento em defesa da decência traz à memória o que foi feito pelos irmãos Bowdler em relação aos trabalhos escritos por Shakespeare e aos enxugamento da Bíblia por Noah Webster. Dois momentos sociais diferentes, uma mesma preocupação... Quanto aos **eufemismos de delicadeza social** explica que "o número de expressões e dizeres de cortesia aumenta com o meio social em que se viva" (1965, p. 227). São exemplos escolhidos entre os muitos apresentados pelo autor, os que se seguem: velho = ancião, de idade provecta, na idade do conselho; feio = simpático, não sabe se arrumar; cego = o que lhe faltou a luz dos olhos. Sem buscar exemplificar também os disfemismos, viu-se que traçar uma linha demarcatória entre os vários tipos de eupemismos é tarefa assaz árdua, desestimulante. "Por isso é que a divisão feita por KRÖLL (1984, p. 9), por ser posterior às dos outros autores mencionados — João da Silva Correia, Mansur Guérios, Kr. Nyrop e a do próprio Silveira Bueno — tende a apresentar divisões e subdivisões mais coerentes.

Tentar traçar uma linha divisória entre os termos tabu e eupemismo é, também, tarefa difícil. Tabu, termo originário dos Mares do Sul foi estudado por Freud tentando entender e explicar **o quê e o como** na organização social das tribos do Pacífico Sul. O ocidente soube da existência do termo **tabu** a partir do século XVIII. Já o termo **eupemismo** era conhecido pelos gregos e romanos antes de Cristo e usado para velar termos **depreciados na comunidade**. Vê-se que, aos termos depreciados corresponde o tabu de Tonga, trazido ao ocidente

pelo Capitão Cook (1728-1779), conforme vimos no Capítulo 1, p. 23. Então, o eufemismo surge após algo previamente condenado — prohibited behavior — de que falam ALLAN & BURRIDGE (1991, p. 12) por um determinado grupo social. Esta a razão de concordarmos com o que diz o Prof. Dino Preti (1983, p. 60-61): "Sob a perspectiva moral, por exemplo, as frágeis linhas que marcam os limites dos 'bons costumes', cujos conceitos continuamente se renovam dentro de uma comunidade, são transpostas para o campo do léxico. Formas vulgares se incorporam à fala culta ou vice-versa. A vida das palavras torna-se um reflexo da vida social e, em nome de uma técnica vigente, proibem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de 'bons' ou 'maus' termos, apropriados aos mais variados contextos. **E tabus lingüísticos aparecem como decorrência de tabus sociais** (grifo nosso)".

A obra mais recente sobre o tema em estudo é *O Eufemismo e o Disfemismo no Português Moderno*, escrito por Heinz Kröll, em Portugal e publicada em 1984.

Na Introdução, menciona KRÖLL (1984, p. 12) o trabalho de João da Silva Correia, de 1927 e cuja repercussão, pequena, aliada ao tempo já decorrido justifica o surgimento de nova pesquisa sobre o assunto. Promete não enveredar pelos caminhos já percorridos por Leite de Vasconcelos, Kr Nyrop, Silveira Bueno, Nora Galli de Paratesi, João da Silva Correia e estabelece como objetivo central "apresentar um 'corpus' de material lingüístico classificado que possa documentar as tendências eufemísticas do português moderno".

Sugere a seguir a divisão feita por C. E. Kany para a Hispanoamérica, e apresenta sete capítulos no seu estudo, a saber:

1. A superstição
2. A delicadeza e o respeito
3. Defeitos morais e mentais
4. A situação financeira
5. Ofensas e conseqüências
6. Decência: o corpo
7. Decência: o amor.

Tal como Kany, KRÖLL (1984, p. 12) não eliminou os disfemismos, "pois que estamos convencidos que em muitos casos é quase impossível separá-los dos eufemismos". E mais adiante: "As palavras costumam gastar-se, como as medalhas, pelo uso. O que hoje ainda é um eufemismo, amanhã já pode ser um disfemismo."

Embora tenha seguido de perto a classificação feita por Kany, dele divergiu quanto às causas dos eufemismos. Achou melhor assim proceder. Excluiu os gestos, palavras e expressões de outras línguas mas, na medida do possível, juntou expressões provincianas e brasileiras.

Para cada item da divisão acima, preparou uma espécie de preâmbulo e, depois, subdividiu-os para proceder a um estudo pormenorizado dessas subdivisões.

Ei-las, a seguir:

- I. SUPERSTIÇÃO
 1. O diabo
 2. A mão esquerda
 3. Nomes de animais
 4. Doenças

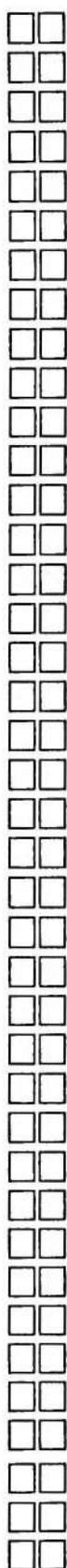
- A lepra
- A tuberculose
- A epilepsia
- Doenças venéreas
- A sífilis
- 5. O quebranto
- 6. Defeitos físicos
- 7. A morte
- 8. Matar
- II. DELICADEZA E RESPEITO
 - 1. Relações familiares
 - 2. Formas de tratamento
 - 3. Ocupações, profissões
 - 4. Idade
 - 5. Aparência física
 - 6. Janota
- III. DEFEITOS MORAIS E MENTAIS
 - 1. Estupidez e imbecilidade
 - 2. A loucura
 - 3. Arrelia, zanga e estados afins
 - 4. Censura, descompostura
 - 5. Mentira
 - 6. Avareza
 - 7. Embriaguez
- IV. A SITUAÇÃO FINANCEIRA
 - 1. Pobreza
 - 2. Riqueza
 - 3. Dinheiro
 - 4. Dívidas
- V. OFENSAS E CONSEQÜÊNCIAS
 - 1. Roubo
 - 2. Fugir
 - 3. Fazer gazeta
 - 4. Prisão
 - 5. Polícia
 - 6. Bater
 - 7. Despedir, mandar embora
- VI. DECÊNCIA: O CORPO
 - 1. Cheiros do corpo
 - 2. Roupa de baixo
 - 3. Barriga
 - 4. Os seios
 - 5. Traseiro
 - 6. Os órgãos sexuais

7. O defloramento
8. Excreções do corpo
- VII. DECÊNCIA: O AMOR
 1. Concubina
 2. Prostituta
 3. Alcoviteira, alcoviteiro
 4. Prostíbulo
 5. Efeminação
 6. Coito
 7. Onanismo
 8. Pederastia
 9. Gravidez
 10. Parto
 11. Marido enganado

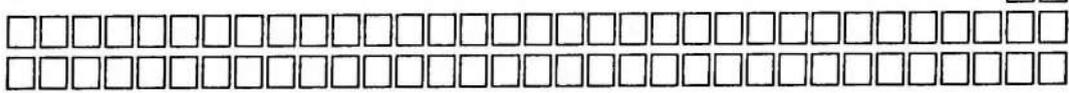
O que observamos ao analisar este *corpus* (KRÖLL, 1984, p. 12)¹¹ foi a constante superposição de itens tal como apresentados pelos autores mencionados por Guérios anteriormente. Como não há nas classificações apresentadas por aqueles estudiosos as subdivisões como as temos de Kröll, deixamos de visualizar melhor a conceituação que cada autor faz dos elementos observados. Por exemplo, Kröll fala de **eufemismos de superstição** e os subdivide em: o diabo, a mão esquerda, nomes de animais, etc. Guérios já os incluía como "**tabus em nomes de espíritos malignos**", "**tabus em nomes dos membros do corpo humano**", "**tabus em nomes de animais**" e assim por diante. O que para Kröll aparece sob o rótulo geral de **Defeitos morais e mentais** — a mentira, a embriaguez — estão em Silveira Bueno sob a égide de **eufemismos de polidez**. Parte de Kröll o tentar ser o mais completo, o mais cuidadoso nas suas subdivisões e cabe, portanto, a cada autor ter encontrado a sua versão para estes usos. Como bem o diz no início de seu trabalho (1984, p. 12), uma "separação nítida" é difícil de ser obtida entre os diferentes grupos sociais. Por isso

¹¹ "O nosso propósito é apresentar um "corpus" de material lingüístico classificado que possa documentar as tendências eufemísticas do português moderno."

também se escuda no levantamento feito em Portugal, com poucas incursões no português do Brasil. São grupos sociais distintos, com experiências diversas que dão origem a interpretações diferentes, portanto.



3. Processos eufemizantes



3. PROCESSOS EUFEMIZANTES

Neste capítulo procuramos descrever os processos de que resultam os eufemismos. Observe-se o texto de João da Silva Correia já transcrito por Guérios no seu livro *Tabus Lingüísticos*. Tomamos a liberdade de fazer o mesmo: o artigo fala por si.

Levando-se em consideração que eufemismos são usados para atenuar termos ou expressões não aceitos pelo grupo social, termos estes definidos como tabus, percebe-se que, da freqüência com que surgem proibições, nota-se o aparecimento de eufemismos. Como bem o definem ALLAN & BURRIDGE (1991, p. 11), "A euphemism is used as an **alternative** to a dispreferred expression"¹, é essa idéia que faz com que se perceba que, a uma nova censura, busca-se uma nova forma de disfarce, de mensagem indireta, de circunlóquio, uma alternativa, desde que preservada a idéia que é manipulada pelo grupo. Também RAWSON (1981, p. 5), ao descrever um dos aspectos da formação de eufemismos como um processo, embora não o identifique com esse termo, afirma que: "Once people begin to shun a term, it usually is necessary to develop a new euphemism to replace the one that has failed. Then the second will become tainted and a third will appear. In this way, chains of euphemisms evolve. Thus, **mad** has been euphemized successfully as **crazy**, **insane**, **lunatic**, **mentally deranged**, and just plain **mental**. Then there are the poor and backward nations that have metamorphosed from **underdeveloped** to

¹ "O eufemismo é usado como uma **alternativa** para uma expressão inadequada"

developing to emergent."² Fatos como os acima descritos vêm provar que essas mudanças estão ligadas ao momento cultural em que as mesmas ocorrem.

Os processos que dão lugar ao surgimento de eufemismos estão intimamente ligados àqueles que se enquadram nos estudos das mudanças semânticas em geral. Observe-se o que diz Stephen ULLMANN (1964, p. 409), ao estudar este assunto: "As mudanças de significado podem ser provocadas por uma infinita multiplicidade de causas." E acrescenta (1964, p. 411-438): "Três delas foram claramente identificadas no artigo fundamental de Antoine Meillet sobre o assunto:

1. Causas lingüísticas
2. Causas históricas
 - c. Objetos
 - d. Instituições
 - e. Idéias
 - f. Conceitos científicos
3. Causas sociais
4. Causas psicológicas
 - a. Fatores emotivos
 - b. Tabu
 - I. Tabu de medo
 - II. Tabu de delicadeza

² "Toda vez que o povo começa a evitar o uso de um termo, faz-se necessário desenvolver um novo eufemismo para substituir o que foi censurado. Quando esse segundo termo se torna contaminado, surgirá um terceiro. Deste modo é que cadeias de eufemismos evoluem. Assim é que o termo **louco** tem sido eufemizado sucessivamente como **doido**, **insano**, **lunático**, **mentalmente perturbado**, e simplesmente **mental**. Ademais, há os países pobres e atrasados que foram metamorfoseados de **subdesenvolvidos** para **em desenvolvimento** e, posteriormente, para **emergentes**."

III. Tabu de decência

5. A influência estrangeira como causa da mudança semântica
6. A necessidade de um nome novo como causa da mudança semântica"

Após justificar e exemplificar cada item aqui arrolado e tendo feito um estudo mais profundo sobre o tabu, ULLMANN (1964, p. 434) conclui: "Esta curta selecção de exemplos terá mostrado que o tabu e o eufemismo são causas importantes da mudança semântica."

Para Joseph M. Williams (NEAMAN & SILVER, 1984, p. 9): "When unpleasant elements of response attach themselves strongly to the word used to describe them, we tend to substitute another word free of these negative associations. In this way, psychologists tell us, euphemisms are formed."³ E sugere cinco processos semânticos gerais na formação de eufemismos:

1. Palavras tomadas a outras línguas por empréstimo:
 - halitosis** do latim **halitus**
 - micturition** em lugar de **piss**
2. Ampliação de significado:
 - growth** em lugar de **cancer**
 - foundation** em lugar de **girdle**
 - social disease** em lugar de **syphillis**
 - solid human waste** em lugar de **feces**
3. Mudança semântica (metonímia):
 - rear end** em lugar de **buttocks**

³. "Quando elementos desagradáveis numa resposta apegam-se fortemente à palavra usada para descrevê-los, temos a tendência a buscar uma nova palavra livre dessas associações negativas para substituí-la. Desta forma, afirmam os psicólogos, é que se formam eufemismos."

to sleep with/to go to bed with em lugar de **sexual relations**

4. Transferência metafórica (Os eufemismos escolhidos são formas românticas, poéticas ou adocicadas da forma original):

blossom em lugar de **pimple**

cherry em lugar de **hymen** (no passado, poeticamente eufemístico; hoje, em desuso)

5. Distorção fonética:

a. redução: **Ladies** em lugar de **Ladies' room**.

b. apócope: **Vamp** em lugar de **Vampire**.

c. siglas: **JC** em lugar de **Jesus Christ**.

d. retro-formação: **Burgle** a partir de **Burglar**.

e. reduplicação: **Pee-pee** em lugar de **piss**.

f. distorção fonética: **Cripes** em lugar de **Christ**

Gad em lugar de **God**

g. cruzamento vocabular: **Gezunda** (goes under) em lugar de **vaso noturno**.

h. diminutivos: **heinie** (de hind end) em lugar de **buttocks**

DEMERS (1991, p. 27-28), no estudo que faz sobre o eufemismo em inglês e em francês, diz serem sete os métodos responsáveis pelo surgimento de eufemismos lexicais, a saber:

1. Empréstimo:

slip em lugar de **caleçon**

derrière em lugar de **ass**

au naturel em lugar de **naked**

- enceinte** em lugar de **pregnant**
2. Extensão de sentido:
disparaître em lugar de **mourir**
dessous em lugar de **sous-vêtements**
growth em lugar de **cancer**
foundation em lugar de **girdle**
3. Deslizamento de sentido:
gai em lugar de **homosexuel**
coucher avec em lugar de **baiser**
gay em lugar de **homosexuel**
to sleep with em lugar de **fuck**
4. Fórmulas imagéticas:
passer l'arme à gauche em lugar de **mourir**
s'envoyer en l'air em lugar de **baiser**
to kick the bucket em lugar de **die**
to play night baseball em lugar de **fuck**
5. Siglas:
M.T.S. em lugar de **maladie vénérienne**
B.O. em lugar de **sweat**
6. Distorção fonética:
diantre em lugar de **diable**
parbleu em lugar de **par Dieu**
Cripes em lugar de **Christ**
Gad em lugar de **God**
7. Apócope:
pipi em lugar de **pisse**
quéquette em lugar de **queue**

Gee em lugar de Jesus
pro em lugar de prostitute

Sob o título geral de Tipos de Eufemismos, ALLAN & BURRIDGE (1991, p. 14-20), discutem não só as variedades existentes como também a maneira de como são formados os eufemismos. Esta lista inclui alguns dos itens já apresentados por outros autores neste capítulo, mas não se constitui numa lista exaustiva. Como bem disse ULLMANN (1964, p. 409): "Um dos primeiros semânticos distinguiu nada menos de trinta e nove possibilidades", a lista compilada por Allan & Burrige é extensa, rica de exemplos, alguns dos quais estão aqui mencionados que, todavia, não chegam a número tão elevado de possibilidades.

1. Circunlóquio:

categorical innacuracy/terminological inexactitude
 em lugar de **mentira**

criminal sexual assault/a serious offense against a woman em lugar de **estupro**

excrementitious human kidney fluid em lugar de **urina**

2. Apócope:

Jeeze em lugar de **Jesus**

bra em lugar de **brassière**

nation em lugar de **damnation**

3. Anagramas (Acronyms):

SNAFU em lugar de **situation normal, all fucked up**

4. Abreviações:

S.O.B. em lugar de **son of a bitch**

5. Omissões:
 - total: ****
 - parcial: **I need to go** (to the lavatory)
6. Substituição elemento por elemento:
 - bottom** em lugar de **arse, ass**
 - casket** em lugar de **coffin**
7. Geral por específico (sinédoque):
 - nether regions** em lugar de **genitals**
 - Nixon's prething/posthing** em lugar de **Watergate break-in**
8. Parte pelo todo (metonímia):
 - spend a penny** em lugar de **go to the lavatory** (when public lavatories cost a penny to access/quando se pagava um "penny" para usar os banheiros públicos)
9. Hipérbole:
 - flight to glory** em lugar de **death**
 - villa in a premier location by the bay** em lugar de **dilapidated artisan's cottage**
10. Litote:
 - sleep** em lugar de **die**
 - He's not very bright** em lugar de **he's as thick as two short planks**
11. Empréstimos:
 - latim: **perspire** em lugar de **sweat**
 - expectorate** em lugar de **spit**
 - defecate/feces** em lugar de **shit**

francês: **lingerie** em lugar de **women's**

underclothing

brassière em lugar de **tit-covers, breast plates**

12. Termos eruditos, jargão técnico, termos comuns ou coloquiais:

feces em lugar de **shit**

period em lugar de **menstruate**

Em língua portuguesa o trabalho mais completo sobre a formação de eufemismos parece ser o apresentado pelo prof. João da Silva Correia da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1927. Com mais de "trinta e nove possibilidades" que já surpreendera Ullmann,⁴ encontra-se o mesmo reproduzido em GUÉRIOS (1979, p. 17-23), ao discorrer sobre os meios de substituição dos vocábulos tabus. Busca-se fazer o mesmo aqui:

Consoante João da Silva Correia tais são os principais processos eufemizantes.

Com os auxiliares da linguagem:

1º) *O tom de voz* – "O tom de voz com que se disser a outrem: *o senhor fez uma pouca vergonha*, implica da parte de quem fala um juízo sobre a pouca vergonha cometida. Se é de cólera, indicará que ela é sem desculpa; se é de calma – que ela é perdoável!"

⁴ In Ullmann, p. 409: R. de la Grasserie, *Essai d'une sémantique intégrale*, Paris, 1908, vol. I, pp. 89-139.

2º) *Os popismas* – "Aquele com que se estimulam animais como o burro, o macho e o cavalo – e que é vulgar salta da boca de alguém que foi pisado, embora equivalendo lá no íntimo a *Arre, besta!*, leva o pisador a pedir desculpa..."

3º) *Os gestos* – "Hoje, nota J. Leite de Vasconcelos, hoje conta-se que os negociantes, para inculcarem bondade nas mercadorias com que enganam os fregueses, metem a ocultas o dedo na casa do casaco ou do colete, e dizem: *arrasada seja esta casa, se eu não falo verdade!*"

4º) *A tosse* – "Há um exemplo, diz J. da S. Correia, no passo do 'Alfageme de Santarém', de Garrett, em que o protagonista canta, elidindo, por meio da tosse, parte do verso – *com a rainha dormia*: 'E inda o conde da Alemanha, /com a... (tosse) hum!... hum!... hum!... dormia!'"

No campo lexical:

1º) *Elipse* – "O povo emprega as interjeições – *t'arrenego! sume-te! por t'arrenego, diabo! sume-te, diabo!*"

"A omissão eufêmica é, por motivos supersticiosos, muito vulgar em pragas e juras: *raios!* – equivale a *raios te partam; eu seja! a eu seja ceguinho!*

Há o recurso da aposiopese, p. ex.: *ele é um...* em vez de – *ele é um patife!*

2º) *Substituição* – substituição de fonemas: em vez de *ódio* o uso de *osga*; em vez de *raios* o emprego de *raças, ratos*: *raças te partam!, raios te partam!*, em vez de *cornio* ("mala parte"), Cornélio. "A respeito de um indivíduo chamado Brito e que na

realidade é bruto: é *Brito com u*." "No Parlamento português também se fizeram já em tempos largas referências a *socialistas com u*".

3º) *Versão* – "A versão é um meio bastante corrente de evitar uma palavra-desagradável ou vulnerante. Os vocábulos da língua estranha – mormente quando tal língua tem prestígio literário, como o latim ou o francês – são freqüentemente encarados como mais nobres e delicados. Eles servirão, pois, para traduzir, em grande número de casos, idéias ou atos que não se podem denominar sem véu eufêmico no idioma materno. As línguas modernas recorrem hoje ao latim para atenuar muitos termos fatais ou crus, exatamente como o idioma do Lácio outrora recorreu ao grego para velar termos deste teor."

"Francisco José Freire entendia até que uma lavra, aliás bem inocente como *bostela*, devia ser atenuada por meio do vocábulo latim – *pústula*, que é o étimo do primeiro com troca do sufixo átono – *ula*, pelo tônico."

4º) *Termo científico* – "A palavra científica ou erudita tem muitas vezes o mesmo efeito eufêmico que a palavra da língua estranha. Em vez dos vulgarismos que designam o posterior, emprega-se *âmus*, termo científico; em vez dos nomes grosseiros que designam a matéria expelida por essa mesma parte do organismo, empregam-se os vocábulos – *dejetos* ou *excrementos*; em vez mesmo de palavras menos nobres, como *cuspir* ou *escarrar*, empregam-se termos mais rebuscados e de tom um tanto erudito ou científico – *salivar* ou *expectorar*."

5º) *Arcaísmo* – "O arcaísmo de palavra ou expressão também se pode empregar com valor eufêmico – inda mesmo quando é bastante transparente."

6º) *Onomatopéia* – "A imitação dos sons naturais desempenha por vezes papel eufêmico. As mães dizem com freqüência às crianças que deixaram escapar uma ventosidade – *é muito feio dar pus.*

7º) *Vocábulos da linguagem infantil* – "Os termos, na forma por que usualmente aparecem na boca da criança, desvulgarizam-se e depuram-se, mesmo quando são rasteiros e sujos." São exemplos: *pipi, xixi* etc.

8º) *Interpretação vocabular* – "O ruído sombrio, gutural e rolado do vômito é traduzido onomatopaicamente pela palavra *Gregório* – vogal tônica penumbrosa e com repetição da gutural e da vibrante."

9º) *Formas primitivas* – exs.: "O *Códeas*, o *Pílulas*, respectivamente aplicadas a indivíduos que trazem geralmente o fato cheio de códeas, ou possuem aquele desequilíbrio mental que uma metáfora graciosa do calão lisboeta chama 'ter pílulas no capacete.'"

10º) *Formas derivadas* – "Os diminutivos muito especialmente são empregadíssimos. Foge-se a pronunciar o nome do diabo, mas diz-se afoitamente – *diabito, diabinho, diabrete.*"

11º) *Formas compostas* – "Um nome sujo ou obsceno, uma vez em composição com outros elementos, pode ganhar limpeza e ter aceitação." Exs.: *luzecu* ou *lezencu*, "pirilampo" (provincianismo port.), *acuar, recuar* etc.

12º) *Denominações afetuosas* – "O emprego eufêmico de nomes cumprimenteiros aparece principalmente nas práticas supersticiosas. A fim de conjurar ou acarinhar os seres e as coisas malélicas – diabos, bruxas, animais perigosos, ou simplesmente prejudiciais, doenças tenebrosas ou mortíferas – substitui-se humildemente o nome verdadeiro destas potências do mal por denominações suaves e afetivas. "Ex.: O latim *mustela* substituído em português por *doninha* etc.

13º) *Termos genéricos* – "Os vocábulos ou expressões próprias são muitas vezes substituídos por termos ou locuções gerais, cujo significado facilmente ressalta da situação ou momento especial em que foram empregues." Ex.: em vez de *diabo* o uso de *o inimigo*, *o pecado* etc.

"Quanto mais geral for o emprego duma palavra, quanto maiores forem as suas possibilidades polissêmicas, tanto mais utilidade eufemizante ela possui. É o caso de termos vicários, como o substantivo *coisa* e o verbo *fazer*."

No campo fonético há apenas um processo eufemizante – a *deformação*.

"O termo gravoso, cuja pronúncia integral e exata escandalizaria os ouvidos delicados, uma vez estropiado não fere susceptibilidades nem causa constrangimento a ninguém. A deformação emprega-se sobretudo para dissimular palavras impudicas ou velar termos religiosos."

Alguns aspectos da deformação eufêmica:

1º) *Redução* – "A palavra violenta é abreviada, e por mais pequeno que seja o fragmento conservado ele funciona

semanticamente como se fosse o termo completo." Ex.: *ter um t na testa* – em que a dental *t* eufemiza a palavra – *toló*.

2º) *Encorpamento* – "Para disfarçar o ermo ominoso enriquece-se este por vezes com fonemas que não lhe pertencem." "Ao pirilampo chamam no Algarve *luzecuco* por *luzecu*."

3º) *Deslocamento prosódico* – "Em vez de se empregar a palavra na sua forma corrente ou correta, retrai-se ou adianta-se o acento dela." Ex.: *porcó* (gíria port.) em vez de *porco*; *meninó* (Figueiredo), "finório, espertalhão", em vez de, figuradamente, *menino*.

4º) *Mutação de fonemas* – "Consiste em substituir um ou mais fonemas de uma palavra por outros. São as terminações que principalmente se trocam. Este processo eufêmico é usado largamente no campo dos eufemismos de superstição." Exs.: *dialho*, *democho*, *demongres* em vez de *diabo*, *demônio*.

5º) *Inversão de sons* – "Os anagramas quando empregues por motivo de delicadeza ou de prudência entram nesta categoria de processos atenuadores."

6º) *Cruzamento vocabulares* – ex.: *decho* + *demo*, ambos sinônimos de "demônio", deu lugar a *dechemo*, que aparece em Gil Vicente.

No campo gramatical:

1º) *Mudança de gênero* – ex.: Por *bacio*, em Portugal, vir a ser inconveniente, empregou-se *bacia*.

2º) *Mudança de número* – ex.: "O singular – *peito* é mais delicado, porque apresenta uma parte do corpo no seu conjunto, que o plural – *peitos*, que evoca parcelas distintas dele: os seios."

"Contudo, p. ex., *membros*, quando se usa sem especificação, é mais decente que o singular. *Nós*, em vez de *eu*, é "para não irritar os outros com imodéstias ou excessos personalísticos."

3º) *Mudança de modos* – ex.: "Em vez do imperativo, quase sempre agressivo, *arranja tu isso!* diz-se, empregando o indicativo, muito mais suave: *tu arranjias isso!*"

4º) *Mudança de tempos* – ex.: "Em vez de expressões secas, afirmativas ou interrogativas, como *peço-lhe o favor de voltar amanhã, pode dar-me duas palavras?* empregam-se na vida ordinária frases mais boleadas, como tempos do futuro ou do passado: *pedia-lhe o favor de volta amanhã, poder-me-á dar duas palavras?* ou *poder-me-ia dar duas palavras?*"

5º) *Mudança de forma proposicional* – "Por delicadeza ou prudência muda-se muitas vezes em interrogativa uma frase de caráter imperativo, ou em hipotética uma frase de caráter decisivo." Ex.: "Em vez de se dizer *peça um livro desses para mim; vamos passear*, dá-se à frase um caráter interrogador, muito mais doce e modesto: *era capaz de pedir um livro desses para mim?; e se nós fôssemos passear?*" "Em substituição de uma afirmação formal como – *o senhor não vai bem por esse caminho* usa-se uma frase de caráter probabilístico: *o senhor talvez não vá bem por esse caminho.*"

6º) *Alianças vocabulares* – "As palavras não têm em combinação o valor que têm no estado insulado. A adição de um qualificativo inocentíssimo pode adoçar, e mesmo desvanecer por completo, as arestas agressivas de uma palavra que, desacompanhada, impressionaria mal."

No campo semântico:

1º) *A metonímia* – ex.: *Madalena* em vez de *meretriz*.

2º) *A metáfora* – ex.: "Para designar a fome há inúmeras metáforas eufêmicas, tais como – *traça, rato, peneira*."

3º) *A alegoria*.

4º) *A antífrase* – "O termo pode ser, por decência ou por prudência, substituído pelo seu antônimo." Exs.: "De um estúpido diz-se não raro – *é inteligente!* e a expressão – *isto vai bem!* equivale freqüentemente a – *isto vai mal!*"

5º) *O trocadilho* – ex.: "Dir-se-á que um indivíduo é incapaz de uma afirmação gratuita – com dois significados: o de que ele não é capaz de uma asserção leviana ou ímproba, ou de que só assevera aquilo que os outros lhe mandam dizer por dinheiro."

6º) *A etimologia popular* – "O estabelecimento de um laço etimológico aparente entre duas palavras de famílias diversas pode às vezes ter efeito eufêmico." Ex.: "No calão – e principalmente no dos malfeitores – abundam falsas associações: assim o *ladrão* é denominado *ladrilho*, a *gaveta* que se arromba – *gávea*, a *peça* de fazenda que se rouba – *peçonha*."

No campo estilístico:

1º) *A circunlocução* – ex.: Alexandre Herculano evitou o emprego de *porca* e *rabo* nesse passo do *Pároco da Aldeia*: "Ai é que certo animal torcia certa parte do corpo que eu e o leitor sabemos."

2º) *A hipersemia* – "Para impressionarmos os outros exageramos a verdade." Ex.: *Grande Hotel* (a um simples hotel).

3º) *A hipossemia* – "Necessidade de diminuir e dissimular – diminuir a impressão desagradável que produziriam certas evocações; dissimular determinadas idéias ou reações sentimentais, cuja manifestação nos desconvenha." Exs.: *inverdade* (em vez de *mentira*); *fiquei menos contente com a sua ação* (em vez de *fiquei descontente com a sua ação*); *convite pouco agradável* (em vez de *convite desagradável*).

4º) *A expressão negativa* – "A negação é por vezes uma forma comodíssima de fazer uma afirmação perigosa ou prejudicial." Ex.: "Afirmar, por exemplo, que um indivíduo *não é um bandido* está longe de querer dizer que ele seja um homem de bem."

5º) *A frase paradoxal* – "As expressões paradoxais têm às vezes, com valor humorístico, valor eufêmico." Ex.: "Quando se está farto de aturar um importuno, e uma expressão enérgica não tarda a escapar, recorre-se salvadoramente a uma frase como: – *ora vá lá fora ver se eu lá estou!* Em vez de dizer-se que um indivíduo é *tapado como uma porta*, o que seria extremamente agressivo, emprega-se uma comparação irônica adoçante das arestas – *esperto como uma porta.*"

6º) *A repetição* – exs.: em vez de – *diabos levem o rapaz!* dir-se-á *diabos levem... o diabo!* Ora, *os namorados são... os namorados!*

7º) *Os complementos desculpadores* – "Muitas vezes o eufemismo é constituído por um complemento fraseológico que atenua a palavra ou expressão ominosa que se não pôde ou não soube evitar. A praga *raios te partam* é anulada freqüentemente com o acrescento de *nunca.*"

No port. arc., com expressões indecentes usava-se o complemento *salvanor* ou *salvonor* (de *salva honor*, "salva a honra"), e hoje se diz – *com licença da palavra...*, *com sua licença*, *com perdão...*, *com o devido respeito*.

Entre mais outros recursos eufêmicos apresentados por João da Silva Correia, citemos:

Sufixação críptica – com sufixos estranhos (por ex., -*off* do russo): É um autêntico *malandroff*.

Gráficos – *Rab & Osk*, isto é, *rabiosque* (por sua vez eufemismo por derivação): rabo + sufixo *-iosque* (talvez de *quiosque*).

Indicação do número de letras do vocábulo indecente – em regiões de Portugal: *onze letras* (= alcoviteira) ou mais veladamente, – *dez-e-um*.

Negação da "*realização de um dos dois atos alternados para se entender que se produz o outro: Quando este homem abre a boca, nunca entra mosca* (= "Quando este homem abre a boca, sai asneira"), visto que a alternativa é: entrar mosca ou sair asneira."

Destes autores retiramos subsídios para a análise de nossos dados, apresentada na conclusão.

4. Tipos de eufemismos

Grid of empty boxes for notes, consisting of two rows of 20 boxes each.

Vertical grid of empty boxes for notes, consisting of 20 pairs of boxes stacked vertically.

4. TIPOS DE EUFEMISMOS

Neste capítulo estaremos estudando eufemismos gestuais, o discurso eufemístico e o eufemismo sintático.

Quanto à forma, sabe-se que há eufemismos lexicais, frasais, sintáticos e, muitas vezes, todo um discurso. Quanto aos gestos poucos autores a eles se referiram. Como auxiliar da linguagem é mencionado por João da Silva Correia e, no Brasil, sob o rótulo de *Gestos Tabus, Gestos Eufêmicos* por Silveira Bueno. O primeiro buscou seu exemplo no que diz J. Leite de Vasconcelos (GUÉRIOS, 1979, p. 17) quanto a comerciantes desonestos que colocam o dedo na casa do casaco ou colete a fim de justificarem a sua pretensa honestidade. SILVEIRA BUENO (1965, p. 192-194) trata dos gestos que são súmulas de idéias, símbolo de pensamentos, quase todos internacionais. Diz que há gestos desagradáveis, desonestos, insultantes, proibidos pela decência, pela sociedade, portanto, verdadeiros tabus. Para ele, são gestos eufêmicos aqueles que substituem de maneira muda, sentimentos profundamente honestos, embora tristes. Como exemplo cita que à expressão **dar uma banana** basta-lhe o gesto de dois braços trançados com a mão direita fechada, erguida, bamboleante. Melhor seria substituí-la por **apresentar as armas de São Francisco** (braços entrelaçados no brasão religioso).

Outros exemplos de gestos tabus, gestos eufêmicos são **a figa**, antes símbolo de um congresso sexual, depois talismã; **apontar o dedo para o alto**, gesto eufêmico para não pronunciar a palavra tabu — **morte**. Nos circos romanos, com Nero no poder, **polegar para**

baixo era sinônimo de **mate!** e **polegar para cima** sinônimo de **não mate!** Eram estes gestos eufêmicos.

Em referência ao discurso eufemístico o interesse despertado se volta para um estudo dos discursos de posse dos presidentes Carter e Reagan (BOSMAJIAN, 1985). Nesse estudo o autor analisou o uso de palavras "persuasivas" encontradas em ambos (godterms, adwords, euphemisms and faculty metaphors) e, essencialmente, a manipulação da mensagem veiculada de forma a disfarçar o verdadeiro propósito do discurso que, no caso, era convencer os eleitores do acerto na escolha de um candidato verdadeiramente patriota e a serviço do seu país. Diz o Autor que ambos, Presidente Carter e Presidente Reagan fizeram uso das palavras "confidence", "faith", "freedom", "glory", "liberty", "love", "strength" mas aponta ainda uma lista de palavras usadas por cada um deles e não mencionadas no discurso do outro. Destacam-se, na fala de Carter, termos tais como **affirmation, decency, humane, justice, mercy** entre outras e na fala de Reagan termos como **courageous, daring, progress, reborn, sincere, vibrant** etc. Tudo nesses discursos leva o eleitor a pensar na validade da escolha, uma vez que a repetição de termos persuasivos é enfatizada para levá-lo à aceitação do candidato, sem restrição. Comprovou-se que a palavra "free" e seus derivados aparecem cinco vezes no discurso de Carter mas, no discurso de Reagan, cuja duração é de 18 minutos — mais longo do que o de Carter — essas palavras chegam à média de uma por minuto! Junte-se a estes termos o emprego de eufemismos ligados à política e ter-se-á a mensagem ideal para a visão de um mundo irreal a qual,

todavia, satisfaz aos eleitores como a mensagem que estavam dispostos a ouvir. A chamada "fala eufemística de duplo sentido" de Reagan é uma de suas características e se constitui em ótimos exemplos da linguagem que George Orwell condenava, em 1945, quando dizia que "political speech and writing are largely the defense of the indefensible" (BOSMAJIAN, 1985). Assim, **pacification/pacificação** era o termo usado para indicar bombardeamento de vilarejos, **elimination of unreliable elements/eliminação de elementos duvidosos** indicava presos sem julgamento e mortos à queima-roupa, **the arbitrary deprivation of life/a privação arbitrária da vida** significava a matança de rebeldes salvadorenhos. Assim, todo o discurso recorre a termos e expressões que, no conjunto, disfarçam a crueza dos verdadeiros objetivos desse modo manipulados para encobrir os fatos reais.

Um exemplo ilustrativo de eufemismo sintático "Women are here to stay so **let's make** the best of **them**."¹ (PENELOPE, 1981), enunciado esse encontrado num "outdoor" em Sioux City, Iowa, 1975, e que recebeu da autora a análise que se segue: "escrito para deliciar 'homens, apenas' embora apresentado em público; **women**, sujeito na primeira cláusula e objeto na segunda; **us**, pronome que induz o leitor a inferir serem do sexo masculino os elementos em questão. O enunciado é inofensivo; o local da apresentação, a imaginação do leitor não o são; o convite está feito e o disfarce aí está para comprová-lo..."

¹ "As mulheres vieram aqui para ficar, portanto, vamos nos aproveitar delas ao máximo."

Um outro exemplo desse tipo é o que aparece na seção "Nova York por aí" do Diário da Corte por Paulo Francis, publicado no dia 5 de novembro de 1992, no jornal *O Estado de São Paulo*: "A moda em Nova York, nos Estados Unidos sofisticados, para cortar chamadas telefônicas é dizer "I'll have to let you go now", "Tenho de deixar você ir agora" (*sic*).

Já o jornalista Nirlando Beirão diz numa de suas notas, na seção "Galeria", do Caderno 2 do mesmo jornal, em 1992: "Não me parecem muito felizes os termos com que ACM (Antônio Carlos Magalhães), Governador da Bahia, fez referências ao Ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira." Conhecendo-se o protagonista, não devem ter sido muito felizes mesmo.

Revelou-se Nirlando Beirão um grande mago na arte do disfarce durante a sua passagem na seção "Galeria" do citado jornal, uma vez que interpretar as suas estruturas veladas, eufemísticas portanto, era tarefa para bons entendedores desta sociedade brasileira à época. Veja-se a nota publicada no dia 16 de dezembro de 1992: "Por pouco, muito pouco, a coisa não vira uma ironia. A versão número 2 do filme *Esqueceram de Mim* tem estréia marcada, em circuito nacional, nesta sexta-feira, 18. O dia antes previsto para votação, no Senado, do impeachment daquele que implorava que não o esquecessem, que não o deixassem só."

Tendo o eufemismo sido visto sob vários ângulos e esse estudo deixado antever o lado irônico, jocoso, popular que caracteriza o seu contraparte, ou seja, o disfemismo, é ele o objeto do nosso estudo no próximo capítulo.

5. DISFEMISMOS

"Evidently, it's better to think of euphemisms as a variety of processes rather than a collection of expressions; and, given the variety of human judgements, it's more than likely that **one man's euphemism will be another man's dysphemism**"¹ (Grifo nosso).

ADAMS, 1985, p. 54.

Não se pode deixar de registrar aqui a noção de disfemismos que, "em muitos casos é quase impossível separá-los dos eufemismos" (KRÖLL, 1984, p. 12). No artigo intitulado *Euphemisms of Death in Translation* (CAMARGO & STEINBERG, 1989) encontra-se o termo disfemismo assim explicitado: "... to form dysphemisms, or in other words, those that treat DEATH in a derisive way, making fun of it or the DEAD."² A seguir uma pequena amostra a que se referem estes autores quanto ao tratamento escarnecedor dado à morte (em inglês): to turn up one's toes (arrebitar os dedos dos pés), to drop off the hooks (cair dos ganchos), to dangle in the sheriff's frame

¹ "Evidentemente que é melhor pensar em eufemismos como uma variedade de processos do que uma coleção de expressões; e, dada a variedade de julgamentos dos seres humanos, é bem possível que o que é um eufemismo para alguns será um disfemismo para outros"

² "... para formar disfemismos ou, em outras palavras, aquelas expressões que tratam a MORTE de modo jocoso, ridicularizando-a ou os MORTOS."

(balançar-se na armação do xerife), to kick the bucket (chutar o balde), to do a dance in mid-air (dançar no ar), to drop the curtain (descer o pano de boca); (em português): esticar as canelas, virar presunto, bater o trinta e um, ver o céu por dentro, ir para cidade dos pés juntos. Ao falar em *Meios de Substituição dos Vocábulos Tabus*, GUÉRIOS (1979, p.11-23) assim se refere aos disfemismos: "Disfemismo é uma expressão agravante." Mais adiante, acrescenta: "Mas atenda-se para o complexo do fenômeno — a palavra tabu é que é para temer e não a outra, embora se agrave a expressão. E dá como exemplos: demônio = coisa-ruim, malvado, maldito; erisipela = maldita; lepra = mal-bruto; tuberculose = doença-ruim." Para SILVEIRA BUENO (1965, p. 231), "o disfemismo é o rebaixamento dos termos nobres e comuns e quando o termo já é de si inconveniente, então, aumenta-lhe ainda mais a rudez da significação por uma substituição procurada, voluntariamente, empregada em que avulte o lado mau, desagradável, imoral, sujo.". Também neste caso escolheu-se apenas alguns exemplos dos muitos arrolados por este autor: **automóvel é lata, marmita, banheira. Um Chevrolet é chevrolata. O Cadillac é cadilata. O bonde é carroça, carroção. Os ônibus são geringonças, caçambas. Uma banda de música é charanga, lira. Um teatro é barracão, pulgueiro, piolheiro, galinheiro. A câmara municipal é redondel; a dos deputados: covil de ladrões, antro de Ali-Babá, gaiola dourada. Os deputados são papagaios de ouro por causa do alto subsídio que eles próprios arranjam para si. O senado é asilo de velhos. Um negócio qualquer é uma arapuca. As casas de apartamentos são cortiços de luxo,**

apertamentos. Soldado é cabeça seca; guarda-civil é grilo. O fuzil é pau furado, Padre é corvo; freira é barata. Todo médico é veterinário. Se for cirurgião é açougueiro, magarefe. Um português é um galego. Um italiano é carcamano. O espanhol é grão de bico e ferro velho. Todo sírio, libanês, persa, egípcio, todo falante de árabe é turco. Os israelitas, judeu, judeu da prestação. Um francês é franciú. Todos os louros, sejam alemães ou tchecos, melados, bichos d'água. Os negros, chicletes de onça. Mulato é cabra, fumaça, queimadinho. Almoço é mata-fome, grude, bóia. Dinheiro é grana, arame, milho, bronze, cobre. Os pais são os velhos. A família é a turma. O revólver é o berro. Dar tiros: soltar cachorrinhos nos pés de alguém. Mãos e pés são patas, ganchos. Fuça é o rosto. Quem enjôa, enfastia, causa enfado, enche, subentendendo-se: os testículos.

Do ponto de vista gramatical, pode manifestar-se a língua culta diminuindo o valor estimativo das cousas, dos seres vivos e humanos. Vejamos os sufixos depreciativos. Os diminutivos apresentam esta depreciação afetiva: -inho, pezinho, bobinho, tontinho etc. Terminados em -ote, -eco, -ucho: velhote, sabichote, padreco, soldadeco, gorducho etc. Os terminados em -astro, como poetastro etc. Os que apresentam o sufixo -aço, -acho: mulataço, poetaço, muacho etc. Os aumentativos em -ão, -zão: dramalhão, barrigudão, canzarrão etc. O sufixo -eira é depreciativo em faladeira, cortadeira etc. Verbos há, depreciativos, em sua forma diminutiva ou frequentativa: escrevinhar, traduzinhar. Certos femininos são evitados: cadela, vaca, galinha, loba (do latim lupa -> lupanar), porca, égua, cabra. Alguns aumentativos são considerados plebeus: carona, mãozona, porcallhona etc.

Os cacófatons do tipo... **acerca dela, alma minha** etc aumentam segundo sobe a malícia dos leitores. Mais adiante, afirma (p. 233): "De tempos a tempos aparecem alguns pudibundos e inocentes, aqueles antigos sepulcros caiados por fora, que desejam policiar os dicionários arrancando deles não só as palavras que possam pela homofonia lembrar outras, mas até verbetes correntes no idioma, empregados pelos mesmos hipócritas em suas conversações caseiras." Caso concreto: retirar **judeu, judiar, judiaria, judengo**, por solicitação de um judeu ao Ministro da Educação.

Muitas pessoas podem se sentir constrangidas em certos ambientes em que a homofonia gera situações embaraçosas. E exemplifica: o verbo **putare**, em aulas de latim. Usando-se **imputar, disputar, computar**, consegue-se eliminar o tabu. Outros exemplos são **aporrinhar**, do latim **apporrinare** no qual **porrina** designava a parte de madeira das armas e que se evita pela homofonia com um termo que indica sêmen humano. Capão Bonito, cidade paulista vem de capão, de origem tupi que significa **mato, bosque** mas que lembra o frango de engorda. Um bom exemplo de disfemia fonética é a palavra **cocheira** que, pronunciada por portugueses fez Carlos de Laet retrucar a Camilo que "tal cousa, no Brasil não cheirava bem". Há pessoas que desfiguram foneticamente certos termos ora para eufemizar ora para disfemizar. Em lugar de p--- temos **pota, pucha, pulga, púcara**. Ressalve-se o fato de que, em se tratando de pessoa preconceituosa, e, acima de tudo, pudica (veja-se, que usa **sêmen humano** em lugar do termo **porra** embora esteja a discorrer sobre **aporrinhar, porrina**), muito pouco apresenta sobre disfemismos referentes à morte (p.195): "morrer é o termo direto; **dormir no**

Senhor é o eufemismo; **esticar as canelas, bater as botas, dar com o rabo na cerca, arrebentar** são disfemismos. A nota característica dos disfemismos é a crueza da significação aumentada pela brutalidade do termo empregado".

Há, ainda, um outro sentido atribuído às palavras disfêmicas que é o da **escolha da ocasião** dependendo do impacto que se quer causar (ALLAN & BURRIDGE, 1991, p.26): "I'm going to the loo." ("Vou ao banheiro.") e "I'm going for a piss." ("Vou mijar.") A razão da escolha, dizem os autores destes exemplos, é semelhante à escolha feita neste outro exemplo: "Abu Nidal is a freedom fighter." ("Abu Nidal é um defensor da liberdade") e "Abu Nidal is a terrorist." ("Abu Nidal é um terrorista."). Por ter a palavra **terrorist** conotação desfavorável explica-se a escolha. Amplia-se, deste modo, pelos mesmos autores, a noção de disfemismo: "A **dysphemism** is an expression with connotations that are offensive either about the denotatum or to the audience, or both, and it is substituted for a neutral or euphemistic expression for just that reason." ("O **disfemismo** é uma expressão com conotações que são ofensivas ao denotatum ou ao público, ou a ambos, e por esta razão é substituído por uma expressão neutra ou eufemística").

Ao se estudarem os disfemismos não se deve deixar de lado o ambiente social em que os mesmos ocorrem. Levando-se em consideração o fato de que a comunicação tem lugar quando os membros de um determinado grupo social partilham das convenções que regem essa sociedade, não as observar implica na interrupção dessa comunicação. É um aprendizado muitas vezes doloroso por parte do recém-chegado a uma nova comunidade. Ignorante das convenções

o novo membro pode ofender ou sentir-se magoado, ter participação na vida da comunidade ou sentir-se isolado, ser aceito ou sentir-se recusado. ALLAN & BURRIDGE (1991, p. 4-5) comentam que H. Paul Grice apresenta quatro tipos diferentes de cooperação a que chamou de **máximas** a serem observadas durante o exercício da comunicação entre membros de um determinado grupo, a saber:

1. **Máxima de quantidade:** oferecer mensagens claras, objetivas. Uma oração como a que se segue: "My neighbor, who is a woman, is pregnant." ("Minha vizinha, que é uma mulher, está grávida."), é disfemística.
2. **Máxima de qualidade:** ser autêntico e sincero. A oração: "We believe this book is suitable bedtime reading for six year olds." ("Cremos ser este livro – *Eufemismos e Disfemismos*, no caso – leitura adequada para crianças de seis anos, antes de dormir."), é uma oração disfemística.
3. **Máxima "ser relevante":** Crê-se que um falante tem suas razões ao produzir um enunciado num determinado contexto, do modo como o faz. Ser irrelevante dificulta o entendimento e é, portanto, disfemístico.
4. **Máxima de modo/maneira:** apresentar o significado de maneira clara e concisa evitando ambigüidade. Melhor seria evitar-se uma oração do tipo: "There is a male adult human being in upright stance using his legs as a means of locomotion to propel himself up a series of flat-topped structures some fifteen

centimeters high rather than..."³ Desperdiçar tempo e esforço mental do ouvinte é disfemístico.

Quanto à origem dos disfemismos preferimos fazer uso do que dizem ALLAN & BURRIDGE (1991, p. 222): "We found that there are many, often antithetical, sources for euphemisms: figurative imagery; circumlocution, abbreviation, omission; synecdoque and metonymy; hyperbole and understatement; other languages; different varieties of the same language. **Dysphemisms have similar sources.**"⁴ (Grifo nosso).

³ "Há um ser humano adulto, em posição ereta, usando suas pernas como meio de locomoção para galgar uma série de estruturas achatadas cerca de quinze centímetros de altura em vez de..."

⁴ "Constatamos que existem inúmeras fontes, geralmente antitéticas, para os eufemismos: linguagens figuradas, circunlóquios, abreviações, omissões; sinédoque e metonímia; hipérbole e litote; outras línguas; variedades diferentes da mesma língua. **Os disfemismos possuem origens semelhantes.**"

6. EUFEMISMOS SOBRE A MORTE

"Já cumpri minha missão — pude agir como catalisadora, tentando fazer com que **as pessoas aceitem que somente podemos viver e apreciar a vida se nos conscientizarmos de que somos finitos.**" (Grifo nosso.)

E. KÜBLER-ROSS, 1975, p. 25.

6.1. A MORTE — CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo estaremos estudando os eufemismos e disfemismos sobre a morte. Para tanto faremos, inicialmente, algumas considerações sobre como o ser humano tem visto esse processo — o momento de morrer — e a incógnita que é a vida após deixarmos este mundo.

Antes de analisarmos o nosso *corpus* faremos um pequeno resumo sobre a análise contrastiva visando especificamente a comparação entre duas culturas a fim de tentarmos responder às nossas indagações formuladas no início deste trabalho, ou seja, até que ponto, na temática da morte ocorrem mais eufemismos que disfemismos nas línguas inglesa e portuguesa e em que esses eufemismos diferem ou se assemelham, do ponto de vista lingüístico-semântico, nas duas línguas.

Na última parte deste capítulo apresentaremos as conclusões a que teremos chegado através da análise dos dados do nosso *corpus*.

"Nenhum sentimento existe que supere em desagradabilidade o da morte. Nada é mais revoltante para o homem do que ter de morrer." Assim se expressa SILVEIRA BUENO (1975, p. 207), e encontra já no Cristo um eufemismo quando este, na cruz, pedia ao Pai que se fosse possível afastasse de seus lábios aquele **cálice**. Como bem deixa transparecer, não queria o prof. Silveira Bueno ir-se, deixar esta vida; por isto mesmo apoiava-se no questionamento que fizera o próprio Filho de Deus.

Um pouco diferente é a atitude de Fernanda Montenegro que, aos 64 anos, manifesta-se sabiamente (no nosso entender), a respeito do assunto. Numa reportagem sob o título **Fernanda quer distância de novela** publicada na revista *Telejornal* do *O Estado de São Paulo*¹, encontramos: "Durante as filmagens de **A Falecida**, em 1965, a atriz passou dentro do caixão os dois dias em que a cena levou para ser rodada. A morte, no entanto, não a preocupa. Estoicamente, reflete: 'A morte é a única coisa inevitável na vida.'"

Perde-se no tempo a partir de quando evita-se falar na morte. O fato de não se tocar nesse assunto fez surgirem palavras e expressões atenuadoras tanto na linguagem culta como na popular, nesta se caracterizando por expressões jocosas, irônicas, muitas vezes sob a forma de perífrases. Não é também privilégio de registros escritos já que entre povos ditos primitivos, de línguas ágrafas,

¹ *Telejornal* de *O Estado de São Paulo*, domingo, 3/7/94, Ano 2, nº 108, p. T-8.

encontram-se interdições à palavra **morte** seguidas de formas atenuadas de representação. O mero pronunciar o nome de um morto em certas tribos indígenas, entre grupos africanos, entre os orientais, torna a interdição necessária a fim de afastar desgraças ou, até mesmo, trazer o morto de entre as sombras em que se encontra; em seu lugar, termos comuns, o tom baixo da voz, os gestos servem como substitutos. Veja-se o que, a respeito da reserva ao uso do termo **morte** diz John GROSS (1985, p. 203) ao fazer uso de uma citação do filósofo francês Vladimir Jankélévitch apresentada por Philippe Ariès no seu livro *The Hour of Our Death* (A Hora de Nossa Morte): "Is not the taboo word *death* above all others the unpronounceable, unnameable, unspeakable monosyllable that the average man, conditioned to compromise, is obliged to shroud modestly in proper and respectable circumlocutions?"²

O assunto **morte** é altamente tabuizado. Razões para isso encontram-se no entendimento do que vem a ser esse final de vida e dos receios advindos de sua ignorância. De acordo com ALLAN & BURRIDGE (1991, p. 153), são os seguintes os temores que dão origem aos tabus sobre a morte:

"(1) Fear of the loss of loved ones; (2) Fear of the corruption and disintegration of the body — the body with which has so long been familiar in life is suddenly to become abhorrent; (3) Death is the end of life, and there is fear of what follows — there can be no first hand experience of death for the living; (4) Fear of

² "Não é a palavra tabuizada *morte* acima de todas, o monossílabo impronunciável, inominável, inexprimível que o homem comum, condicionado a fazer alianças, é obrigado a ocultar modestamente em circunlóquios adequados e respeitáveis?"

malevolent spirits, or of the souls of the dead. Later they add (p. 159): (5) The fear of a meaningless death."³

Parece ter sido a Idade Média o período em que melhor foi registrado esse temor à morte. Era a morte algo que a Igreja assumia para cuidar — sepultar os mortos no interior das igrejas, no adro, nas imediações para, depois, serem os mesmos relegados ao esquecimento. Para Philippe ARIÈS, no seu livro *História da Morte no Ocidente* (1977, p. 11), foi apenas no final do século XVIII que se inventou uma nova devoção, difundida esta na época romântica e tornada imemorial. Os testamentos, os túmulos, as igrejas revelaram ser registros fiéis da atitude do homem face a esse passo definitivo da vida. Fala Ariès de uma **morte domada** — a que o moribundo, tendo consciência da sua proximidade, esperava-a, tomando as providências que se faziam mister; fala, depois, da **morte de si mesmo** — a mera aceitação do fato natural; da **morte do outro** que, a partir do século XVIII é exaltada, dramatizada, arrebatadora mas, é a morte do outro; e, por último, fala da **morte interdita** — em que se procura poupar o enfermo de saber a verdade, adiando-se, protelando-se esse momento. Este é um fato que tem lugar no século XX, principalmente pelo deslocamento do local da morte: "Já não se morre em casa, em meio aos seus, mas sim no hospital, sozinho" (p. 54).

Diante desta afirmação, vale ressaltar o trabalho da profa. Elisabeth KÜBLER-ROSS (1975) e registrado no livro *Morte* —

³ "(1) Medo de perder os entes queridos; (2) Medo da decomposição e desintegração do corpo - o corpo com o qual tem-se estado familiarizado durante a vida e que de repente se torna repugnante; (3) A morte é o fim da vida, e há medo do que possa vir depois - não há experiência prévia para os que estão vivos; (4) Medo dos espíritos maus, das almas dos mortos. Mais adiante acrescentam (p. 159): (5) Medo de uma morte sem sentido."

Estágio Final da Evolução, de sua autoria. Foi exatamente por aquilatar esse estado solitário de pacientes terminais em hospitais, que a Dra. Elisabeth criou o *Seminário da Morte e do Morrer*, no Colorado, EUA, através do qual ela e seus alunos davam assistência a esses pacientes fazendo uso de entrevistas regulares em que os mesmos expunham seus pensamentos e o grupo se dava conta das transformações por que passavam os entrevistados. Era uma tentativa de amenizar essa exposição ao momento de morrer. Como bem o diz a Dra. KÜBLER-ROSS (1975, p. 16): "Velhas recordações vinham à tona acompanhadas de uma nova consciência dos próprios temores, como alguma coisa compreendida e não, julgada. Todos nós crescemos em muitos sentidos, e o mais importante deles, talvez, na apreciação da vida propriamente dita."

A necessidade de tal assistência é o resultado desse pavor de encarar a morte, temor que prevalece entre nós, pouco expostos a esse processo. Usamos aqui a informação dada pelo Prof. Roberto Melaragno Filho, da Universidade de São Paulo que, no artigo intitulado **A morte — aspectos neurológicos e biológicos**, comentando a respeito do falecimento do piloto de Fórmula 1, Ayrton Senna, afirma: "Entretanto, é importante frisar uma verdade incontestável: **a morte não é um evento; a morte é um processo** (grifo nosso). Esse processo decorre em tempo maior ou menor, de acordo com a gravidade da causa que o provocou."⁴ O progresso alcançado neste século afastou crianças e jovens dos velórios e enterros, como bem o dizem ALLAN & BURRIDGE (1991, p. 158):

⁴ *O Estado de São Paulo*, 20 de junho de 1994, p. A-2.

"Many people (certainly in Australia and mainland Britain) reach adulthood without ever having laid eyes on a corpse, except perhaps on film or video."⁵ Além do mais, quaisquer demonstrações de sentimento são proibidas — não é de bom tom o choro convulsivo, o desespero. A cremação também contribui para retirada de cena do morto, para seu esquecimento, uma vez que cinzas numa urna não trazem visitas a cemitérios. O luto foi abolido e o contato entre pessoas ligadas àquele que se foi vai, gradualmente, enfraquecendo. Para o sociólogo inglês Geoffrey Gorer (ARIÈS, 1977, p. 56), "a morte tornou-se um tabu e como, no século XX, substituiu o sexo como principal interdito."

Para corroborar está a entrevista concedida à *VEJA-SP*, pelo jornalista Antonio Carvalho Mendes, redator da coluna **Falecimentos** do jornal *O Estado de São Paulo*, há 34 anos. Sob o título **A trombeta da morte — O jornalista que enterrou 200.000 pessoas** a reportagem traz, entre outras, a afirmação de que sentenças do tipo "consternou profundamente a sociedade paulista a infausta notícia...; a extinta desaparece aos 96 anos; o esquife estava envolto na bandeira; o féretro seguirá para o cemitério de...", são preciosismos que pertencem ao passado. Mais adiante lê-se: "Com a modernização do jornal no final dos anos 80, o necrologista se viu proibido de usar palavras como "necrópole". Sem elas, seus inconfundíveis textos nunca mais foram os mesmos."⁶

⁵ "Muita gente (na Austrália e na Grã-Bretanha, com certeza) chega à idade adulta sem jamais ter visto um defunto, exceto talvez em filme ou vídeo."

⁶ *VEJA SÃO PAULO*, Ano 27, nº 21, semana de 23 a 29/5/94, p.20.

A necessidade de nada dizer, quando o assunto é a morte, fica claro nas notas de falecimento que apresentamos a seguir.

6.1.1. NOTAS DE FALECIMENTO

Um aspecto interessante a ser observado diz respeito às notas de falecimento publicadas nos jornais. Pelo seu formato padronizado depreende-se a pouca participação dos familiares responsáveis por esse comunicado ao público — costumam as mesmas seguir a diretriz dos diários nos quais aparecem. São, via de regra, apresentados os dados do falecido, dados esses colocados na forma esquematizada que determina o jornal, e raramente revelam detalhes que reflitam qualquer sentimento mais profundo por aquele que se foi. Seguem-se alguns exemplos, retirados do jornal *O Estado de São Paulo*, em 10 de fevereiro de 1994.

<p>Laura Abbud — Aos 79 anos. Viúva do sr. Badith N. Abbud, deixa os filhos Sérgio Abbud, Helenice Abbud, Nicolau Abbud e Maria Lucia Abbud. O enterro realizou-se no Cemitério do Morumbi.</p>	<p>Leonisia Daneluzzi Ceravolo — Aos 78 anos. Era viúva do sr. Salvador Ceravolo. O enterro realizou-se no Cemitério São Paulo.</p>	<p>Neyde Jamli Cestari — Aos 55 anos. Casada com o sr. Roberto Armando Cestari, deixa os filhos Mauro Cestari, Marcos Cestari e Roberto Cestari. O corpo foi trasladado para o Crematório de Vila Alpina.</p>
--	--	--

- **Augusta Botter Marinelli** — Aos 80 anos. Viúva do sr. Vetrúlio Marinelli, deixa os filhos Tereza Marinelli, Roberto Marinelli, Norma Marinelli, Eduardo Marinelli, Francisco Marinelli e Leonilde Marinelli. O enterro realizou-se no Cemitério do Araçá, na Avenida Dr. Arnaldo.
- **Maria Jesuína Mascarenhas Bueno (Tita)** — Ontem, aos 86 anos. Filha do sr. João do Amaral Mascarenhas e Diogulina Amaral Mascarenhas, era viúva do sr. Bento Alvares Bueno. Deixa o filho dr. Paulo Mascarenhas Bueno, casado com a dra. Floriana Isabella Carboni Bueno. Deixa também os netos Marcos e Renata Carboni Bueno. O enterro realizou-se no Cemitério do Araçá.
- **Profa. Anice Ferreira Lens** — Ontem, aos 82 anos. Viúva do sr. Candido Lens, deixa os filhos Glória Minarelli, casada com o sr. José Augusto Minarelli, e Edgar Candido Lens, casado com d. Fátima Lens. Deixa ainda netos. O feretro sairá hoje, às 11 horas, do Velório do Cemitério de Congonhas, onde se realizará o enterro.
- **Laura Abbud** — Aos 78 anos. Viúva do sr. Badli N. Abbud, deixa os filhos Sérgio Abbud, Helenice Abbud, Nicolau Abbud e Maria Lucia Abbud. O enterro realizou-se no Cemitério do Morumbi.
- **Leônida Daneluzzi Ceravolo** — Aos 78 anos. Era viúva do sr. Salvador Ceravolo. O enterro realizou-se no Cemitério São Paulo.
- Maria. O enterro realizou-se no Cemitério do Araçá.
- **Neyde Jamli Cestari** — Aos 86 anos. Casada com o sr. Roberto Armando Cestari, deixa os filhos Mauro Cestari, Marcos Cestari e Roberto Cestari. O corpo foi trasladado para o Crematório de Vila Alpina.
- **Profa. Romana Martins Coelho** — Aos 48 anos. Casada com o sr. Arivaldo Ferreira Coelho, deixa as filhas Renata Coelho, Fabiana Coelho e Karine Coelho. O corpo foi trasladado para a cidade de Araçatuba, onde se realizou o enterro.
- **Profa. Iolanda Rodrigues Coelho** — Aos 46 anos. Casada com o sr. João Bosco Coelho, deixa os filhos Andréa Coelho e Frank Coelho. O corpo foi trasladado para o Crematório de Vila Alpina.
- **Paul S. Dulaney** — Dia 8, em Austin (Texas), Estados Unidos, aos 70 anos. Casado com d. Maria Cecília Gurgel do Amaral Dulaney, deixa os filhos Ana Elizabeth Michael e Maria Angela. Deixa também dois netos. Era cunhado do dr. Luís Carlos Gurgel do Amaral, casado com d. Tereza Nogueira Gurgel do Amaral, e do sr. José Maria Silveira Gurgel do Amaral, casado com d. Jacqueline Gurgel do Amaral. O enterro realizou-se ontem, no cemitério de Austin (Texas).
- **Angelo Eduardo Carrara** — Aos 91 anos. Casado com d. Anna Barbo Britone Sambuy Carrara, deixa os fi-

Figura 1. Fac-símile do jornal *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 fev. 1994. Caderno Cidades. p. C-7.

Enquanto na análise feita pelo Prof. José Sebastião WITTER (1983, p. 87) entre os anos 20 e 40 na qual diz que os

anúncios fúnebres eram "resultantes de um mesmo clichê, já composto pelos jornais que deles cuidam", verifica-se que na seção intitulada FALECIMENTOS do jornal *O Estado de São Paulo*, atualmente, é variada a sua forma de apresentação. Algumas há que relatam um pequeno histórico do falecido e outras que, conforme a situação econômica da família ou da instituição a que pertenceram são publicadas com redações próprias, tamanho e custo diferenciados.

<p>ATENÇÃO: Este anúncio é publicado em nome do fundador e por de seu diretor Márcio S. Carrara de Santos.</p> <p>ANGELO EDUARDO CARRARA Fundador do SPAL CLUS no Brasil</p> <p>Durante o Obituário e o Pronunciado da R.C.M. de Mato em S. Paulo. A Missa de 7º Dia será celebrada no SP, às 11:00h na Igreja do Passado, 8 Av. Paulista, 1214, S. Paulo, às 10:00 h.</p>	<p>O Conselho de Administração da THEMAG ENGENHARIA LTDA. comunica, com profundo pesar, o falecimento do seu sócio-fundador Prof. Dr.</p> <p>Telemaco Hippolyto de Macedo Van Langendonck</p> <p>ocorrido nesta cidade, em 09.02.94. O corpo está sendo velado em sua residência Rua Avaré, 497 Pacaembu. O féretro sairá às 9:00 hs. do dia 10.02.94 para o Cemitério da Consolação.</p> <p>HENRIQUE HERWEG PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO</p>
<p>Murányi Hara Empreendimentos Ltda., revêlada informa o falecimento de sua Fundadora e Campeã</p> <p>Dra. Eva Mônica Murányi,</p> <p>ocorrido no dia 08 em Itupeva, em virtude de assalto armado. O corpo está sendo velado no Hospital Israelita Albert Einstein. O enterro sairá hoje às 12:00 hs. do hospital para o Cemitério São Paulo, Rua Cardinal Arcoverde.</p>	<p>A esposa Tuca e os filhos Luciana, Felipe e Flávio, a mãe, sogros, irmãos, cunhados e sobrinhos do saudoso</p> <p>IGNÁCIO SALGUEIRO</p> <p>agradecem a todos que os confortaram e convidam para a Missa de 7º Dia que será celebrada amanhã, às 9h30, na Igreja de Nossa Senhora Mãe do Salvador (Cruz Torta), na Av. Prof. Frederico Hermann Jr., 105 Pinheiros.</p>
<p>Pêter Murányi Empreendimentos Ind. e Com. Ltda. pessoalmente comunica o falecimento da</p> <p>Dra. Eva Mônica Murányi,</p> <p>filha do seu Diretor Presidente Pêter Murányi ocorrido no dia 08 em Itupeva, em virtude de assalto armado. O corpo está sendo velado no Hospital Israelita Albert Einstein. O enterro sairá hoje às 12:00 hs. do hospital para o Cemitério São Paulo, Rua Cardinal Arcoverde.</p>	

Figura 2. Fac-símile do jornal *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 fev. 1994. Caderno Cidades. p. C-7.

Prof. Dr. Telemaco Hippolyto de Macedo Van Langendonck – Ontem, aos 84 anos. Filho do dr. Bento Fernando van Langendonck e de d. Anna Medora van Langendonck, foi casado com d. Dora Lindenberg van Langendonck, falecida. Deixa os filhos eng^o Carlos Telemaco Lindenberg van Langendonck; d. Gisela Maria van Langendonck, casada com o cel. Quirino Carlos Ruscigno Florio, e d. Maria Cristina van Langendonck Teixeira de Freitas, casada com o eng^o Marcos Teixeira de Freitas. Deixa ainda oito netos. Era irmão do dr. Tacito Remi de Macedo van Langendonck, casado com d. Maria Aparecida van Langendonck, e do dr. Alberto van Langendonck, falecido. Era cunhado do dr. Adolpho Lindenberg. O féretro sairá hoje, às 9 horas, da Rua Avaré, 497, para o Cemitério da Consolação.

O Conselho de Administração da **THEMAG ENGENHARIA LTDA.** comunica, com profundo pesar, o falecimento do seu sócio-fundador Prof. Dr.

Telemaco Hippolyto de Macedo Van Langendonck

ocorrido nesta cidade, em 09.02.94.

O corpo está sendo velado em sua residência Rua Avaré, 497 - Pacaembu.

O féretro sairá às 9:00 hs. do dia 10.02.94 para o Cemitério da Consolação.

HENRIQUE HERWEG

Presidente do Conselho de Administração

■ **Prof. Dr. Telemaco Hippolyto**

de Macedo Van Langendonck

— Ontem, aos 84 anos. Filho do dr. Bento Fernando van Langendonck e de d. Anna Medora van Langendonck, foi casado com d. Dora Lindenberg van Langendonck, falecida. Deixa os filhos eng^o Carlos Telemaco Lindenberg van Langendonck, d. Gisela Maria van Langendonck Florio, casada com o cel. Quirino Carlos Ruscigno Florio, e d. Maria Cristina van Langendonck Teixeira de Freitas, casada com o eng^o Marcos Teixeira de Freitas. Deixa ainda oito netos. Era irmão do dr. Tacito Remi de Macedo van Langendonck, casado com d. Maria Aparecida van Langendonck, e do dr. Alberto van Langendonck, falecido. Era cunhado do dr. Adolpho Lindenberg. O féretro sairá hoje, às 9 horas, da Rua Avaré, 497, para o Cemitério da Consolação.

Figura 3. Fac-símile do jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 10 fev. 1994. Caderno Cidades. p. C-7.

Anúncios gratuitos aparecem, todavia, só com os dados da pessoa falecida, uma relação dos familiares mais próximos e o local do velório e/ou do sepultamento. Embora não seja privilégio só deste tipo de anúncio — o gratuito — o tratamento impessoal dado aos mesmos parece sugerir que "os parentes do falecido procuram, principalmente por questões psicológicas, tratar da morte da maneira menos envolvente possível" (WITTER, 1983, p. 87). O comportamento do jornal *O Globo* do Rio de Janeiro, do dia 12/2/94, é bem revelador dessa tendência: são poucas as notícias e colocadas ao lado da tabela de preços para avisos religiosos e fúnebres.

O GLOBO		
PREÇOS PARA AVISOS RELIGIOSOS E FUNEBRES		
LARGURA	ALTURA	CR\$
5,1 cm	3 cm	44.028,00
5,1 cm	4 cm	58.704,00
5,1 cm	5 cm	72.380,00
10,7 cm	3 cm	88.056,00
10,7 cm	4 cm	117.408,00
10,7 cm	5 cm	146.760,00
10,7 cm	7 cm	244.828,00
10,7 cm	8 cm	291.744,00
16,3 cm	4 cm	211.308,00
16,3 cm	6 cm	316.962,00
16,3 cm	7 cm	349.799,00
16,3 cm	10 cm	528.270,00

O GLOBO		
PREÇOS PARA AVISOS RELIGIOSOS E FUNEBRES		
LARGURA	ALTURA	CR\$
5,1 cm	3 cm	44.028,00
5,1 cm	4 cm	58.704,00
5,1 cm	5 cm	72.380,00
10,7 cm	3 cm	88.056,00
10,7 cm	4 cm	117.408,00
10,7 cm	5 cm	146.760,00
10,7 cm	7 cm	244.828,00
10,7 cm	8 cm	291.744,00
16,3 cm	4 cm	211.308,00
16,3 cm	6 cm	316.962,00
16,3 cm	7 cm	349.799,00
16,3 cm	10 cm	528.270,00

Para outros formatos consulte nossas agências, de segunda a sexta-feira até 17 horas.
 Plano de Tráfego de Publicidade à Rua Irineu Marinho, 35 — Tel. 292-2000.
 R. 5501/5503: Domingo a sexta-feira até 20 horas. Sábado até 12 horas.
 Não aceitamos anúncios de missa e velório por telefone.

†

LAERCIO CAVALCANTE BATISTA
 (Missa de 1 Ano)

A Família convida parentes e amigos para Missa a ser celebrada na Igreja dos Sagrados Corações, às 10h do dia 13 de fevereiro de 1994, em frente ao Tijuca Tennis Clube.

†

ANTONIO FERREIRA DA SILVA MORAIS
 (Falecimento)

A família de ANTONIO FERREIRA DA SILVA MORAIS comunica, com grande pesar, seu falecimento ocorrido ontem e agradece as manifestações de carinho e amizade recebidas.

†

GILBERTO MAURO SILVEIRA PINTO

Seus pais Gilberto Pinto e Daisy, sua avó Maria Silveira, sua irmã Helô e seus sobrinhos Fernando e Felipe, consternados com sua perda em 12/01/94, agradecem as manifestações de pesar e carinho recebidas e pedem uma oração ou um pensamento de amor hoje, dia 12/02/94. 30º Dia de seu falecimento.

Figura 4. Fac-símile do jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1994

No que se refere a jornais norte-americanos, depois de examinados vários exemplares foram escolhidos um exemplar do *The New York Times* do dia 2 de janeiro de 1994 e um do *The Washington Post* do dia 12 de setembro de 1993. Foram incluídos alguns exemplos deste jornais. Ambos trazem as notas de falecimento sob o título genérico de OBITUARIES embora apresentem subdivisões como: IN MEMORIAM, CARDS OF THANKS, MEMORIAL SERVICES, DEATH NOTES ou DEATHS.

Diferem um pouco quanto ao formato uma vez que o *The New York Times* traz, num índice alfabético, os nomes cujas notas de falecimento serão apresentadas sob o rótulo geral de DEATHS.

Deaths		Deaths		Deaths	
Bjker, Hannah	Krasner, Rose	Ringwall, Richard	GORDON—George Byron, 82, of Maplewood, New Jersey, died unexpectedly December 29 in Washington, DC. He retired from the Mutual Benefit Life Insurance Company in 1974 as Director of Advanced Underwriting Services. He was a member of the Summit (NJ) Friends' Meeting. His wife of sixty years, Clara, died in 1992. He leaves 3 children, William Gordon, Patricia Chick and Anthony Gordon, and three grandchildren. Private burial service. Memorial Contributions can be made to: Elder Enterprises, (Short Hills, New Jersey), or the Newark Museum (Newark, New Jersey).	KRASNER—Rose. Beloved wife of the late Nathan, devoted mother of Esther Roz, Norman and Daniel. Loving grandmother and cherished sister. Services Monday, 12 Noon, "Kirschenbaum's", 1153 Coney Island Avenue at Avenue H, Brooklyn.	
Barzov, Beulah	Lerner, Saul	Roinick, Harriette	GRAHAM—Michael L., of NYC, on January 1, 1994. Beloved son of Lewis and Hanna and brother of Steven. For information "Wien & Wien" 1-800-222-0533.	LERNER—Saul Gary. Of Hewlett Harbor, NY. Died on December 30, 1993. Beloved husband of Eleanor. Devoted father of Stephen, Laurie and Karen. Father-in-law of David Schoenthal. Dear brother of Irving Lerner. Adored grandfather of Samantha, David and Jason Lerner and Ashley and Sarah Schoenthal. Services were held. Contributions may be made to The American Cancer Society.	
Brock, Margaret	Lissauer, Rose	Romer, Benjamin	GREENBERG—Irving, of North Miami Beach, FL, on Dec. 21, 1993. Beloved husband of the late Beatrice for sixty-five years. Devoted father of Joseph, Ruth and Martin. Cherished grandfather of ten and great-grandfather of fifteen.	LERNER—Saul Gary. Gory was a messenger of love to our family for most of our lives, always available for advice, for solace and for listening. To our children, he was Uncle Gary and as they grew, so did their love for him. We mourn with Ellie and her family for their irreplaceable loss. Phyllis, Harold, Erica and Cindy Kleine	
Cisey, Elise	Marsh, John	Rubenstein, Martin	GREENE—Max M., O.D.S. Died peacefully in his 95th year. Graduate NYU School of Dentistry '21. Beloved husband of Sophia (Syd Levy). Adored father of Phyllis (Dr. Allen) Turtel, Roberta (Edgar) v. Schlossberg. Caring grandfather of Peter, Kurt, Dr.	LERNER—Saul Gary. Dad, we already miss your energy, kindness, love and support. Our lives will never be the same. May your spirit rest in peace. We love you. Karen, David, Ashley.	
Dank, Meryl	McCaffrey, Catherine	Rubin, Max			
Edmonds, Marlon	McWain, Lyman	Schoefer, Joseph			
Ennis, Elise	Meyer, Marshall	Schlussel, Marilyn			
Fein, Helen	Mills, C.	Schoenfeld, Gerard			
French, S.	Nadelson, Andrew	Schwartz, Peter			
Gilligan, Susanne	Neil, Edward	Simmons, Sally			
Goodman, Dorothy	Neuberger, Gretel	Sober, Ruth			
Gordon, George	Newman, Kenneth	Soler, Oscar			
Graham, Michael	Ostler, Rika	Stevens, Herbert			
Greenberg, Irving	Packer, Darla	Sullivan, Charlie			
Greene, Max	Perlmutter, Frances	Sullivan, Valerie			
Hansen, Anthony	Piro, Mary	Volsin, Sally			
Herbst, Earl	Pool, Doris	Watson, Thomas			
Hildenbrand, Rose	Rabkin, Bernard	Werkman, Norman			
Johnson, Alice	Rica, Paula	Whibley, Katharine			
Knight, Eleanor	Richmond, Ruth	Zatt, Charlotte			
BAKER—Hannah. Beloved wife of the late Louis. Devoted mother of Joan and Richard, mother-in-law of Phillip and Phyllis. Loving grandmother of Lisa, Betsy, Coran and Ellen and beloved great-grandmother of Sarah and Lindsay. Funeral services Tuesday.	ENNIS—Elise M. Vogel, 92, formerly of Elberon, NJ died Wednesday December 29, 1993. She was buried after a private ceremony Friday. Known professionally as Miss Vogel, she founded Ennis-Vogel Realtors, with her late husband, Matthew Ennis, and con-				

Figura 5. Fac-símile do jornal *The New York Times*, New York, Jan. 2, 1994. Obituaries. p. 28

Arrola, a seguir, MEMORIAL SERVICE e IN MEMORIAM. Já o *The Washington Post* só apresenta as DEATH NOTICES após o IN MEMORIAM, CARDS OF THANKS e o MEMORIAL SERVICES.

IN MEMORIAM

On September 11, 1992, you went home with God. You were a loving, caring and giving husband, father and grandfather. You are gone from our sight, but not from our hearts. We miss you, Honey.
Bertha and the Kids

TRIMMER, GRACILLA M.
In loving memory of my wife, GRACILLA M. TRIMMER, who departed this life three years ago, September 12, 1990.
Gone but not forgotten.
Your Loving Husband, Lawrence

WENTRAUB, DR. ROBERT E.
January 18, 1925-September 12, 1993
Loving and caring husband, father and brother, honored professor, renowned economist.
Time diminishes the pain
but will never dim the memory.

CARDS OF THANKS

COLEMAN, ROLAND HARRISON (DIED)
The family would like to express their sincere thanks and deep appreciation for all acts of kindness, prayers and expressions of sympathy shown during his illness and death.
Peace and Blessings
ROLAND H. COLEMAN FAMILY

ROBINSON, IQA MAE
Our sincere thanks to our friends and relatives for their acts of kindness shown us during the long illness and death of our beloved IQA MAE.
Henry R. Robinson and Family

SNOWDEN, DOROTHY J.
Perhaps you said a prayer, sang a hymn, prepared a meal, made a phone call or just was there to console and embrace us during our bereavement. From the bottom of our hearts, thank you.
THE FAMILY

MEMORIAL SERVICES

RECKNAGEL, CHARLOTTE Y.
On Sunday, September 6, 1993, CHARLOTTE Y. RECKNAGEL of Chevy Chase, MD, beloved wife of Thomas M. Recknagel; mother of Thomas Y. Recknagel and Charles M. Recknagel. Memorial services will be held on Tuesday, September 14 at All Saints Episcopal Church, 3 Chevy Chase Circle, Chevy Chase, MD at 11 a.m. In lieu of flowers, memorial contributions may be made to Montgomery Hospice Society, Ste. 318, 1458 Research Blvd., Rockville, MD 20858. Arrangements by JOSEPH GAWLER'S SONS, Inc.

DEATH NOTICES

ASHLIN, FLORENCE H.
On Thursday, September 9, 1993. Beloved mother of Lawrence E. Wheeler. She is also survived by three sisters. Memorial service will be held at the Washington Home, 3729 Union St., NW on Thursday, September 23, at 11 a.m. and 3 p.m.

BENSON, ROBERT E.
The officers and members of Meridian Lodge No. 6 F.S. A.M. are requested to assemble on Monday, September 13, at 10:30 a.m. at Israel Baptist Church, 1231 Saratoga Ave. NE, for the purpose of performing the last rites over our departed brother ROBERT E. BENSON.
Michael C. Miller, W.M.
P.M. John A. Alston, Jr., Secy

Figura 6. Fac-símile do jornal *The Washington Post*, Washington, Sep. 12, 1993. Federal Diary/Weather/Obituaries. p. B4.

BOYER, FRANCIS E., JR.
All officers and members of Fairfax Council 6571 are requested to assemble at Queen of Apostles Catholic Church Monday, September 13, 1993, 10 a.m. for Mass of Christian Burial. Daniel L. Chaid Jr., G.C.

BOYER, JAMES L.
Members of the Fire Fighters Association, District of Columbia, Local 36, IAFF, are hereby notified of the sudden death of Fire Fighter JAMES L. BOYER, assigned to the Haz-Mat Unit, on September 9, 1993. Born on September 22, 1944, brother Boyer was appointed to the DCFD on July 9, 1973. Friends may call at BEALL-EVANS FUNERAL HOME, 1601 Annapolis Rd., Bowie, MD, on Sunday, September 13, from 2 to 4 and 7 to 9 p.m., where memorial services will be held on Monday, September 13, at 1 p.m. Family requests donations be made to the American Heart Association in lieu of flowers.

BOYER, JAMES L. (JIM)
On September 9, 1993, at Green Dale, MD, beloved husband of Edie Boyer; father of Michelle R. and Michael J. Boyer; son of Nan Boyer; brother of Carolyn Cook. Relatives and friends may call at Beall-Evans Funeral Home, P.A., Rte. 436 and Race Track Rd., Bowie, MD, on Sunday, 2 to 4 and 7 to 9 p.m., where services will be held Monday, September 13, at 1 p.m. Interment private. In lieu of flowers, memorial contributions may be made to the American Heart Association, 7740 Old Branch Ave., Clinton, MD 20302.

BRADLEY, ESTELLA C.
On Wednesday, September 8, 1993, ESTELLA C. BRADLEY, beloved wife of Charles C. Bradley; devoted mother of Deborah Jane Brown, Cassandra Yvette Frazier, Stephanie Yvonne, Byron Keith and Kevin Blake-Thomas Bradley; grandmother of Dwight Brown, Jr. and Arado Ferris, Jr.; sister of Carrie Mae Kelly and Evelyn Graham. She is also survived by a stepmother, Viola Clark; other relatives and friends. The late Mrs. Bradley may be viewed at the STEWART FUNERAL HOME, 4881 Benning Rd., NE, from 5 to 9 p.m., Monday, September 13 and will lie in state at Rankin Chapel, Howard University Campus, from 9:30 a.m. until funeral time at 11 a.m., Tuesday, September 14, interment private.

DOHNEY, HELEN V.
On Friday, September 10, 1993, HELEN V. DOHNEY of Silver Spring, MD, wife of the late Thomas J. Dohney Jr. (Col. Maj., USA ret.); mother of Diane Dohney-Avery and Deborah Dohney; grandmother of Mark L. Avery Jr., Christine D. and Shannon M. Avery; sister of Martha Evelyn Yingst. Friends may visit at the BARBER FUNERAL HOME, 11525 Laytonville Rd., (MG Rt. 108), Laytonsville, MD, on Monday, from 6 to 9 a.m., where funeral services will be held on Tuesday, September 14, at 11 a.m. Interment Arlington National Cemetery. Memorial contributions may be made to the American Heart Association.

EDELIN, ANNE MAE (COLEMAN)
On Wednesday, September 8, 1993, ANNE MAE EDELIN, beloved wife of Francis J. Edelin; devoted mother of Sandra V. Banks; grandmother of Raymond and Darryl Banks; sister of Ella Mae Stewart, Margaret Proctor and Otis Coleman. She is also survived by a host of nieces, nephews, cousins, four sisters-in-law, other relatives and friends. The late Mrs. Edelin will lie in state at Lane Memorial C.M.E. Church, 1403 C St., NE from 10 to 11:50 a.m. Monday, September 13, where services will be held at 12 noon. Rev. Marshall J. Jenifer officiating. Interment Lincoln Memorial Cemetery. Services by STEWART.

ELLIS, PURNOM WALTER (Aunty)
On September 9, 1993, of Manassas, VA, beloved husband of Hilda A. Ellis; father of Toni Ellis, Pamela, Purnom II, Gilbert, Larko, and the late Vince Ellis. Also survived by three stepsons, Howard, Lloyd and Allison Lee; 10 grandchildren, two sisters, other relatives and friends. Friends will be received from 7 to 9 p.m. Monday, at the First Baptist Church, 9250 Carter St., Manassas, VA, and after 12 noon, Tuesday, September 14, at the Jonik Dean Football Field (Prince William St. & Wellington Rd.), Manassas, VA, where funeral service will be conducted at 1 p.m. Rev. James E. Burrell presiding. Interment Lake Hill Cemetery, Manassas, VA. Arrangements by AMES FUNERAL HOME, INC.

EVANS, TONY
On Wednesday, September 8, 1993, loving father of Tony and Clinton; son of Rosa L. Evans, two sisters, two brothers, other relatives and friends. On Wednesday, September 15, from 10 a.m. until time of service at 11 a.m. Family will receive friends at E.M. DUDLEY FUNERAL HOME, 3208 Rhode Island Ave. NE, Interment Harmony Cemetery.

GARMAN, GLEN E.
Commander, US Navy (Ret.)
On Thursday, September 9, 1993, of Springfield, VA at Walter Reed Army Medical Center, GLEN E. GARMAN, beloved husband of Jo Ann Garman; loving son of Bertha Garman, Monroe, LA; devoted father of Melissa Hinesco, New Orleans, LA and Michael Garman, Jacksonville, FL; brother of Royce F. Garman, Monroe, LA. Also surviving are five grandchildren. Funeral service and interment will take place at Moore, LA. Arrangements by DENAINE SPRINGFIELD-AM NANCY CHAPEL, Springfield, VA.

LASARE, MARY GABBETT
On Wednesday, September 8, 1993, of Washington, DC, mother of Louis A. and Bernard Garnett. Also survived by grandchildren, great-grandchildren, and a host of other relatives. Friends may call at RAPP FUNERAL SERVICES, 803 Gist Ave., Silver Spring, MD, Tuesday, September 14, from 6 to 9 a.m. and at Way Back To Pastored Church, 143 B St. NW, Wednesday, September 15, from 11 a.m. to 1 p.m., where services will be held at 1 p.m. In lieu of flowers, donations may be sent to St. Paul's College, Lawrenceville, VA.

LAUCKA, JOSEPH BRONKUS
On Thursday, September 9, 1993, JOSEPH BRONKUS LAUCKA, beloved husband of Isabelle A. Laucka; father of Kenneth Laucka Hovens of Rockville, MD, Dr. Francis Laucka Dornackis of Chicago, IL and the late Joseph Bronkus Laucka III. Also survived by four grandchildren. Friends may call at St. John Francis de Chantal Catholic Church, 9411 Old Georgetown Rd., Bethesda, MD, on Sunday from 7 to 9 p.m., where Mass of Christian Burial will be offered on Monday, September 13 at 11 a.m. Entombment Gate of Heaven Cemetery. In lieu of flowers, contributions may be made to the Lithuanian Catholic Federation, ATEITIS, c/o Mrs. Stanislas, 1868 Archer Ave., Laurel, IL 60401. Arrangements by JOSEPH GANLER'S SONS.

LABOW, WILLIAM E. (BILL)
On September 8, 1993, of lung cancer at his residence at 1920 Cornwell Rd. in Fairfax, VA. Husband of Nancy Bernice Crossley Labow; father of William Michael Schwalz, James Russell Schwalz, Linda Louise Labow; brother of Mary Welling and Herb Labow; step-father of Ryan Crossley and Fonda Crossley Bloom; grandfather of seven grandchildren. Memorial services will be held at the home from 4 to 6 p.m. on Sunday, September 13. Contributions may be made to Hospice of Northern Virginia, 6400 Appleton Blvd., Suite 100, Falls Church, VA 22042.

LINDSAY, JOSEPH D.
On Thursday, September 9, 1993, after a courageous fight with Leukemia, JOSEPH D. LINDSAY of Kensington, MD; beloved husband of Helen V. Labow; father of David C., Steven B. Lindsay, Brande A. Resae and Patricia G. Wicca; grandfather of Daniel, Jettie and Annie; father-in-law of Geoff Wicca and Bill Resae. Also survived by two brothers and three sisters. Memorial service at COLLINS FUNERAL HOME, 581 University Blvd. W., Silver Spring, MD, on Monday, September 13 at 11 a.m. In lieu of flowers, memorials to the Leukemia Society, 2908 Eisenhower Ave., Alexandria, VA 22304.

LITZ, ALVIN E.
On Friday, September 10, 1993, ALVIN E. LITZ, of Rockville, MD, beloved husband of the late Rene Litz; devoted father of Irvin H. and Sheldon J. Litz and Beverly D. Reinkin; loving brother of Aeng Boaz. Also survived by eight grandchildren. Services at DANZONSKY-GOLDBERG MEMORIAL CHAPEL, 1108 Rockville Pike, Rockville, MD, Monday, September 13, at 11:30 a.m. Interment Adas Israel Congregation Cemetery. Shiva will be observed through Tuesday evening at the residence of Mr. and Mrs. Shannon J. Litz. Expressions of sympathy in his memory may be made to Hebrew Home of Greater Washington.

Figura 7. Fac-símile do jornal *The Washington Post*, Washington, Sep. 12, 1993. Federal Diary/Weather/Obituaries. p. B4.

BOYER, JAMES L. (JIM) On September 9, 1993, of Glenn Dale, MD, beloved husband of Edie Boyer; father of Michélie R. and Michael J. Boyer; son of Nan Boyer; brother of Carolyn Cook. Relatives and friends may call at Beall-Evans Funeral Home, P.A., Rte. 450 and Race Track Rd., Bowie, MD, on Sunday, 2 to 4 and 7 to 9 p.m., where services will be held Monday, September 13, at 1 p.m. Interment private. **In lieu of flowers, memorial contributions may be made to the American Heart Association, 7700 Old Branch Ave., Clinton, MD 20735.**

LIPTZ, ALVIN E. On Friday, September 10, 1993, **ALVIN E. LIPTZ**, of Rockville, MD, beloved husband of the late Rose Liptz; devoted father of Irwin H. and Sheldon J. Liptz and Berverly D. Reiskin; loving brother of Anna Bogat. Also survived by eight grandchildren. Services at **DANZANSKY-GOLDBERG MEMORIAL CHAPELS**, 1170 Rockville Pike, Rockville, MD, Monday, September 13, at 11:30 a.m. Interment Adas Israel Congregation Cemetery. Shiva will be observed through Tuesday evening at the residence of Mr. and Mrs. Sheldon J. Liptz. **Expressions of sympathy in his memory may be made to Hebrew Home of Greater Washington.**

MEAD, CATHERINE ANN (PORTER) On Friday, September 10, 1993, of Greenbelt, MD, beloved wife of Louis C. Mead; mother of Joseph E. Mead, Louann Key and Anita L. Hoppel; sister of M. Joella Henderson and the late James J. Porter; grandmother of Michael J. Hanfman, Steven M. Eastep and Katherine E. Mead. Relatives and friends may call at **GASCH'S FUNERAL HOME**, 4739 Baltimore Ave., Hyattsville, MD, Sunday, 3 to 5 and 7 to 9 p.m. Mass of Christian Burial will be held at St. Hugh's Catholic Church, 135 Crescent Rd., Greenbelt, MD, on Monday, September 13, at 10 a.m. **Interment** Maryland Veterans Cemetery, Rocky Gap, MD. Memorial contributions may be made to the American Cancer Society, P.O. Box 672, Clinton, MD 20735.

Em ambos os jornais há um necrológico de alguém de posição social de destaque cuja relevância é assim apontada pelo jornal. No *The New York Time* foi posto em destaque o necrológico de Alexandre H. Girard, arquiteto e decorador de interiores falecido aos 86 anos; no jornal *The Washington Post* foi o de um correspondente da Radio Free Europe — Joseph Laucka — que partiu aos 83 anos, depois de intensa vida como correspondente da VOA (Voice of America).

Alexander H. Girard Dies at 86; Architect and Interior Designer

By RICHARD D. LYONS

Alexander H. Girard, an architect, interior designer and authority on folk art, died on Friday at his home in Santa Fe, N.M. He was 86.

The cause was the complications of Alzheimer's disease, said his son, Marshall C. Girard.

For about 40 years Mr. Girard was a nationally known designer of innovative home furnishings, including furniture, fabrics for furniture and draperies, wallpapers, textiles and graphics. His hallmarks were bold colors, dramatic patterns and exotic materials.

Some of his favorite graphic themes were sunbursts, checkerboards and stylized florals. His design for Valentine's Day in 1972, "Love Heart," was one of his more innovative works. Another popular design was the "tile look," which was wallpaper in a pattern of hundreds of colored rectangles that simulated a tile wall.

Collector of Folk Art

He also was an authority on and collector of folk art, at one point assembling 10,000 pieces from around the world in an exhibit at his home in Santa Fe, where he had lived for 40 years. The pieces on display were only a fraction of the tens of thousands he had amassed. Part of this collection was called "El Encanto de un Pueblo," (The Magic of a People) and was displayed at the HemisFair '68 in San Antonio, and later was donated to the State of New Mexico.

The exhibit was a series of 41 visualizations of different aspects of Latin-American life and imagination, put together with folk toys ranging from tiny soldiers to a vast variety of landscapes, buildings, plants, animals, angels and

humans, all splashed with bold, primitive colors.

"We have become so practical that anything that is not functional is overlooked as not worth the doing," he said in 1962 as a comment on the increased attention folk art was receiving, adding: "But people buy folk art because it fills a need that is not satisfied at another level."

In his multi-faceted career Mr. Girard also produced designs for many corporate clients including General Motors, John Deere, Cummins Engine and Braniff Airlines.

In the early 1950's Mr. Girard bought a 200-year old adobe house in Santa Fe which was expanded enormously over the years to hold his folk art collection and which evolved into a showcase residence that was featured in television shows and books.

Previously, Mr. Girard practiced design and architecture in Grosse Pointe, Mich., often decorating the homes of wealthy and celebrated clients.

In 1948 he was among a group headed by the architect Eero Saarinen which designed the stainless steel arch that was built alongside the Mississippi River in St. Louis.

Mr. Girard was born in New York and raised in Florence, Italy. He graduated from the Royal Institute of British Architects in London with honors in decoration, and also studied design in Rome. Before moving to Michigan, Mr. Girard worked in Manhattan and was a member of the Architectural League of New York and the American Institute of Decorators.

Members of his family also helped Mr. Girard with his designs and collecting. Mr. Girard is survived by his wife



Alexander H. Girard



Mr. Girard's "Love Heart" design for Valentine's Day in 1972.

of 57 years, Susan Girard, a daughter, Sansi Coonan, and his son, all of Santa Fe; a brother, Jean Carlo Girard of Florence, and four grandchildren.

Figura 8. Fac-símile do jornal The New York Times, New York, Jan. 2, 1994. Obituaries. p. 28.

B4 SUNDAY, SEPTEMBER 12, 1993

OBITUARIES

Joseph Laucka Dies; Radio Correspondent

Joseph Bronius Laucka, 83, a retired Radio Free Europe correspondent who had been active in Lithuanian groups, died of congestive heart failure Sept. 9 at Suburban Hospital. He lived in Bethesda.

He began his government career in 1958 when he joined the State Department and became editor of the Voice of America's Lithuanian service. Then, as a Foreign Service reserve officer, he became Lithuanian service chief at the VOA's Munich radio center in 1953. He worked for the United States Infor-

mation Agency as a foreign staff officer in Munich before becoming deputy chief of the VOA Lithuanian service in Washington.

In 1966, Mr. Laucka went to West Berlin as a radio program officer, then worked for the VOA's Lithuanian service again from 1970 to 1973. The next year, he joined Radio Free Europe to establish its Lithuanian broadcast service out of Munich. He returned to Washington in 1978 and was an RFE correspondent until retiring in December 1992.

Mr. Laucka was born in Brockton, Mass., and grew up in what is now Lithuania. He lived in the United States from 1930 to 1933, then returned to Lithuania, where he graduated from the University of Kaunas with a law degree. He later received a master's degree in political science and government from Georgetown University.

He edited journals in Boston and Brooklyn in the 1930s and early 1940s. From 1941 to 1946, he served as president of the Lithuanian Roman Catholic Federation of America. He helped found the United Lithuanian Relief Fund of America in 1944, and served as its execu-

tive director from 1945 to 1948. He also worked for the National Catholic Welfare Council and served as vice president of the Lithuanian Cultural Institute before joining the government.

He was named a knight of St. Sylvester by Pope John Paul II, and was past world president of the Lithuanian Catholic Federation. He had been a member of St. Jane de Chantal Catholic Church in since 1958.

Survivors include his wife, Isabelle Laucka Howes of Rockville; and four grandchildren. A son, Joseph III, died in 1958.

FANNYE RICH ROSENTHAL Realty President

Fannye Rich Rosenthal, 93, a Washington native and resident who had been president of Daro Realty Inc. in Washington since 1982, died Sept. 10 at the Washington Home Hospice after a stroke.

Mrs. Rosenthal, a Central High School graduate, graduated from Goucher College in Baltimore in 1921. During the next 10 years, she was a librarian at the Library of Congress and worked in the family's B. Rich retail shoe company.

Figura 9. Fac-símile do jornal *The Washington Post*, Washington, Sep. 12, 1993. Federal Diary/Weather/Obituaries. p. B4.

No que se refere às mensagens, a seqüência é muito semelhante à dos jornais do nosso país lembrando em muito o noticiário cristalizado que se encontra nas notas de falecimento dos jornais brasileiros. O que os torna diferentes é o uso do pedido de doações em lugar de flores e a indicação de enterro reservado, íntimo: "In lieu of flowers, memorial contributions may be made to..." ("Em lugar de flores, que as contribuições sejam feitas a..."); ou, "Expressions of sympathy in his memory may be made to..." ("Manifestações de pesar podem ser feitas a..."); "Interment private" ("Cerimônia íntima de enterro").

long illness of the age of 74, on December 21 in Nashville, TN. Survived by her husband, George; two sons, Jack and David; a daughter, Judith Goodspeed; daughter-in-law, Madelyn Berman; son-in-law, Stephen Goodspeed; four grandchildren.

BROCK—Margaret A., on January 1st, 1994. Beloved wife of the late Edward J. Devoted mother of Edward B. Dear sister of Frances Vettel. For further information, please call the Chas. Peter Nagel Funeral Home, 213-589-5221.

CASEY—Ella Kate (nee Casey), on December 31, 1993. Beloved wife of the late Thomas, loving mother of Margaret Nease, Thomas P., Ellen Nease, and Kathleen. Also survived by six grandchildren and one grand-nephew. Burial at the David J. Steiner and Son Funeral Home, 88 Madison Ave. (near Kimball Ave.), Yonkers. Visiting hours on Sunday and Monday 2-4 PM and 7-9 PM. Funeral Mass Tuesday 9:30 AM at St. Barnabas Church, Interment Gate of Heaven Cemetery.

DANK—Meryl Hope. "Life is not a matter of extent, but a matter of content." Beloved daughter of Elyse and Leonard Dank, loving sister of Ronald and Richard Holsman. Chartered fance of Victor Marchionni. Meryl brought joy to us all and will live on in us forever.

EDMONDS—Marion Osborne. Died suddenly at her apartment in New York City on Saturday, December 18, 1993. Mrs. Edmonds was born in Norfolk, VA after schooling and working in Washington, DC, she came to New York City. She worked as a librarian at

Manhattan Community College. Her late son, Brian, N.J., born on an officer and over the years, employing students. A scholarship is being established at Monmouth College in her memory. Contributions to that fund will be greatly appreciated.

FEIN—Helen L. Died on December 31st, 1993 at her home in Riverside. As an artist, she brought beauty to the canvas. As a person, she brought beauty to our lives. Survivors include her loving husband of sixty-one years, Joseph Fein, her son, Milton Ross Fein, her daughter, Deborah Schava, her daughter-in-law, Anita Ross Fein, and her son-in-law, Dr. Scott Korman P. Schava, and her loving grandchildren, Robert Fein, Laura Schava and Nathaniel Schava. Funeral services on Monday, January 3rd, 1:30 PM, at Riverside Memorial Chapel, 21 W. Broad St., Mt. Vernon, NY. In lieu of flowers, memorial contributions may be made to Visiting Nurse Service Hospice, 81A Morris Park Avenue, Bronx, New York 10463.

FRENCH—S. Roy Jr., 64, on December 28th, 1993 after a long illness. Loving husband of Ellen and devoted father of Robert (deceased), Virginia, Elizabeth, Karen, Terisa, Catherine and Steven and brother of David and Nancy. In lieu of flowers, donations may be sent to St. Jude's Children's Research Hospital, Box 3814, Memphis, TN 38101.

GILLIGAN—Suzanne K., on December 30, of Chappaqua, New York. Sister of Ronald and Margaret Gilligan and Sandra G. Cannon. Also of the Rectory of St. John and St. Mary Church, Chappaqua, New York. Monday 10 AM. Resting Bercher Funeral Home, Pleasantville, New York, Sunday 2-4 and 7-9 PM. Interment at Gate of Heaven Cemetery.

GOODMAN—Dorothy. Loving and devoted wife of the late Sidney L. Goodman, caring and loving daughter of the late Alona Elmer, sister of Rose. Inspirational and loving mother of Allen, proud and loving grandmother of David. Died peacefully on Christmas Eve. A memorial service to celebrate

her life will be held on Sunday, January 3, 1994 at 10:30 AM at the St. Luke's Episcopal Church in Forest Hills Gardens, Queens, NY. Mrs. Knight attended the Longhorne in Paris, France. She was the granddaughter of Sir Francis Propper Williams, who was knighted by King Leopold II of Belgium. She was the wife of the late C. Howard Knight whose distinguished lineage traced back to President George Washington, President Thomas Jefferson, General Robert E. Lee and the Vanderbilt family. Mrs. Knight was a member of the

HERBST—Earl B., of Southbury, CT. In Southbury on December 26, 1993. Formerly of Brooklyn, NY. Loving husband of the late Shirley Hoover Herbst. Son of the late Christian and Leonora Herbst. Services at Munson-Lovvett Funeral Home, 1431 Street, Southbury, CT. Visiting hours Monday from 2-4 and 7-9 PM. Contributions to a charity of the donor's choice.

MCDONNELL—Rose. Beloved and devoted mother of Faye, Joseph and Leslie Susman. Loving grandmother. Services Sunday 11:30 am "Paradise Chapel" Queens Blvd at 44th Ave, Forest Hills.

JOHNSON—Alice G.K. (nee Kostner), on December 26, 1993 in Greenport, NY. Beloved wife of the late Wilson M., dear mother of Marshall Johnson. Mrs. Johnson was born May 11, 1918 in Baltimore, MD, she graduated fromoucher College. She was the past President of the Forest Hills Women's Club and a member of St. Luke's Altar Guild. She was interred at the Maple Grove Cemetery on December 22, 1993. A memorial service will be held on January 5, 1994 at 12:30 AM at the St. Luke's Episcopal Church in Forest Hills Gardens, Queens, NY.

KNIGHT—Eleanor Hayward, Mrs. Knight, of LaCocouille Villas, Monroeton, FL died Thursday, Dec. 20, 1993. Mrs. Knight attended the Longhorne in Paris, France. She was the granddaughter of Sir Francis Propper Williams, who was knighted by King Leopold II of Belgium. She was the wife of the late C. Howard Knight whose distinguished lineage traced back to President George Washington, President Thomas Jefferson, General Robert E. Lee and the Vanderbilt family. Mrs. Knight was a member of the

MACFARREY—Catherine. Orphan on Dec. 31, 1993. Beloved N.Y. Telephone Co. Beloved daughter of the late Michael J. and Anna (nee Egan). Surviving are many nieces and nephews, grand nieces and grand nephews. Receiving Death Funeral Home, 1233 44th St., Brooklyn. Funeral Mass Monday, 9:30 AM, church of St. Albanus, Bay Parkway, and the St. Ignace Cemetery.

MCWAIN—Lynn Jackson, died at home on December 26, in Coronado, CA, after a brief illness. Husband of Dave Kurt Jackson and the late Agnes Louise McWain, mother of Lynn J. McWain and Joseph M. Colby, stepmother of Christine, Harriet, Susan, Lindsay

Three children, stepmother of Barry and Kelly, Barry and Barbara, Dr. Bill and Ann Remick and Paul and Ann. Her great-grandchildren, Services Sunday noon Gutterman's Rectory Center, NY.

LISLAUER—Irene. The officers, leadership, membership and staff of Women's American ORT held with profound sorrow the passing of the beloved mother of our immediate and national president and current Chair of ORT (U.S. Operations), Anne Peterson. May her memory continue to inspire those who were privileged to have known her. We extend our deepest condolences to Anne and her entire family. Ruth Tittel, Chair ORT Executive Committee, Terisa Elavsky, ORT Executive Director, Florence Rosenthal, Honorary Chair President, Helson Gaud, Executive VP Executive

MARSH—John B. Jr., suddenly on December 31, 1993 in Cambridge Massachusetts. Devoted father of John B. Marsh III, Peter Dudley Marsh, the late Elizabeth Marsh, grandmother of Jesse J. Marsh. Also survived by his mother, Mrs. J.B. Marsh and his sister's, Isabel Marsh and Judy Lane. Memorial services Saturday, January 8 at First Congregational Church of Housatonic, Lymon, CT. 11 AM. In lieu of flowers, contribute to the Typing of the Bible.

PACKER—Doris. Beloved wife of the late Samuel, devoted mother of Gail and James Kaufman, cherished grandmother of Dohia, E.J. Hara and Sam. Survived by her brother, Max Goldwasser, and sisters Susan Weiser, Pauline Fox and Helen Cyrins. Services today, 10 AM, at Lincoln Square Synagogue, 48th St. and 10th Ave.

ROSE—Edward. On December 29, 1993. Husband of Inez Park and mother of Nadia. Survived by his parents Hestia and Edward J. Heil, and sisters Loret and Michelle (Jane). Loving and devoted father of Joel and Nathan. F. Abraham (Rena) of poor and Helen (The Hon.) Novak. Services Tue of Anshe Emes Synagogue, 300 Pine Avenue in lieu of flowers in the name of Rose's Memorial House.

ROSENBERG—Israel J., 76, died December 28, 1993 after a long illness. Teacher of English at a school in New York and China. One-time social worker and Peace Corps volunteer in Ethiopia. Former member of Community Board 4, President of Kips Bay Tenants Association. Activist and hobbyist. Devoted niece of the late Dr. Ruth Bursat. A gathering of her friends is planned for Sunday afternoon, January 23. For information call (718) 663-8868.

SHAWMAN—Kenneth C. Beloved husband of Sharon. Devoted father of Greg, Sam and Lauren. Loving son of Sylvia. Dear brother of Adrienne Bernick. Fond brother-in-law. Services on Monday, 11 noon at Gutterman's, 808 195th Street, Woodside, L.I.

OSTER—Rita. Our families have grieved up sharing of the vibrations that bringing us seems to do, and our mothers have been dear friends. For Bonnie, Rita has been her dearest friend. To Lou and the boys and their families, we hope that the love of family and friends will be a comfort to them through the truly sad time. The Diamond Family

ROSE—Edward. On December 29, 1993. Husband of Inez Park and mother of Nadia. Survived by his parents Hestia and Edward J. Heil, and sisters Loret and Michelle (Jane). Loving and devoted father of Joel and Nathan. F. Abraham (Rena) of poor and Helen (The Hon.) Novak. Services Tue of Anshe Emes Synagogue, 300 Pine Avenue in lieu of flowers in the name of Rose's Memorial House.

RICE—Paula Rose (r of Chicago, IL. Bel James P. Dear mother (Myrna 3488) of (Jane). Loving and devoted mother of Abraham (Rena) of poor and Helen (The Hon.) Novak. Services Tue of Anshe Emes Synagogue, 300 Pine Avenue in lieu of flowers in the name of Rose's Memorial House.

RICHMOND—Ruth J. 70, NY on Dec 28. Beloved wife of the late Richmond and the late Andrew. Loving mother and devoted wife of the late Dr. Ruth Bursat. A gathering of her friends is planned for Sunday afternoon, January 23. For information call (718) 663-8868.

RINGWALD—Richard. Beloved husband of Deborah. Loving son of Sylvia. Dear brother of Adrienne Bernick. Fond brother-in-law. Services on Monday, 11 noon at Gutterman's, 808 195th Street, Woodside, L.I.

ROLNICK—Henriette, of Sol (Ansel), child of Freda and Aaron, a loving and devoted mother of Corry and Jayna, daughter of Freda and Aaron, a loving and devoted mother of Corry and Jayna, daughter of Freda and Aaron, a loving and devoted mother of Corry and Jayna, daughter of Freda and Aaron.

ROSE—Edward. On December 29, 1993. Husband of Inez Park and mother of Nadia. Survived by his parents Hestia and Edward J. Heil, and sisters Loret and Michelle (Jane). Loving and devoted father of Joel and Nathan. F. Abraham (Rena) of poor and Helen (The Hon.) Novak. Services Tue of Anshe Emes Synagogue, 300 Pine Avenue in lieu of flowers in the name of Rose's Memorial House.

RICE—Paula Rose (r of Chicago, IL. Bel James P. Dear mother (Myrna 3488) of (Jane). Loving and devoted mother of Abraham (Rena) of poor and Helen (The Hon.) Novak. Services Tue of Anshe Emes Synagogue, 300 Pine Avenue in lieu of flowers in the name of Rose's Memorial House.

RICHMOND—Ruth J. 70, NY on Dec 28. Beloved wife of the late Richmond and the late Andrew. Loving mother and devoted wife of the late Dr. Ruth Bursat. A gathering of her friends is planned for Sunday afternoon, January 23. For information call (718) 663-8868.

RINGWALD—Richard. Beloved husband of Deborah. Loving son of Sylvia. Dear brother of Adrienne Bernick. Fond brother-in-law. Services on Monday, 11 noon at Gutterman's, 808 195th Street, Woodside, L.I.

ROLNICK—Henriette, of Sol (Ansel), child of Freda and Aaron, a loving and devoted mother of Corry and Jayna, daughter of Freda and Aaron, a loving and devoted mother of Corry and Jayna, daughter of Freda and Aaron.

ROSE—Edward. On December 29, 1993. Husband of Inez Park and mother of Nadia. Survived by his parents Hestia and Edward J. Heil, and sisters Loret and Michelle (Jane). Loving and devoted father of Joel and Nathan. F. Abraham (Rena) of poor and Helen (The Hon.) Novak. Services Tue of Anshe Emes Synagogue, 300 Pine Avenue in lieu of flowers in the name of Rose's Memorial House.

RICE—Paula Rose (r of Chicago, IL. Bel James P. Dear mother (Myrna 3488) of (Jane). Loving and devoted mother of Abraham (Rena) of poor and Helen (The Hon.) Novak. Services Tue of Anshe Emes Synagogue, 300 Pine Avenue in lieu of flowers in the name of Rose's Memorial House.

RICHMOND—Ruth J. 70, NY on Dec 28. Beloved wife of the late Richmond and the late Andrew. Loving mother and devoted wife of the late Dr. Ruth Bursat. A gathering of her friends is planned for Sunday afternoon, January 23. For information call (718) 663-8868.

RINGWALD—Richard. Beloved husband of Deborah. Loving son of Sylvia. Dear brother of Adrienne Bernick. Fond brother-in-law. Services on Monday, 11 noon at Gutterman's, 808 195th Street, Woodside, L.I.

ROLNICK—Henriette, of Sol (Ansel), child of Freda and Aaron, a loving and devoted mother of Corry and Jayna, daughter of Freda and Aaron, a loving and devoted mother of Corry and Jayna, daughter of Freda and Aaron.

ROSE—Edward. On December 29, 1993. Husband of Inez Park and mother of Nadia. Survived by his parents Hestia and Edward J. Heil, and sisters Loret and Michelle (Jane). Loving and devoted father of Joel and Nathan. F. Abraham (Rena) of poor and Helen (The Hon.) Novak. Services Tue of Anshe Emes Synagogue, 300 Pine Avenue in lieu of flowers in the name of Rose's Memorial House.

RICE—Paula Rose (r of Chicago, IL. Bel James P. Dear mother (Myrna 3488) of (Jane). Loving and devoted mother of Abraham (Rena) of poor and Helen (The Hon.) Novak. Services Tue of Anshe Emes Synagogue, 300 Pine Avenue in lieu of flowers in the name of Rose's Memorial House.

RICHMOND—Ruth J. 70, NY on Dec 28. Beloved wife of the late Richmond and the late Andrew. Loving mother and devoted wife of the late Dr. Ruth Bursat. A gathering of her friends is planned for Sunday afternoon, January 23. For information call (718) 663-8868.

RINGWALD—Richard. Beloved husband of Deborah. Loving son of Sylvia. Dear brother of Adrienne Bernick. Fond brother-in-law. Services on Monday, 11 noon at Gutterman's, 808 195th Street, Woodside, L.I.

ROLNICK—Henriette, of Sol (Ansel), child of Freda and Aaron, a loving and devoted mother of Corry and Jayna, daughter of Freda and Aaron, a loving and devoted mother of Corry and Jayna, daughter of Freda and Aaron.

Figura 10. Fac-simile do jornal The New York Times, New York, Jan. 2, 1994. Obituaries. p. 28.

CASEY - Ellie Kate (nee Casey) , on December 31, 1993. Native of Charlestown, Co. Mayo, Ireland. Member of the Altar Rosary Society of St. Barnabas, Ladies Auxiliary A.O.H. Division 11 Tarrytown NY, Co. Mayo Association, Westchester American-Irish Association, and Democratic Club. Beloved wife of the late Thomas, loving mother of Margaret Noone, Thomas P., Ellen Novak, and Kathleen. Also survived by six grandchildren and one great-grandchild. Reposing at the David J. Hodder and Son Funeral Home, 899 McLean Ave. (near Kimball Ave.), Yonkers. Visiting hours on Sunday and Monday 2-4 PM and 7-9 PM, Funeral Mass Tuesday 9:45 AM at St. Barnabas Church. Interment Gate of Heaven Cemetery.

NEUBERGER - Gretel J., 70, died December 29, 1993 after a long illness. Teacher of English, as a second language in New York and China. One-time social worker and Peace Corps volunteer in Ethiopia. Former member of Community Board 6. President of Kips Bay Tenants Association. Activist and hobbyist. Devoted niece of the late Dr. Ruth Bunzel. A good and cherished friend. A gathering of her friends is planned for Sunday afternoon, January 23. For information, call (914) 682-8650.

RICHMOND - Ruth H. of Greenvale, NY on December 27, 1993. Beloved wife of the late Harold Richmond and the late Percy Bruce. Loving mother of Donald and Kenneth. Dear grandmother of Andrew. Memorial service Roslyn Presbyterian Church, at a later date. Cremation was private. Contributions may be made to American Lung Association.

Outra razão que torna esses anúncios diferentes nos jornais do Brasil e dos Estados Unidos, tomados como exemplo, é a localização dos mesmos. Nos jornais norte-americanos, ocupam páginas inteiras; nos do Brasil, disputam espaço com outros anúncios mesmo que, às vezes, ocupem metade de uma página. Entre os jornais brasileiros examinados, observou-se que, no dia 12 de fevereiro de 1994 a *Folha de São Paulo* apresentou o necrológio de um arquiteto mineiro radicado em São Paulo com destaque semelhante ao dos jornais norte-americanos mencionados linhas acima.

MORTES



José Duarte de Aguiar

Morre aos 50 o arquiteto José de Aguiar

O arquiteto e designer José Duarte de Aguiar morreu à 0h10 de ontem vítima de parada cardíaco-respiratória no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. O corpo foi transferido às 7h de ontem para Uberaba (MG), onde o arquiteto nasceu, e foi enterrado às 13h30 no túmulo de sua mãe.

Aguiar, que iria completar 51 anos dia 26 de março, formou-se em arquitetura na Universidade Mackenzie e trabalhou com o decorador Germano Mariutti, na década de 60. Entre seus últimos trabalhos, destacam-se a cenografia do filme "Forever", de Walter H. Khouri, a ala nova do Hospital Santa Joana, em São Paulo, e a sala Vip do banco Safra no aeroporto de Cumbica (Guarulhos).

Cleusa Barbosa Godal - Aos 44, casada com Valter Oliveira Godol. Deixa filhos. Crematório de Vila Alpina.
Lucia Nogueira Martins - Aos 68, casada com Clovis Martins. Deixa filhos. Crematório de Vila Alpina.
Romilda Zampano - Aos 85, viúva de Paulo Zampano. Deixa filha. Cemitério São Paulo.
José Lopes Mergulhão Filho - Aos 60, casado com Nair Gobbi Mergulhão. Deixa filhos. Cemitério da Lapa.
Maria Aparecida Barbosa Rezende Fully - Aos 79, casada com Athemiro Deocleciano Fully. Deixa filho. Cem. da Paz.
Isaura Raphael Olivieri - Aos 58, viúva de Paulo Olivieri. Deixa filhos. Cemitério do Brás.
Eneida Maria Teixeira de Castro - Aos 49, casada com Paulo Edson de Castro. Deixa filhos. Cem. do Araçá.
Sílvia Fernandes de Camargo - Aos 68, solteira. Cemitério São Paulo.
José Augusto Fernandes - Aos 75, casado com Luzia Fernaldo Fernandes. Deixa filhos. Cemitério da Paz.
Antonio Alonso Moreno - Aos 63, divorciado de Ana Maria Fonseca Mei-

relles Souza Finto. Deixa filhos. Cemitério São Paulo.
Maria da Conceição Bellucci - Aos 74, viúva de José Bellucci. Deixa filhos. Cemitério da Lapa.
Marcos Vinícius Marquezini - Aos 30, solteiro. Cem. de Pirassununga.
Cyntra Nogueira Melete - Aos 75, casada com Iralo Melete. Deixa filhos. Cemitério do Horto Florestal.
Antenor Lopes Moraes - Aos 64, casado com Maria Ires Vianello Lopes. Deixa filhos. Crematório Vila Alpina.
Srul Rauchfeld - Aos 83, viúvo de Hena Rauchfeld. Deixa filhas. Cemitério Israelita do Butantã.
Afonso Alberto Muxfeldt - Aos 82, viúvo de Erené Franck Muxfeldt. Deixa filhos. Cemitério da Paz.
Guilherme Oswald Gauger - Aos 74, casado com Ignes Neves Gauger. Cemitério do Araçá.
Maria Elisa Lodder Dantas - Aos 42, solteira. Filha de Jeannette A. Lodder. Deixa irmãos e sobrinhos. Cem. da Paz.

7º Dia

Edith Fortes Caldeira - Hoje, às 9h.

Atas, Editais e Avisos

DECLARAÇÃO

REF.: duplicata nº 8478
valor: CR\$ 16.200,00 - vencimento: 07/01/94
emitente: Vidraçaria Campos Salles Com. Ltda
sacado: Metal Leve S/A Ind. e Com.
DECLARAMOS aos bancos, comércio e à praça em geral, que se deveu unicamente a uma folha em nossos serviços internos, o protesto lavrado junto ao 3º Cartório desta Capital (livro 3457, fls. 395), sendo certo que o referido título foi pago em seu vencimento.
A presente declaração é feita na seqüência da responsabilidade da empresa sacada
Metal Leve S/A Indústria e Comércio" (COC. 80.478.88/0001-87).
B) BANCO NORDESTE S/A

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DAS ADMINISTRAÇÕES REGIONAIS
COORDENADORIA GERAL DE LICITAÇÕES
EDITAL DE LICITAÇÃO

Concorrência 03/SAR/COGEL/94. Objeto: CONTRATAÇÃO DOS SERVIÇOS DE LIMPEZA MANUAL DE BOCA-DE-LOBO COM UTILIZAÇÃO DE EQUIPES-PADRÃO, A SEREM EXECUTADOS NAS ÁREAS SOB A JURISDIÇÃO DAS ADMINISTRAÇÕES REGIONAIS (ARs), QUE COMPÕEM O MUNICÍPIO DA CIDADE DE SÃO PAULO, OBEDECENDO-SE AS QUANTIDADES DISCRIMINADAS NO ANEXO II E DE ACORDO COM AS ESPECIFICAÇÕES DOS SERVIÇOS CONSTANTES DO ANEXO III. Orçamento: CR\$ 602.484.611,64. Prazo:

Figura 11. Fac-símile do jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 fev. 1994, p.5.

A maioria destas notas de falecimento são verdadeiros registros dos chamados **eufemismos por omissão**: poucos falam a respeito do momento de morrer.

Todavia, nenhuma nota de falecimento supera, no uso de eufemismos, a que se encontra à p. 184 do livro *Retalhos da vida de um médico*, de Fernando Namora:

MIQUELINA ALVES DOS SANTOS

Narciso dos Santos participa a extinção da sua unidade adâmica, por a metade feminina sua mulher haver terminado a missão cármica determinada por Deus, e que o seu corpo sairá hoje, às dezoito horas, da Rua dos Heróis de Quionga, número trezentos e vinte, segundo andar direito, para ser entregue à mãe Eva, no cemitério do Alto de S. João. Também o participam seu filho, irmãos, cunhadas e mais família.

Impresso para distribuição e apresentado como "– A participação da minha mulher. Ainda não lhes tinha mostrado." Era "um papelucho tarjado de negro" e foi considerado "uma bonita homenagem" que a defunta "bem o merecia."!

Ilustrativo é, também, o que deixou registrado, numa agenda eletrônica (por suas mãos já disporem de poucos movimentos), no dia 18 de fevereiro de 1994, um paciente que no dia seguinte faria um transplante de fígado, no Hospital das Clínicas, em São Paulo:

Alda. 21-02-94

Se alguma coisa não der certo no transplante, eu quero que vocês levem a vida em frente, sabendo que amo muito as duas e que eu estarei bem. Nunca deixe faltar nada para a Alice. Sejam felizes com muito amor e carinho.

Zé.

Figura 12. Correspondência pessoal.

"Alda: Se alguma coisa não der certo no transplante, eu quero que vocês levem a vida em frente, sabendo que amo muito as duas e que eu estarei bem. Nunca deixe faltar nada a Alice. Sejam felizes. Com muito amor e carinho. Zé."

Embora a idéia de morte esteja implícita, em nenhum momento aparece qualquer termo mais direto sobre o assunto. A expressão **se alguma coisa não der certo** sugere **se eu morrer**; na expressão **eu estarei bem** podemos depreender a idéia de início de vida **em algum lugar**, indefinição total. O transplante foi um sucesso!

Encerraremos esta discussão sobre o assunto **morte** com a notícia do falecimento de um ídolo nacional e o conseqüente ressuscitar de toda uma terminologia que, no decorrer deste século, tinha sido relegada a um plano secundário.

No dia 1º de maio de 1994 faleceu Ayrton Senna da Silva, piloto brasileiro da Fórmula 1, corrida de carros de âmbito internacional. Seu desaparecimento constituiu-se no reconhecimento dos brasileiros da existência de um ídolo nacional, num país que, nos últimos anos tem estado carente de heróis. Junte-se a este fato ter sido Ayrton conhecido através dos circuitos das corridas que participava em todos os continentes — uma perda realmente de caráter mundial. A repercussão que essa morte causou fez os jornalistas recorrerem a uma terminologia há anos dispensada do vocabulário vigente. Ressuscitaram-se **esquife, féretro, cortejo fúnebre, urna funerária, préstito fúnebre**. Os jovens perguntavam-se o que esses termos significavam embora estivessem ligados, de alguma forma à morte e ao enterro do seu ídolo.

Como diz Ariès, a morte neste século é a morte interdita — nela não se fala, dela nada se diz, o falecido não é visto, os velórios são distantes, pouco se sabe a respeito daquele que se foi.

6.2. ANÁLISE CONTRASTIVA

Ao estudarmos os eufemismos sobre a morte em inglês e em português e procurarmos estabelecer em que os termos e expressões que os constituem se assemelhavam ou diferiam do ponto

de vista lingüístico-semântico, vimo-nos envolvidos, na realidade, numa pesquisa na qual a discussão enfocava, principalmente, diferenças culturais entre os dois povos cujas línguas eram objeto do nosso estudo.

Recorremos, então, à análise contrastiva como o instrumento adequado para melhor explicarmos os resultados pois, embora inicialmente usada com fins pedagógicos, como veremos no decorrer deste estudo, "a análise contrastiva muito tem tido a oferecer à teoria da tradução, à descrição de línguas específicas, à tipologia lingüística e ao estudo dos universais lingüísticos." (Chandlin, Preface, iv. *In* JAMES, 1980).

Segundo FISIÁK (1981, p. 1), "contrastive linguistics may roughly be defined as a subdiscipline of linguistics concerned with the comparison of two or more languages or subsystems of languages in order to determine both the differences and similarities between them."⁷

Sob o título de "contrastive analysis" (e não de "contrastive linguistics") é esse ramo da lingüística aplicada visto por Carl JAMES (1980, p. 3) como: "Contrastive analysis is a linguistic enterprise aimed at producing inverted (i.e. contrastive, not comparative) two valued typologies (a contrastive analysis is always concerned with a pair of languages), and founded on the assumption that languages can be compared."⁸

⁷ "a lingüística contrastiva pode ser mais ou menos definida como uma subdisciplina da lingüística que se preocupa com a comparação de duas ou mais línguas ou subsistemas de línguas a fim de determinar tanto as diferenças como as semelhanças entre elas."

⁸ A análise contrastiva (AC) é um projeto lingüístico que visa a produzir tipologias invertidas (isto é, contrastivas, não comparativas) de duplo valor (uma AC refere-se sempre a um par de línguas) e fundamentado no princípio de que todas as línguas podem ser objeto de comparação."

Embora os primeiros estudos teóricos tivessem sido publicados em fins do século passado e o aspecto aplicado não fosse descurado, foi na década de 40 que a lingüística contrastiva, assim rotulada por B. L. Whorf tomou um grande impulso, desenvolvendo-se largamente nos Estados Unidos a partir, principalmente, da II Guerra Mundial e do conseqüente envio de tropas a vários países. Grande foi, portanto, o interesse em criar-se material didático adequado para o ensino de línguas estrangeiras. Destaca-se neste universo, o Prof. C. C. Fries, cujo pressuposto fundamental a orientar a preparação de material didático no English Language Institute da Universidade de Michigan era: "The most effective materials are those that are based upon a scientific description of the language to be learned, carefully compared with a parallel description of the native language of the learner."⁹ (LADO, 1968, p. 1). Com base nesse pressuposto são publicadas teses, dissertações, artigos, monografias. A análise contrastiva passa a ser a propulsora de uma produção que tem a língua inglesa como elemento básico nesses estudos comparativos e as demais línguas dos alunos como elemento de contraste ou de confronto: "Two languages — possibly more — can be compared to determine the differences and similarities between them."¹⁰ (FISIÁK, 1981, p. 3).

É, portanto, com base nas idéias expostas por Fries que o Prof. LADO (1968, p. 2), no seu livro *Linguistics Across Cultures*, apresenta o postulado fundamental desta sua obra: "that individuals

⁹ "Os materiais didáticos mais eficientes são os baseados na descrição científica da língua a ser aprendida, cuidadosamente comparada a uma descrição análoga da língua materna do aprendiz."

¹⁰ "Duas línguas — possivelmente mais — podem ser comparadas a fim de determinar as diferenças e semelhanças entre elas."

tend to transfer the forms and meanings, and the distribution of forms and meanings of their native language and culture to the foreign language and culture — both productively when attempting to speak the language and to act in the culture, and receptively when attempting to grasp and understand the language and the culture as practiced by natives."¹¹

Um dos assuntos controvertidos na análise contrastiva é a comparação entre duas culturas. Para o Prof. Robert LADO (1968, p. 7), essa era uma das áreas intocadas mas, ao descrever os padrões de comportamento de uma dada cultura e estabelecer comparações com os de outra, obteve resultados que mostraram serem os desentendimentos recorrentes, entre as mesmas.

Vejamos como o Prof. LADO enfoca, então a comparação entre duas culturas.

Definindo **cultura** como os costumes de um povo, percebeu esse autor que cada pessoa de uma determinada cultura vê esses costumes (hábitos) como algo positivo, embora sejam os mesmos vistos negativamente por membros de outros grupos. Acrescenta ele: "and often in both cases with surprisingly little understanding of what those ways really are and mean"¹² (1968, p. 110).

Quando realizou pesquisas entre duas culturas, deparou-se o prof. LADO com o fato de cada povo ter de si próprio uma visão

¹¹ "que os indivíduos tendem a transferir formas e significados e a distribuição das formas e significados da própria língua e da própria cultura para a língua e cultura estrangeiras — tanto produtivamente, ao tentar falar a língua e atuar na cultura, quanto, receptivamente, ao tentar assimilar e compreender a língua e a cultura enquanto usadas pelos habitantes das mesmas."

¹² "e muitas vezes, em ambos os casos, com uma surpreendente incompreensão do que esses costumes são e o que significam na realidade"

otimista e de não se dar conta de que repetia atitudes tomadas a seus ancestrais. Esta é uma das maiores dificuldades nesse tipo de comparação: os indivíduos são perfeitos e, via de regra, acham serem os outros os que cometem erros, simplesmente por agirem de maneira diferente. E afirma: "Our inability to describe our cultural ways parallels our inability to describe our language, unless we have made a special study of it"¹³ (1968, p. 110). Comparar duas culturas exige do pesquisador imparcialidade de julgamento no que se refere à própria cultura sem cuja isenção poderá comprometer os dados de que dispõe.

Linguisticamente, define-se cultura como *sistemas estruturados de comportamento padronizado*. E lembra E. Sapir, (LADO, 1958, p. 111) quando este afirmou: "All cultural behavior is patterned."¹⁴

Discute a seguir o que entende por unidades funcionais de uma cultura: os atos individuais de comportamento através dos quais uma cultura se manifesta não são iguais, são únicos mas jamais se repetem, embora os membros da comunidade os identifiquem como sendo os mesmos. Essa variabilidade, que aos nativos passa despercebida, representa um padrão de comportamento, uma unidade funcional de comportamento nessa cultura.

Forma, Sentido e Distribuição — Essas unidades de comportamento padronizado, que constituem os planos que são cada cultura têm forma, sentido e distribuição.

¹³ "Nossa incapacidade para descrever nossos hábitos culturais equipara-se à nossa incapacidade para descrever nossa própria língua a não ser que tenhamos feito um estudo especial dela"

¹⁴ "Todo comportamento cultural é padronizado."

As **formas** são identificadas funcionalmente pelos membros de uma dada cultura embora lhes seja difícil defini-las, se perguntados.

Os **sentidos** como as formas são determinados e modificados culturalmente. Representam uma análise do universo como entendido por uma cultura.

A **distribuição** - todas estas unidades formais de sentido são distribuídas de maneira padronizada. Seus padrões de distribuição são complexos e envolvem ciclos de tempo, localizações espaciais e posições em relação a outras unidades.

Forma, sentido e distribuição são interdependentes numa dada cultura. As formas são relevantes quando têm sentido; o sentido pressupõe a existência de uma forma para ser relevante para a cultura; e formas significativas sempre ocorrem numa distribuição padronizada.

Transferência para a cultura estrangeira - As padronizações que tornam possível que ocorrências únicas operem como idênticas entre os membros de uma cultura, não se desenvolveram para operar entre culturas. Quando tal acontece, ocorrem muitos casos de interpretação errônea.

Comparação de Culturas - Se os hábitos da cultura nativa forem transferidos ao aprender uma cultura estrangeira, é óbvio que, ao serem comparados dois sistemas culturais, podemos prever os prováveis pontos de atrito.

A seguir o autor apresenta alguns exemplos que podem facilitar a análise e a comparação de duas culturas.

Mesma forma, sentido diferente. Um tipo interessante de dificuldade surge quando qualquer elemento da forma de um padrão complexo tem classificação ou sentido diferentes entre duas culturas. O observador estrangeiro atribui ao padrão total o sentido da classificação diferente de um único elemento.

Mesmo sentido, forma diferente. Dificuldades surgem quando um mesmo sentido em duas culturas estiver associado a formas diferentes. O observador estrangeiro procurando agir na cultura que está aprendendo selecionará a forma de sua cultura sem perceber o fato de que se exige nova forma na outra cultura. Outras dificuldades podem surgir pelo fato de os membros de uma cultura admitirem que a sua maneira de fazer as coisas, de compreender o mundo à sua volta, as suas formas e sentidos são os corretos. A outra cultura, por não agir de modo semelhante, está errada. É ao adotar um padrão de comportamento da primeira que esta sente que algo de bom e de correto está acontecendo à segunda.

Mesma forma, mesmo sentido, distribuição diferente. Há dificuldade no aprendizado de uma cultura estrangeira quando um padrão que apresenta a mesma forma e o mesmo sentido têm distribuição diferente. O observador estrangeiro acha que a distribuição de um determinado padrão da nova cultura tem a mesma distribuição que na sua. Desse modo, ao observar mais, menos ou ausência de um traço em uma única variante, generaliza a sua observação como se aplicada fôra a todas as variantes e, conseqüentemente, a toda a cultura. O mesmo pode ocorrer quando o indivíduo de uma cultura, acostumado à presença de subgrupos, imagina que tal não acontece na outra. São supostas diferenças de

distribuição que levam o observador estrangeiro a generalizar e atribuir uma uniformidade inexistente à cultura em estudo.

Para finalizar, o autor refere-se às noções preconcebidas que se constituem em obstáculos à compreensão da outra cultura, uma vez que baseadas em interpretações errôneas da realidade da cultura estrangeira.

É com a contribuição trazida por estes autores que fundamentamos a análise dos nossos dados na conclusão.

6.3. O corpus — interpretação dos dados

Após havermos classificado os termos e expressões constantes do nosso *corpus* em eufemismos e disfemismos procuramos reclassificá-los em campos semânticos. Encontramos 56 diferentes campos semânticos entre as duas línguas: ACIDENTE / ACCIDENT, ALIMENTO / FOOD, ANIMAL / ANIMAL, ARMA DE FOGO / FIREARM, BALA / BULLET, BEBIDA / DRINK, BIOLOGIA / BIOLOGY, BOTÂNICA / BOTANY, CALOR / HEAT, CARNAVAL / CARNIVAL, CINEMA / MOVIE, CRIMINOSO / CRIMINAL, CRONOLOGIA / CHRONOLOGY, CUTELARIA / CUTLERY, DESTINO / DESTINATION, DROGAS / DRUGS, ELEIÇÃO / ELECTION, ELETROCUSSÃO / ELECTROCUTION, ESPORTES / SPORTS, FAMÍLIA / FAMILY, FIM DE VIDA / END OF LIFE, FORÇA / GALLOWS, FRACASSO / FAILURE, GÍRIA / SLANG (RHYMING), GUERRA / WARTIME, ÍNDIOS / INDIANS, INDUMENTÁRIA / GARMENT, INÍCIO DE VIDA / BEGINNING

OF LIFE, INSTRUMENTO MUSICAL / MUSICAL INSTRUMENT, JARGÃO / JARGON, JOGO / GAMBLING, LUGAR / PLACE, LUTA / BATTLE, MATAR / KILL, MEDICINA / MEDICINE, MILITAR / MILITARY, MORTE / DEATH, MORTO / DEAD, MOVIMENTO / MOVEMENT, MÚSICA / MUSIC, NAVEGAÇÃO / NAVIGATION, PARTIR / DEPART, PATRIOTISMO / PATRIOTISM, PRISÃO / PRISON, PROPRIEDADE / PROPERTY, RELIGIÃO / RELIGION, RURAL / RURAL, SUICÍDIO / SUICIDE, TEATRO / THEATER, TECNOLOGIA / TECHNOLOGY, TERROR / TERROR, TIRO / SHOOT, TRABALHO / WORK, TRANSPORTE / TRANSPORTATION, VIAGEM / VOYAGE, VIOLÊNCIA / VIOLENCE.

Relacionamos, à parte, nove campos semânticos com termos que não se referem à morte propriamente dita mas estão, de alguma forma, a ela relacionados: CAIXÃO / COFFIN, CEMITÉRIO / CEMETERY, ECLESIAÍSTICO / ECCLESIASTIC, ENTERRAR / BURY, ENTERRO / BURIAL, JURÍDICO / JURIDICAL, PROFISSÃO / PROFESSION, RELATIVO À MORTE POR ENFORCAMENTO / APPERTAINING TO DEATH BY HANGING, TÚMULO / GRAVE.

Esses termos constam do *corpus* pois todos os autores sempre a eles se referiam. Quase impossível deixar de mencionar termos como o carrasco, força, enterro, caixão, cortejo fúnebre. Por isso constam da lista à parte.

Nas fontes em língua inglesa, diferentemente do que acontece em língua portuguesa, não há menção a difemismos. Há, sim, duas ou três vezes, menção a algo jocoso.

Tecemos, a seguir, comentários relativos a alguns dos campos semânticos. Pretendemos contribuir para um maior entendimento do que esses campos englobam.

O campo intitulado **biologia/biology** refere-se a termos e expressões que estejam ligados ao corpo humano. Há uma grande variação entre as expressões, do tipo:

- dar o último alento
- dar o último suspiro
- soltar o último alento
- soltar o último suspiro

Entre os disfemismos, notamos:

- espichar a canela
- espichar a caneta
- espichar as gâmbias
- espichar o pernil
- esticar a canela
- esticar a caneta
- esticar as gâmbias
- esticar o cambito
- esticar o pernil

Em língua inglesa, fenômeno semelhante ocorre, entre os disfemismos:

- drop off the hooks
- fall off the hooks
- pop off the hooks

Também, neste campo registramos, como disfemismos, as expressões **dar o peido mestre** e **dar o triste peido**. Pondo de lado o

termo pejorativo **peido** (a solicitar um eufemismo!) cremos referirem-se essas expressões ao que acontece quando, fisicamente, o corpo humano começa a se enrijecer: saem os gases do corpo. É possível que os portugueses se **referissem** a este momento. Não podemos esquecer que permanecem em uso em Portugal termos que, no português do Brasil, foram tabuizados e, portanto, substituídos por eufemismos.

O campo **botânica/botany** mostrou que, para um único eufemismo encontramos cerca de dez disfemismos! As variações sobre o tema também aqui se encontram, como:

- count the daisies
- eat up the daisies
- popping up the daisies
- push up the daisies
- push up daisies
- under the daisies

O mesmo ocorre em língua portuguesa, pois também encontramos esse tipo de variação sobre o tema:

- comer capim pela raiz
- comer capim por baixo
- comer grama por baixo

Observemos que o campo semântico **cronologia/chronology**, apenas em língua portuguesa, tem ocorrências ligadas ao tempo em que se dá o desenlace. Nada semelhante ocorre em língua inglesa:

- chegar a última hora
- estar com os dias contados
- hora derradeira

Neste campo — **destino/destination** — podemos encontrar correspondências embora estejam elas sujeitas às variações próprias da língua a que pertencem:

- ir para o outro mundo
- enter the next world

- ir para um bom lugar
- go to a better place

Claro está que, ao serem as expressões confrontadas na própria língua, tais variações tendem a surgir:

- go on to a better world;
- go to a better place.

Às vezes o aspecto formal se altera e uma das variações parecerá diferente embora mantendo o mesmo sentido:

- embarcar deste mundo para um melhor;
- exchange this life for a better.

Ir-se/go, passar/pass representam exemplos claros de correspondência literal, elemento a elemento.

No *corpus*, este é o único exemplo em que o termo morte está ligado às **drogas/drugs** — flipar. É considerado um estrangeirismo em Portugal.

Por não haver em nossa cultura o uso da cadeira elétrica, nada há registrado sobre **eletrocussão/electrocution**. Na língua inglesa, só disfemismos! Algo temido, medo de confronto, só a ironia para lhe fazer face.

Tradição nos **esportes/sports**, o boxe lidera os disfemismos sobre a morte. Não há eufemismos.

O campo semântico **fim de vida/end of life**, característico de fim de uma jornada apresenta um número relativamente alto de termos e expressões nas duas línguas. É um dos casos em que a maior incidência é de eufemismos.

Mais um campo semântico sem registro em língua portuguesa no nosso *corpus*: **forca/gallows**. Prática deveras comum na Europa e nos Estados Unidos da América do Norte, está presente nos inúmeros disfemismos aqui arrolados. É possível que uma pesquisa diacrônica viesse a enriquecer o nosso levantamento mas, lançada está a semente para futuros estudiosos. Em língua inglesa alguns itens, poucos todavia, traziam a informação de serem obsoletos.

A única ocorrência em nossos dados de "rhyming slang" — **gíria/slang (rhyming)** —: "brown bread".

Em tempos de **guerra/wartime**, são cunhadas expressões com a finalidade de ocultar o horror que a guerra traz consigo. Disfêmicas, portanto. Neste grupo há registros da época do nazismo, do comunismo russo, outras usadas no exército e na força aérea norteamericana e, até pelos deuses. Nada semelhante em língua portuguesa.

O campo semântico — **índios/indians** traz mais de uma referência: para um dos autores, "happy hunting grounds" significa morte associada a um bom lugar para onde se deslocam os índios para morrer; no romance *The Loved One* é um cemitério para cães no qual

trabalhava um dos protagonistas; "go to a happy hunting" significa **morrer** para animais.

Foi em língua portuguesa que encontramos grande parte das expressões ligadas à **indumentária/garment**. Todas expressões disfêmicas. Em inglês nossos exemplos se referem apenas a peças da indumentária feitas com cimento.

A expressão, **pijama de cimento**, encontrâmo-la numa tradução feita pelo jornalista/teatrólogo Nelson Rodrigues, do livro de Harold Robbins *Os Sonhos Morrem Primeiro* e publicada em 1977, à página 198. Esta é a passagem e, cremos, a expressão **pijama de cimento** foi usada para que não destoasse da resposta que se referia à cor cinzenta:

" – Você pode ganhar duzentos mil dólares agora.

Quer entrar com mais cinquenta mil? Assim aumentaria o seu prestígio com os homens do leste.

– E, se não der certo, serei um candidato a um bom **pijama de cimento**.

– O cimento é cinza, uma cor que assenta com você."

Entendemos como o **início de vida/beginning of life**, as expressões partir/passar desta vida para melhor. Não registramos disfemismos. Em inglês é contraditória a idéia pois o sentido de recomeçar está presente tanto quanto a idéia de partir sem retornar.

Em conversa com o Prof. Dr. Lynn Mário de Souza, um dos nossos informantes, vimos a saber que a sua cunhada irlandesa houvera comentado a respeito do falecimento recente de sua mãe usando apenas:

- "Now that my mother is away",

em lugar de

- "Now that my mother passed away".

A indeterminação deixa no ar a possibilidade de um retornar.

O campo semântico **jargão/jargon** representa, no *corpus*, termos dos setores onde são usados: espionagem, jornal, funeral, político etc. Foram considerados, por isso mesmo, disfemismos.

Jogo/gambling, de cartas, mas não unicamente, está bem representado nas duas línguas. As variações sobre o tema podem ser vistas nos exemplos de ambas as línguas.

No campo semântico **luta/battle** temos um dos bons exemplos de correspondência semântica — mesmo sentido, forma diferente:

- morder o pó
- bite the dust

Por havermos decidido incluir **matar/kill** como um dos campos semânticos do nosso *corpus* verificamos que, em língua portuguesa, os eufemismos se referem a modos de matar em sua maioria; em língua inglesa a gama é muito mais variada e inclui nazismo, espionagem, CIA (Central Intelligence Agency), reencarnação, assassinato, terrorismo, guerra etc. Também neste caso, os disfemismos são em número muito superior.

Ligados ao exercício da **medicina/medicine**, alguns exemplos em língua inglesa. Nada registrado, no *corpus*, para o português.

Especificamente ligado aos militares — **militar/military** — um eufemismo e vários disfemismos; em língua inglesa, só disfemismos.

No campo semântico **morte/death** os eufemismos pertencem mais às formas literárias; a personificação da morte todavia, está representada só por disfemismos nas duas línguas. São expressões de galhofa, expressões jocosas para se referir a algo **desconhecido** e que o ser humano teme encarar. Bem razão tinha Silveira Bueno ao citar Platão, Cícero e outros que usavam a ironia para a ela se referirem, por temor a ela (ver Introdução, p. 5, deste trabalho).

Encontramos, em português, para **morto/dead**, só eufemismos. A língua inglesa traz, também, disfemismos.

Apesar de termos, de forma implícita, a idéia de **movimento/movement** na maioria das expressões, estas em língua portuguesa, representam melhor essa idéia.

O campo semântico relativo à **navegação/navigation** traz apenas disfemismos em língua inglesa. Engloba expressões náuticas, de uso na marinha, relativas à navegação. Nada semelhante em língua portuguesa no *corpus* por nós coletado.

Mais uma vez o aspecto dinâmico no uso das expressões com o sentido de **partir/depart**; em português essas expressões se encontram sob a idéia de recomeço de uma vida.

A idéia de **propriedade/property** é bem diferente nas duas línguas: em português deve se deixar vago o espaço, em inglês adquire-se o direito de posse.

Um dos campos semânticos mais ricos de exemplos é o que aborda o tema religioso ligado à idéia da morte e que, por isso mesmo, classificamos como **religião/religion**. Apresenta poucos disfemismos. Tentando encontrar explicações, tudo parece levar à idéia de que, expresso em termos religiosos, referentes a Deus, usamos eufemismos. O ser humano parece querer reaver, para a sua alma, a presença de Deus, feito que é, à Sua Semelhança. Observe-se que a expressão **lick the dust** apresentada alhures, aqui representa o Salmo 72.

Grande é também o número de eufemismos relativos à religião entre termos e expressões eruditas pois estas, por definição, são eufemísticas.

Os vaqueiros — **rural/rural** — têm o seu jeito especial de se referir àqueles que os deixaram...

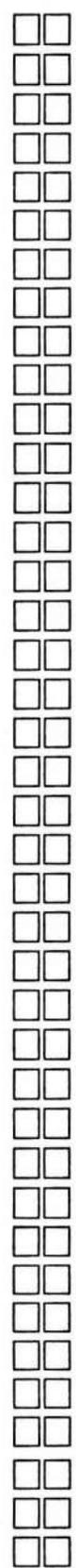
O interessante a observar no campo semântico **tiro/shoot** é que em língua portuguesa só registramos eufemismos; já em língua inglesa, só disfemismos.

Sob o rótulo geral de **transporte/transportation** está implícita a idéia de **ser transportado** que aparece em maior número em inglês que em português mas, nesta língua registrou-se um eufemismo, o que não aconteceu em inglês cujas expressões são todas disfemísticas.

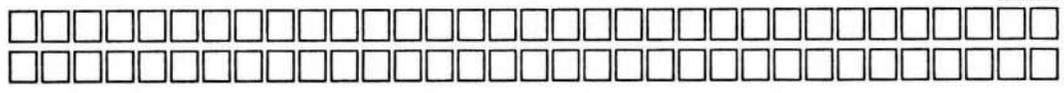
A imagem envolvendo uma **viagem/voyage** parece encontrar mais sugestões nos eufemismos em português. Sem dúvida alguma, a idéia de movimento, de partir para o desconhecido, está no

cerne dessas expressões. A informalidade da expressão **ir para a banda de lá** tornou-a classificável como disfemismo.

Nos nossos registros a marca da **violência/violence** está pouco representada em língua portuguesa e, assim mesmo, como disfemismos. Como morte violenta a língua inglesa oferece maior riqueza de expressões.



7. Conclusão



7. CONCLUSÃO

Os eufemismos em língua portuguesa estão divididos em 16 campos semânticos, num total de 188 termos e expressões. Seis campos não tiveram registro em língua inglesa: **cronologia /chronology**, **movimento/movement**, **arma de fogo/firearm**, **tiro /shoot**, **militar/military** e **transporte/transportation**.

EUFEMISMOS EM PORTUGUÊS POR ORDEM DECRESCENTE

CAMPO SEMÁNTICO	PORTUGUÊS	INGLÊS
1. RELIGIÃO / RELIGION	33	84
2. FIM DE VIDA / END OF LIFE	32	34
3. BIOLOGIA / BIOLOGY	30	13
4. DESTINO / DESTINATION	20	35
5. VIAGEM / VOYAGE	16	6
6. CRONOLOGIA / CHRONOLOGY	11	0
7. MORTO / DEAD	10	6
8. MATAR / KILL	9	2
9. INÍCIO DE VIDA / BEGINNING OF LIFE	7	3
10. MORTE / DEATH	6	3
11. MOVIMENTO / MOVEMENT	5	0
12. ARMA DE FOGO / FIREARM	3	0
13. TIRO / SHOOT	3	0
14. BOTÂNICA / BOTANY	1	1
15. MILITAR / MILITARY	1	0
16. TRANSPORTE / TRANSPORTATION	1	0
17. VIOLÊNCIA / VIOLENCE	0	4
18. PATRIOTISMO / PATRIOTISM	0	3
19. FORÇA / GALLOWS	0	2
20. MEDICINA / MEDICINE	0	2
21. PARTIR / DEPART	0	2
22. SUICÍDIO / SUICIDE	0	2
23. ACIDENTE / ACCIDENT	0	1
24. ANIMAL / ANIMAL	0	1
25. FAMÍLIA / FAMILY	0	1
26. PRISÃO / PRISON	0	1
TOTAL (394)	188	206

Em língua inglesa, com um total de 206 termos e expressões eufemísticas, encontramos 20 campos semânticos, dos quais dez não encontram similares em língua portuguesa. São eles: **violência/violence, patriotismo/patriotism, forca/gallows, medicina /medicine, partir/depart, suicídio/suicide, acidente/accident, animal/animal, família/family, prisão/prison.**

EUFEMISMOS EM INGLÊS POR ORDEM DECRESCENTE

CAMPO SEMÂNTICO	PORTUGUÊS	INGLÊS
1. RELIGIÃO / RELIGION	33	84
2. DESTINO / DESTINATION	20	35
3. FIM DE VIDA / END OF LIFE	32	34
4. BIOLOGIA / BIOLOGY	30	13
5. VIAGEM / VOYAGE	16	6
6. MORTO / DEAD	10	6
7. VIOLÊNCIA / VIOLENCE	0	4
8. INÍCIO DE VIDA / BEGINNING OF LIFE	7	3
9. MORTE / DEATH	6	3
10. PATRIOTISMO / PATRIOTISM	0	3
11. MATAR / KILL	9	2
12. FORÇA / GALLOWS	0	2
13. MEDICINA / MEDICINE	0	2
14. PARTIR / DEPART	0	2
15. SUICÍDIO / SUICIDE	0	2
16. BOTÂNICA / BOTANY	1	1
17. ACIDENTE / ACCIDENT	0	1
18. ANIMAL / ANIMAL	0	1
19. FAMÍLIA / FAMILY	0	1
20. PRISÃO / PRISON	0	1
21. CRONOLOGIA / CHRONOLOGY	11	0
22. MOVIMENTO / MOVEMENT	5	0
23. ARMA DE FOGO / FIREARM	3	0
24. TIRO / SHOOT	3	0
25. MILITAR / MILITARY	1	0
26. TRANSPORTE / TRANSPORTATION	1	0
TOTAL (394)	188	206

Para ambas as línguas, estes registros estão em ordem decrescente de incidência de ocorrência.

Os campos semânticos nos quais existe coincidência de ocorrência nas duas línguas, embora difiram em termos do número dessas ocorrências, são os seguintes: **biologia/biology, botânica /botany, destino/destination, fim de vida/end of life, início de vida/beginning of life, matar/kill, morte/death, morto/dead, religião/religion, viagem/voyage.**

Essas semelhanças se dão em maior número no campo semântico rotulado **religião/religion** embora a língua inglesa possua mais que o dobro de registros. Os campos **fim de vida/end of life, biologia/biology** e **destino/destination** apresentam, também, um número significativo de ocorrências nas duas línguas.

Quanto aos disfemismos, verificamos que, para 141 itens em português, registramos 26 campos semânticos dos quais apenas seis ocorrem exclusivamente nesta língua: **carnaval/carnival, movimento/movement, drogas/drugs, instrumento musical /musical instrument, lugar/place, viagem/voyage.**

DISFEMISMOS EM PORTUGUÊS POR ORDEM DECRESCENTE

CAMPO SEMÂNTICO	PORTUGUÊS	INGLÊS
1. BIOLOGIA / BIOLOGY	30	29
2. MORTE / DEATH	14	6
3. DESTINO / DESTINATION	13	13
4. ANIMAL / ANIMAL	13	4
5. INDUMENTÁRIA / GARMENT	11	3
6. BOTÂNICA / BOTANY	10	11
7. MILITAR / MILITARY	7	8
8. FIM DE VIDA / END OF LIFE	5	29
9. JOGO / GAMBLING	6	14
10. RELIGIÃO / RELIGION	5	11
11. MATAR / KILL	3	29
12. LUTA / BATTLE	2	5

13. CUTELARIA / CUTLERY	2	3
14. PROPRIEDADE / PROPERTY	2	2
15. TECNOLOGIA / TECHNOLOGY	2	2
16. ALIMENTO / FOOD	2	1
17. CARNAVAL / CARNIVAL	2	0
18. MOVIMENTO / MOVEMENT	2	0
19. VIAGEM / VOYAGE	2	0
20. NAVEGAÇÃO / NAVIGATION	1	21
21. TRANSPORTE / TRANSPORTATION	1	4
22. RURAL / RURAL	1	3
23. VIOLÊNCIA / VIOLENCE	1	3
24. DROGAS / DRUGS	1	0
25. INSTRUMENTO MUSICAL / MUSICAL INSTRUMENT	1	0
26. LUGAR / PLACE	1	0
27. MORTO / DEAD	1	6
28. FORÇA / GALLOWS	0	45
29. GUERRA / WARTIME	0	33
30. TIRO / SHOOT	0	11
31. ESPORTES / SPORTS	0	9
32. ELETROCUSSÃO / ELECTROCUTION	0	7
33. JARGÃO / JARGON	0	6
34. TEATRO / THEATER	0	5
35. PARTIR / DEPART	0	4
36. BALA / BULLET	0	3
37. MEDICINA / MEDICINE	0	3
38. BEBIDA / DRINK	0	2
39. ÍNDIOS / INDIANS	0	2
40. SUICÍDIO / SUICIDE	0	2
41. CALOR / HEAT	0	1
42. CINEMA / MOVIE	0	1
43. CRIMINOSO / CRIMINAL	0	1
44. ELEIÇÃO / ELECTION	0	1
45. FRACASSO / FAILURE	0	1
46. GÍRIA / SLANG (RHYMING)	0	1
47. MÚSICA / MUSIC	0	1
48. PRISÃO / PRISON	0	1
49. TERROR / TERROR	0	1
50. TRABALHO / WORK	0	1
TOTAL (490)	141	349

Os difemismos em língua inglesa apresentam um número de itens muito maior: 349. Os campos nos quais ocorrem são numerosos também: 44. Destes, registramos só para o inglês, 23, a saber: **força/gallows, guerra/wartime, tiro/shoot, esportes/sports, eletrocussão/electrocution, jargão/jargon, teatro /theater, partir /depart, bala/bullet, medicina/medicine, bebida /drink, índios**

/indians, suicídio/suicide, calor/heat, cinema/movie, criminoso /criminal, eleição/election, fracasso/failure, gíria/slang (rhyming), música/music, prisão/prison, terror/terror, trabalho /work. Todos estes foram apresentados em ordem decrescente de ocorrência.

DISFEMISMOS EM INGLÊS POR ORDEM DECRESCENTE

CAMPO SEMÂNTICO	PORTUGUÊS	INGLÊS
1. FORÇA / GALLOWS	0	45
2. GUERRA / WARTIME	0	33
3. BIOLOGIA / BIOLOGY	30	29
4. FIM DE VIDA / END OF LIFE	5	29
5. MATAR / KILL	3	29
6. NAVEGAÇÃO / NAVIGATION	1	21
7. JOGO / GAMBLING	6	14
8. DESTINO / DESTINATION	13	13
9. BOTÂNICA / BOTANY	10	11
10. RELIGIÃO / RELIGION	5	11
11. TIRO / SHOOT	0	11
12. ESPORTES / SPORTS	0	9
13. MILITAR / MILITARY	7	8
14. ELETROCUSSÃO / ELECTROCUTION	0	7
15. MORTE / DEATH	14	6
16. JARGÃO / JARGON	0	6
17. LUTA / BATTLE	2	5
18. MORTO / DEAD	1	6
19. TEATRO / THEATER	0	5
20. ANIMAL / ANIMAL	13	4
21. CUTELARIA / CUTLERY	2	3
22. TRANSPORTE / TRANSPORTATION	1	4
23. PARTIR / DEPART	0	4
24. INDUMENTÁRIA / GARMENT	11	3
25. RURAL / RURAL	1	3
26. VIOLÊNCIA / VIOLENCE	1	3
27. BALA / BULLET	0	3
28. MEDICINA / MEDICINE	0	3
29. PROPRIEDADE / PROPERTY	2	2
30. TECNOLOGIA / TECHNOLOGY	2	2
31. BEBIDA / DRINK	0	2
32. ÍNDIOS / INDIANS	0	2
33. SUICÍDIO / SUICIDE	0	2
34. ALIMENTO / FOOD	2	1
35. CALOR / HEAT	0	1
36. CINEMA / MOVIE	0	1
37. CRIMINOSO / CRIMINAL	0	1
38. ELEIÇÃO / ELECTION	0	1

39. FRACASSO / FAILURE	0	1
40. GÍRIA / SLANG (RHYMING)	0	1
41. MÚSICA / MUSIC	0	1
42. PRISÃO / PRISON	0	1
43. TERROR / TERROR	0	1
44. TRABALHO / WORK	0	1
45. CARNAVAL / CARNIVAL	2	0
46. MOVIMENTO / MOVEMENT	2	0
47. DROGAS / DRUGS	1	0
48. INSTRUMENTO MUSICAL / MUSICAL INSTRUMENT	1	0
49. LUGAR / PLACE	1	0
50. VIAGEM / VOYAGE	2	0
TOTAL (490)	141	349

O lado jocoso, popular, de ridicularização da morte encontra, na língua inglesa, um campo mais fértil de ocorrências, como vimos acima. É grande, porém, o número de campos semelhantes entre as duas línguas: **alimento/food, animal/animal, biologia /biology, botânica/botany, cutelaria/cutlery, destino /destination, fim de vida/end of life, indumentária/garment, jogo/gambling, luta /battle, matar/kill, militar/military, morte /death, morto/dead, navegação /navigation, propriedade/property, religião/religion, rural/rural, tecnologia/technology, transporte /transportation, violência /violence.**

Tal como acontece com os eufemismos, esta listagem é feita em ordem alfabética porque os números de ocorrências é diferente para cada língua; o que levamos em consideração foi a semelhança entre as duas línguas.

No que se refere aos sete campos semânticos deixados em separado, por constarem das fontes de onde foi feita a coleta de dados, preferimos que fizessem parte do *corpus* uma vez que são elementos relacionados ao tema mas que não significam **morrer, morte, morto, matar.**

EUFEMISMOS E DISFEMISMOS RELATIVOS AO TEMA MORTE

CAMPO SEMÁNTICO	PORTUGUÊS		INGLÊS	
	EUF	DISF	EUF	DISF
1. CAIXÃO / COFFIN	7	13	5	6
2. CEMITÉRIO / CEMETERY	4	8	0	3
3. ENTERRAR / BURY	2	0	1	0
4. ENTERRO / BURIAL	4	1	0	6
5. PROFISSÃO / PROFESSION	0	4	0	6
6. RELATIVO À MORTE POR ENFORCAMENTO / APPERTAINING TO DEATH BY HANGING	0	0	0	5
7. TÚMULO / GRAVE	7	4	0	2
TOTAL (88)	24	30	6	28

Podemos agora tentar responder às duas indagações feitas no início deste trabalho, a saber: 1. Até que ponto, na temática da morte, ocorrem mais eufemismos que disfemismos? 2. Até que ponto os eufemismos sobre a temática da morte se assemelham e em que diferem, do ponto de vista lingüístico-semântico, nas línguas inglesa e portuguesa?

Diante dos dados aqui apresentados, podemos afirmar que, em língua portuguesa é maior o número de eufemismos enquanto que em língua inglesa são os disfemismos que apresentam maior incidência de ocorrências.

Tendo partido da idéia inicial de estudarmos os eufemismos nas duas línguas, a ocorrência de disfemismos logo se mostrou significativa em se tratando do nosso tema central — **a morte**. Percebemos que, em ambas as culturas, era este um assunto evitado e, portanto, essa a razão da dificuldade criada pela pouca

referência, pela brevidade das definições, pela ausência de dados. Através dos disfemismos fomos delineando uma outra faceta, comum nas duas culturas: este assunto altamente tabuizado, talvez pela própria ignorância do que seja a vida-além-túmulo, é ridicularizado. Veja-se a personificação da morte, sempre vista como algo que se prefere levar ao ridículo — a magra, a sujeita, a desdentada etc.

Nossa explicação para o fato de existirem mais eufemismos sobre a morte em língua portuguesa é a de que, menos expostos a situações que permitiram a criação de um número maior de expressões disfêmicas como, por exemplo, morte por enforcamento, guerras e conseqüente patriotismo, a existência da cadeira elétrica, da câmara de gás no universo da língua inglesa, as expressões em língua portuguesa ativeram-se ao grau de formalidade que este fato requer.

Refletindo sobre o que diz LADO (1958, p. 111), num sistema estruturado de comportamento padronizado, isto é, numa cultura, os atos individuais, únicos, nunca se repetem. Os membros dessa cultura, todavia, não conseguem ver as nuances que diferenciam um ato do outro aparentemente semelhante; é essa variação que representa um padrão de comportamento e se constitui numa unidade funcional de comportamento. Cada uma destas unidades têm forma, sentido e distribuição padronizados.

Quando analisamos duas culturas, portanto, notamos que os nativos de uma, ao procurarem integrar-se na nova cultura, geram pontos de atrito devido, especificamente, a interpretações inadequadas do que sejam essas unidades funcionais de comportamento. O Prof. Lado dá, então, três exemplos para melhor expor o que vêm a ser esses pontos de atrito: mesma forma, mesmo sentido, distribuição diferente.

No caso deste nosso estudo, estamos trabalhando com unidades funcionais que têm o mesmo sentido (a morte) e forma diferentes (os termos e as expressões). Os nativos de língua portuguesa quando expostos à outra cultura, a inglesa, no caso do nosso estudo reconhecem o sentido e o interpretam como o fariam na sua cultura; em muitos casos não reconhecem as formas e, se o fazem, buscam uma explicação que se revelará inadequada pois será a interpretação de um único elemento de um padrão tomado como um todo.

Quanto à segunda indagação, precisamos ampliá-la para incluir os disfemismos a que nos obrigam os resultados já obtidos pela análise realizada. Vimos que existe, nas duas línguas, campos semânticos comuns, em ambas preponderando termos e expressões de cunho religioso. Lembramos que os disfemismos, cujo campo semântico é **religião/religion**, inclui expressões do tipo **badalar o sino, entregar a alma do diabo, play your harp, stoke Lucifer's fires**. É entre os disfemismos que essa similaridade tornou-se mais evidente: mesmo que tenham o mesmo sentido e forma diferente parece prevalecer entre os membros das duas culturas um elo profundo: o medo da morte.

Culturalmente os povos de língua inglesa se comportam diferentemente diante da morte: o medo de encarar esse mistério inexplicado libera-os de sua pretensa formalidade e os torna capazes de levar ao ridículo sentimentos que, vistos de um outro prisma, deveriam refletir tristeza, dor e temor por resultados que, desconhecidos, tornam-se imprevisíveis. Se tal não fôra, por que ridicularizar processos tão dolorosos como morte por enforcamento,

morte na cadeira elétrica, na câmara de gás, na guerra, enfim? Não é esta uma forma de escapismo?

Não poderíamos encerrar este estudo sem trazer à baila, embora sem nele nos determos por não se tratar de objeto de nosso tema, expressões que, contendo a palavra morte, nada têm com o processo de encerramento do ciclo vital. São expressões voltadas ao exagero, verdadeiras hipérboles, às quais recorreremos quando desejamos ressaltar uma qualidade ou sentimento.¹

ter a morte no coração	ter um grande pesar
morte de alma	estado de alma perdido pelo pecado
morte civil	perda de todos os direitos e regalias sociais
morte moral	perda de todos os sentimentos de honra
aversão de morte, ódio de morte	aversão, ódio mortal, profundo
ver a morte de perto	achar-se num grande perigo
estar pela hora da morte	ser/estar muito caro
de má morte	de mau caráter
isto não é morte de homem	o caso não é de muita urgência ou de muita gravidade

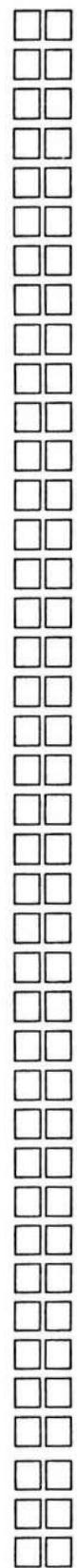
Quanto à expressão, **ser de morte**; — ser endiabrado, impossível de suportar, é este um brasileirismo que reflete muito bem nosso comportamento pois, se a criança **é de morte**, é endiabrada mas, se uma tarefa **é de morte** é, na realidade, **muito difícil!**

¹ CALDAS AULETE, F. J. 1958. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro.

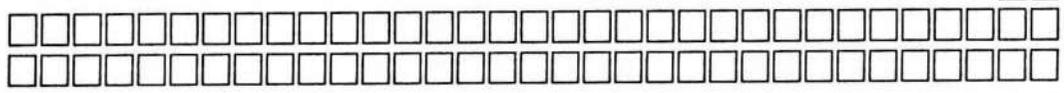
Neste trabalho procuramos demonstrar que os eufemismos e os disfemismos são universais pois fazem parte da herança cultural dos Homens. O fato de termos escolhido estudar os eufemismos sobre a morte, trouxe-nos surpresas agradáveis como descobrir que os disfemismos são largamente usados nas duas línguas em estudo e que, numa delas, a incidência de ocorrência dos mesmos é surpreendentemente maior.

O estudo dos eufemismos revelou-se numa fonte inesgotável de assuntos a serem desenvolvidos. Esperamos ter contribuído para despertar, entre futuros pesquisadores, o interesse por um tema que nos mostra que, para viver em sociedade e nela sobreviver, precisamos de um instrumento através do qual **"expressemos as idéias tristes, desagradáveis ou inconvenientes, por meio de palavras brandas e suaves — os eufemismos."**²

² CALDAS AULETE, F. J. 1958. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro.



Bibliografia



BIBLIOGRAFIA .

- A DICTIONARY of Contemporary and Colloquial Usage*. 1972. With a Foreword by Roy H. Copperud. Chicago, The English-Language Institute of America.
- ADAMS, Robert M. 1985. Soft Soap and the Nitly-Gritly. *In* ENGRIGHT, D. J. (Ed) *Fair of Speech: The Uses of Euphemism*. Oxford, Oxford University Press. p. 44-55.
- ADLER, Jerry *et alii*. 1991. Thought Police. *In: Newsweek*. Jan 14.
- ALFORD, Richard D. & WILLIAM, J. O'Donnell. 1983. Linguistic Scale: Cussing and Euphemism. *In: Maledicta: The International Journal of Verbal Agression*. 7 : 155-63.
- ALLAN, Keith & BURRIDGE, Kate. 1991. *Euphemism and Dysphemism: Language Used as Shield and Weapon*. New York, Oxford University Press. 263 p.
- AMERICAN Heritage Dictionary of the English Language, The*. 1970. Boston, American Heritage & Houghton Mifflin Co.
- ARIÈS, Philippe. 1977. *História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias*. Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 180 p.
- BARROWS, Sydney Biddle & NOVAK, William. 1987. *Mayflower Madam. The Secret Life of Sydney Biddle Barrows*. New York, Ivy. Books.
- BECHARA, Evanildo. 1975. *Moderna Gramática Portuguesa*. 19^a ed. São Paulo, Nacional.
- BECHARA, Evanildo. 1991. A Polidez e as Línguas. *In: Leitura*. São Paulo, Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado, S.A. - IMESP, 9 (108) : 8-9, maio.

- BEIRÃO, Nirlando. 1992. Galeria. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Caderno 2.
- BENEMANN, J. Milton & CADORE, Luis A. 1975. *Estudo Dirigido de Português*. 2º Grau. v. II. 6. ed. rev. aum. São Paulo, Ática.
- BENVENISTE, Émile. 1976. *Problemas de Lingüística Geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Rev. Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Nacional/EDUSP.
- BENVENISTE, Émile. 1989. *Problemas de Lingüística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães *et alii*. Campinas, Pontes.
- BLOOMFIELD, Leonard. 1933. *Language*. New York, Henry Holt & Company.
- BOSMAJIAN, Haig. 1985. Reaganspeak as a Case Study in the Use of Godterms, Adwords, Euphemisms, and Faulty Metaphors. *In: Et Cetera*, 42 (2) : 101-8.
- BREMMER, Charles. 1992. Curses! I could swear you were being rude. *The Times*, London, Jan 14, p. 5.
- BRYSON, Bill. 1990. Swearing. *In: The Mother Tongue*. New York, William Morrow and Co. p. 218-25.
- BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. 1986. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BURCHFIELD, Robert. 1985. An Outline History of Euphemism in English. *In: ENRIGHT, D. J. (ed). Fair of Speech: The Uses of Euphemism*. Oxford, Oxford University Press. p 13-31.
- BUYSENS, E. 1972. *Semiologia e Comunicação Lingüística*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix.
- CACCONI, Luiz Antonio. 1979. *Nossa Gramática*. 2. ed. São Paulo, Moderna.

- CALDAS AULETE. F. J. 1958. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro.
- CAMARGO, Sidney; STEINBERG, Martha; SANCHEZ, Anna; ROCHA, Regina; FERREIRA, Eva Glenk. 1989. O tema da morte em paremiologia. *In: IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Anais... São Paulo, jul.
- CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha. 1985. Metaphors in Contrast: English and Portuguese. *In: VI Biennial Symposium*, George Mason University. Nov. (Paper)
- CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha. 1987. *Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas: Inglês - Português*. São Paulo, Mc Graw-Hill. 228 p.
- CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha. 1988. As Expressões Metafóricas do Português e seus Campos Semânticos. *In: Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics*. Washington, DC, Mar.
- CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha. 1989. *Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas: Português - Inglês*. São Paulo, EPU. 203 p.
- CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha. 1989. Euphemisms of Death in Translation. English and Portuguese. *In: VIII Biennial Symposium*. George Mason University, Nov. (Paper)
- CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha. 1990. *Dictionary of Metaphoric Idioms: English - Portuguese*. São Paulo, EPU. 283 p.
- CAPUTO, Ambra; EURICO, Emanuela; MASUCCI, Fabienne. 1987. Néologismes et Contact des Langues. *In: Meta*, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, 32 (3) : 217-370, Sep.
- CARELLI, Wagner. 1991. 'Politicamente Correto' chega ao Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jul, p. 4-6.

- CAROLINO, Peddro. 1883. *The New Guide of the Conversation in Portuguese and English*. Boston, James R. Osgood & Co. *O Estado de São Paulo*, 1988, São Paulo, 3 (776), 8 out, sábado, Caderno 2.
- CASAS GOMEZ, M. 1986. L'Euphemisme et la Théorie du Champ Morpho-Sémantique. *In: Cahiers de Lexicologie - Revue Internationale et de Lexicographie*, 49 (2). (Publiés par Bernard Quemada)
- CHANDLIN, Christopher N. 1980. *In Contrastive Analysis*. Applied Linguistics and Language Study Series. Essex, Longman Group. Preface.
- CHAPMAN, Robert L. 1987. *American Slang. Abridged edition of New Dictionary of American Slang*. New York, Harper & Row.
- CIARDI, John. 1984. Schock Language: The Art of Cussing. *In: ROBERTS, William H. & TURGEON, Gregoire. 1986. About Language. A Reader for Writers*. Boston, Houghton Mifflin Co. p. 412-4.
- COSERIU, Eugenio. 1967. *Teoria del Language y Lingüística General*. 2. ed. Madrid, Editorial Gredos. (Biblioteca Románica Hispánica)
- CUNHA, Celso Ferreira da. 1970. *Gramática Moderna*. 2. ed. Belo Horizonte, Bernardo Alves.
- CUNHA, Celso Ferreira da. 1972. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, FENAME/MEC.
- CUNHA, Celso Ferreira da. 1976. *Gramática do Português Contemporâneo*. 6. ed. Belo Horizonte, Bernardo Alves.
- CURSORY Language. 1992. *The Times*, London, Jan 14, p. 13.
- DAMEN, Louise. 1987. *Culture Learning: The Fifth Dimension in the Language classroom*. Reading, Mass., Addison-Wesley Publishing Co.

- DEMERS, Ginette. 1991. L'Euphémisme en Anglais et en Français. *In: Langues et Linguistique*, 17 : 17-37.
- DICTIONARY of Contemporary and Colloquial Usage*, A. 1972. Foreword Roy H. Copperud. Chicago, The English Language Institute of America, Inc.
- DUBOIS, Jean *et alii*. 1973. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo, Cultrix.
- DURANT, Will. 1964. Our Changing Morals. *In*: STRANDNESS, F. Benson; HACKETT, Herbert; CROSBY, Harry H. *Language, Form and Idea*. New York, Mc Graw-Hill.
- EMBLER, Weller. 1964. Metaphor and Social Belief. *In*: STRANDNESS, F. Benson; HACKETT, Herbert; CROSBY, Harry H. *Language, Form and Idea*. New York, Mc Graw-Hill. p. 111-20.
- ENCYCLOPAEDIA Britannica*. Macropedia, 1976, Chicago, 15th ed.
- FARB, P. 1978. *Word Play*. New York, Alfred A. Knopf. 350 p.
- FERNANDES, Millôr. *The Cow Went to the Swamp (A vaca foi pro brejo)*. 19 . São Paulo, Record. Artigo: Aprenda "Inglês" com Millor e Pedro Carolino. Rui Castro.
- FISIAK, Jacek, ed. 1981. *Contrastive Linguistics and the Language Teacher*. Language Teaching Methodology Series. Oxford, Pergamon Press.
- FOSTER, George M. 1966. Euphemisms and Cultural Sensitivity in Tzintzuntzan. *In: Anthropological Quarterly*, 39 (2) : 53-9.
- FRAZER, James George, Sir. 1982. *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro, Zahar Editores S.A.
- FREUD, Sigmund. 1950. (1913). *Totem and Taboo. Some Points of Agreement between the Mental Lives of Sawages and Neurotics*. Auth. Transl. James Strackey. London, Routledge and Kegan Paul Ltd. 172 p.

- GAMA, Julio. "Fernanda quer distância de novela". *In* *Telejornal, O Estado de São Paulo*, 03/07/94, ano 2, nº 108, p. T-8.
- GASPARI, Elio. 1991. A palavra de o pecado. *In: VEJA*, 8 mai, p. 38-40.
- GIBBS, Jr., Raymond W. 1985. On the Process of Understanding Idioms. *In: Journal of Psycho-linguistics Research*, 14 (5).
- GIBBS, Jr., Raymond W. 1986. Skating on Thin Ice: Literal Meaning and Understanding Idioms in Conversation. *In: Discourse Processes*. 9 : 17-30.
- GOMES DE MATOS, Francisco C. 1976. *Lingüística Aplicada ao Ensino de Inglês*. São Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, Ltda.
- GRIFFIN, Jasper. 1985. Euphemisms in Greece and Rome. *In: ENRIGHT, D. J. (ed). Fair of Speech: The Uses of Euphemism*, Oxford: Oxford University Press. p. 32-43.
- GRIZZARD, Lewis. 1980/1981. New Tittles Confuse Job Searches. *The News Tribune*, Fort Pierce, Florida.
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. 1979. *Tabus Lingüísticos*. 2. ed. aum. São Paulo: Nacional, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná.
- HILL, Archibald. (org) 1972. *Aspectos da Lingüística Moderna*. Trad. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo *et alii*. São Paulo, Cultrix. 290 p.
- HOLDER, R. W. 1989. *The Faber Dictionary of Euphemisms*. London, Faber and Faber.
- ISELL, Billie Jean. 1985. The Metaphoric Process: From Culture to Nature and Back Again. *In: URTON, Gary. (ed) Animal Myths and Metaphors in South America*. Salt Lake City, University of Utah Press.
- JAMES, Carl. 1980. *Contrastive Analysis*. Applied Linguistics and Language Study Series. Essex, Longman Group.

- KINGSTON, Albert J. & TERRY L. Lovelace. 1980. Euphemisms aside - Censorship is Censorship: A Reply to Johnson and Greenbaum. *In: Journal of Reading Behavior*, 12 (1) : 73-4.
- KIRKPATRICK, Kathryn. 1983. The Figurative Language of Death. *In: The SECOL Review: Southeastern Conference on Linguistics*, 7 (1) : 27-35.
- KRÖLL, Heinz. 1984. *O Eufemismo e o Disfemismo no Português Moderno*. v. 84. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério de Educação, Divisão de Publicações. (Biblioteca Breve)
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. 1975. *Morte: Estágio Final da Evolução*. Tradução de Ana Maria Coelho. Rio de Janeiro, Record. 215 p.
- KUNERTH, Jeff. 1985. Sometimes the Liveliest Words. *In: ROBERTS, William H. & TURGEON, Gregoire. 1986. About Language. A Reader for Writers*. Boston, Houghton Mifflin Co. p. 383-9.
- KURY, Adriano da Gama; BUENO, José Renato; OLIVEIRA, Ubaldo Luiz de. 1976. *Gramática Objetiva da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Rio.
- KURY, Adriano da Gama, 1962. *Pequena Gramática para Explicação da Nova Nomenclatura Gramatical*. 8. ed. Rio de Janeiro, Agir.
- LADO, Robert. 1958. *Linguistics Across Cultures: Applied Linguistics for English Teachers*. Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- LADO, Robert. 1971. *Introdução à Linguística Aplicada*. Traduzido por Vicente Pereira de Souza. Petrópolis, RJ, Editora Vozes Ltda.
- LLOYD, Peter C. 1976. Marginality: Euphemism or Concept. *In: IDS Bulletin: Institute of Development Studies*, 8 (2) : 12-6,

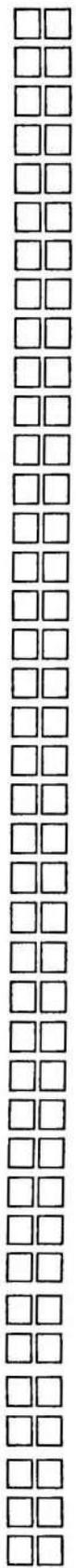
- MC RAE, Marina H. G. 1993. *Some Codeswitching Strategies of Anglo-Brazilian Bilinguals*. Tese (Doutoramento) - DLM /FFLCH/USP.
- MARCKWARDT, Albert H. 1958. *American English*. New York, Oxford University Press.
- MARQUES DA CRUZ, José. 1966. *Português Prático. Gramática*. 29. ed. São Paulo, Melhoramentos.
- MARSON, Fernando. 1969. *A Gíria Militar. A Mobilidade da Linguagem e a Importância da Gíria*. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - DLP/FFLCH/USP.
- MARTINS, José de Souza. (Org) 1983. *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo, HUCITEC. 339 p.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. 1989. *Introdução à Estilística: expressividade na língua portuguesa*. São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP. 226 p.
- MATTOSO CÂMARA, Jr., Joaquim. 1968. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro, G. Ozon Editor.
- MATTOSO CÂMARA, Jr., Joaquim. 1975. *História da Lingüística*. Trad. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis, Vozes.
- MATTOSO CÂMARA, Jr., Joaquim. 1977. *Dicionário de Lingüística e Gramática - Referente à Língua Portuguesa*. Ed. Pós. Petrópolis, Vozes.
- MATTOSO, Glauco. 1990. *Dicionário do palavrão e correlatos*. Rio de Janeiro, Editora Record.
- MELARAGNO, Roberto, Filho. "A morte — aspectos neurológicos e biológicos." *O Estado de São Paulo*, 20/06/94, p. A-2.
- MENDES DE ALMEIDA, Napoleão. 1977. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 26. ed. São Paulo, Saraiva.

- MURRAY, Thomas E. 1985. *The Language of Singles Bars?* In American Speech, 60.1.
- NAMORA, Fernando. 1963. *Retalhos da Vida de um Médico*. 2ª série. Portugal, Publicações Europa-América, Ltda.
- NEAMAN, Judith S. & SILVER, Carole Di. 1983. *Kind Words: A Thesaurus of Euphemisms*. New York, Facts on File. 371 p.
- NEAMAN, Judith S. & SILVER, Carole Di. 1984. *Dictionary of Euphemisms*. London, Unwin.
- OHARA, John. 1965. *The Lockwood Concern*. New York, Signet Books, p. 106-7.
- ORTONY, Andrew; SCHALLERT, Diane L.; REYNOLDS, Ralph E.; ANTOS, Stephen J. 1978. Interpreting Metaphors and Idioms: Some Effects of Context on Comprehension. In: *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 17 : 465-77.
- ORWELL, George. 1950. Politics and the English Language. In: ROBERTS, William H. & TURGEON, Gregoire. 1986. *About Language - A Reader for Writers*. Boston, Houghton Mifflin Co.
- OXFORD English Dictionary*. 1971. 2. ed. Oxford/ New York/ Melbourne/ Oxford University Press. Oxford, Clarendon Press.
- PAIVA, Marcelo Rubens. 1991. Encontro discute estigma de grupos segregados. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 mai, p. 4-3, Caderno 4.
- PEI, Mario. 1965. *The Story of Language*. Philadelphia, J. B. Lippincott Co. 491 p.
- PENELOPE, Julia. 1981. Language and Communication: Syntactic Euphemism. In: *Papers in Linguistics: International Journal of Human Communication*, 14 (4) : 473-85.
- PERRINE, Laurence. 1971. Four Forms of Metaphor. In: *College English*, 33 (2) : 125-38, Nov.

- POSTMAN, Neil. 1976. Euphemism. *In*: ROBERTS, William H. & TURGEON, Gregoire. 1986. *About Language: A Reader for Writers*. Boston, Houghton Mifflin Co. p. 419-23.
- POWERS, Dick. 1982. Taking sex out of job titles petty and a waste of time. *In*: *Sun-Sentinel*, Mon, Sep 13, p. 8C.
- PRETI, Dino. 1983. *A Linguagem Proibida - um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor.
- RAWSON, Hugh. 1981. *A Dictionary of Euphemisms and Other Double Talk*. New York, Crown Publishers, Inc.
- REIS, Maria Amália Tozoni. 1990. *Atividades e estratégias desenvolvidas por universitários para aprender a falar francês - Um estudo de relatos verbais*. São Paulo. Tese (Doutoramento) - DLM/FFLCH/USP.
- ROBERTS, William H. & TURGEON, Gregoire. 1986. *About Language. A Reader for Writers*. Boston, Houghton Mifflin Co.
- ROBINSON, W. 1972. *Linguagem e Comportamento Social*. São Paulo, Cultrix.
- RODRIGUES LAPA, M. 1975. *Estilística da Língua Portuguesa*. 8. ed. rev. acresc. Coimbra, Coimbra Editora. 300 p.
- RONCARI, José Roque Aguirra. 1987. *Semiótica da Gíria na Ficção Inglesa e Norte-Americana*. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - DLM/FFLCH/USP.
- ROSSI, Clovis. 1992. Política Mundial vira Sucessão de Escândalos. *Folha de São Paulo*, 19 jan.
- SACCONI, Luiz Antonio. 1979. *Nossa Gramática*. 2. ed. rev. São Paulo, Moderna.
- SACKS, Sheldon. (ed) 1981. *On Metaphor*. Chicago, The University of Chicago Press. 196 p.

- SCHOEN, Elin. 1980. Rogue's Glossary. *In*: ROBERTS, William H. & TURGEON, Gregoire. 1986. *About Language. A Reader for Writers*. Boston, Houghton Mifflin Co. p. 390-4.
- SERCOVICH, Armando. 1977. *El Discurso, el Psiquismo y el Registro Imaginario - Ensayos Semióticos*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión. p. 11-54.
- SHIPLEY, Joseph F. 1977. *In Praise of English*. New York, New York Times Books.
- SILVEIRA BUENO, Francisco da. 1965. *Tratado da Semântica Brasileira*. 4ª ed. São Paulo, Saraiva. Cap. XVII. p. 188-235.
- SPEARS, Richard A. 1982. *Slang and Euphemism — A Dictionary of Oaths, Curses, Insults, Racial Slurs, Sexual Slang and Metaphor, Drug Talk, Homosexual Lingo and Related Matters*. Abridged Edition. New York, Penguin Books.
- STEGNER, Wallace. 1965. Good-bye to all T--t!. *In*: ROBERTS, William H. & TURGEON, Gregoire. 1986. *About Language. A Reader for Writers*. Boston, Houghton Mifflin Co. p. 415-8.
- STEINBERG, Martha. 1988. Pesquisa em Tradução. *In*: *3º Encontro Nacional da ANPOLL*, Rio de Janeiro, Anais...
- STROZIER, Robert. 1966. The Euphemism. *In*: *Language Learning: A Journal of Applied Linguistics*, XVI (1/2) : 63-70.
- TAGNIN, Stella E. O. 1987. *Levels of Conversationality and the Translator's Task*. Tese (Doutoramento) - DLM/FFLCH/USP.
- TAYLOR, M. Eau. 1987. Underwriting whole lives. *English Today*. 11, p. 29, Jul.
- TEIXEIRA COELHO. 1991. *Dicionário Brasileiro de Bolso*. São Paulo, Siciliano. 295 p.
- TRUDGILL, Peter. 1974. *Sociolinguistics: An Introduction*. Harmondsworth, Penguin Books.

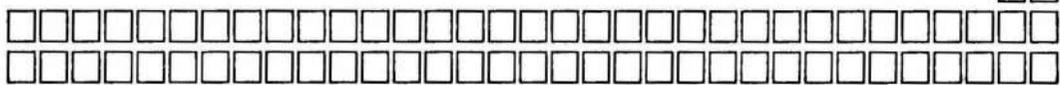
- ULLMANN, Stephen. 1964. Semântica. *In* LYONS, John. 1978. *Semantics*. 1 & 2. Cambridge, Cambridge University Press.
- UPDIKE, John. 1962. A & P. *In*: ROBERTS, William H. & TURGEON, Gregoire. 1986. *About Language. A Reader for Writers*. Boston, Houghton Mifflin Co. p. 395-402.
- VIEIRA FILHO, Domingos. 1958. *A Linguagem Popular do Maranhão*. 2a. ed. rev. e ampl. São Luis do Maranhão.
- VILLAR, Mauro. 1989. *Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara S.A.
- WAGNER, Geoffrey & RADNER, Sanford R. 1974. Taboo: The Sacred and Obscene. *In*: ROBERTS, William H. & TURGEON, Gregoire. 1986. *About Language. A Reader for Writers*. Boston, Houghton Mifflin Co. p. 403-11.
- WAKEFIELD, P. Lynn; ALVIN, Frank; MEYERS, Robert W. 1977. The Hobbyist - A Euphemism for Self-Mutilation and Fetichism. *In: Bulletin of the Menninger Clinic*, 412 (6) : 539-52.
- WEBSTER'S New Twentieth Century Dictionary Unabridged*. 1977. 2. Ed.
- WEBSTER'S New World Dictionary of the American Language*. 1970. 2. College Ed. New York, The World Publishing Co.
- WITTER, José Sebastião. 1983. Os Anúncios Fúnebres (1920-1940). *In: A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. José de Souza Martins. (Org) São Paulo, HUCITEC.



O corpus

Índice remissivo do *corpus*

Anexo



O CORPUS**EUFEMISMOS E DISFEMISMOS
AGRUPADOS POR CAMPO SEMÂNTICO****ACIDENTE / ACCIDENT**

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
write yourself off	

ALIMENTO / FOOD

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	entregar a rapadura
	já não comer mais broa

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	buy one's lunch

ANIMAL / ANIMAL

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	acabar-lhe com o pio
	bater a alcatra
	bater a pacuera
	bater com a cola na cerca
	bater com o rabo na cerca
	dar a lonca
	dar a ossada
	dar com a cola na cerca

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
go the wrong way	drop off the perch
	go to a happy hunting
	kiss off
	tip (tip off)

	dar com o rabo na cerca
	dar o berro
	dar o couro às varas
	dar o último pio
	marrar

ARMA DE FOGO / FIREARM

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
arcabuzar	
espingardear	
fuzilar	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM

BALA / BULLET

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	lead
	lead poisoning
	leaden fever

BEBIDA / DRINK

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	blindo
	go for a Burton

BIOLOGIA / BIOLOGY

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
dar o último alento	apagar
dar o último suspiro	arrefeceu-lhe o céu da boca

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
breathe one's last	become a corpse
breathe your last	bone

defunção	assentar o cabelo
deixar de ser	bafuntar
deixar de sofrer	bater a canastra
desaparição	dar à casca
descansar	dar à espinha
desenlace	dar o peido mestre
desviver	dar o triste peido
deu o último suspiro	defuntar
empandeirar	esfriar
estafar	espichar
estar de mãos atadas	espichar a canela
estar em artigo	espichar a caneta
estar em artigos da morte	espichar as gâmbias
estar na agonia	espichar o pernil
estar nas vascas da morte	esticar
expedir	esticar a canela
expirar	esticar a caneta
falecer	esticar as gâmbias
fechar os olhos	esticar o cambito
finamento	esticar o pernil
finar-se	estuporar (se)
já não lhe dói nada	largar a casca
não acordar mais	pifar
retornar à natureza	pôr as tripas ao sol
soltar o último alento	quebrar a tira
soltar o último suspiro	rebentar
sucumbir	tem o céu da boca frio
resfriou-lhe o céu da boca	virar presunto

bring your heart to its final pause	cold
close your eyes	cold storage
draw one's last breath	cook up one's toes
expire	croak
stark	cut your cable
take home	diet of worms
taking	drop off the hooks
took	fade
turn it in	fall off the hooks
turn your face to the wall	flack out
wear away	go off the hooks
	kick
	kick in
	kick it
	kick off
	kick up
	kick your heels
	lose your wind
	pop off
	pop off the hooks
	slip
	slip away
	slip off
	slip to Nod
	turn up your heels
	turn up your toes
	wing your flight from this world

BOTÂNICA / BOTANY

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
fenecer	adubar a horta do senhor prior
	comer capim pela raiz
	comer capim por baixo
	comer grama por baixo
	dar cabo do canastro

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
plucked from us	count the daisies
	eat up the daisies
	go to grass
	popping up the daisies
	potted

	estar nas embiras
	fechar o balaio
	ir guardar os ciprestes
	ir para as malvas
	pilar macaia

	push up daisies
	push up the daisies
	suck daisy-roots
	under sod
	under the daisies
	under the grass

CALOR / HEAT

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	swelt

CARNAVAL / CARNIVAL

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	botar o bloco na rua
	pôr o bloco na rua

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM

CINEMA / MOVIE

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	pass out of the picture

CRIMINOSO / CRIMINAL

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	come to a sticky end

CRONOLOGIA / CHRONOLOGY

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
bateu a sua hora	
chegar a última hora	
chegar a última jornada	
chegar o último dia	
chegou a sua hora	
estar com os dias contados	
hora derradeira	
hora suprema	
ser chegada a sua hora	
ter as suas horas contadas	
ter os seus dias contados	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM

CUTELARIA / CUTLERY

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	bater a caçoleta
	perder a colher

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	be salted away
	give up the spoon
	hand in your dinner-pail
	stick one's spoon in the wall

DESTINO / DESTINATION

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
descer à cova	ir para a cidade dos pés juntos
descer à terra	ir para a companhia dos pés juntos
descer ao túmulo	ir para a cucuia

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
be gone across the creek	buy a one-way ticket
called home	come home feet first
come over	feet first

DROGAS / DRUGS

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	flipar (estrangeirismo)

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM

ELEIÇÃO / ELECTION

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	off the voting list

ELETROCUSSÃO / ELECTROCUTION

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	chair (the)
	electric cure
	hot seat
	hot squat
	hummingbird
	last waltz
	sizzle

ESPORTES / SPORTS

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	be hayoed
	call off the bets
	count (the)
	down for good
	drop in your tracks
	go down for good
	jump the last hurdle
	long count
	loose the decision

FAMÍLIA / FAMILY

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPEMISM
gathered to your fathers	

FIM DE VIDA / END OF LIFE

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
acabar (os seus dias)	acabar
acabou-se-lhe o pavio da vida	empacotar
apagou-se-lhe a candela	estar mais prá lá do que prá cá
apagou-se-lhe a lamparina da vida	estar morre não morre
ataram-lhe os pés	patear
dar	
deixar de ser do número dos vivos	
desaparecer (da vida)	
dormir para sempre	
está com o pé na cova	
estar à morte	
estar às portas da morte	
estar com os pés para a cova	
estar entre a vida e a morte	
estar nas últimas	
estar para alquinar	
estar por um fio	
estar por um triz	
eterno descanso	
eterno repouso	
eterno sono	
exalar o último suspiro	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPEMISM
all up with	be at death's door
at your last	call it a day
be no more	cut off
be not long for this world	dissolution
be on one's last legs	flit
bonds of life being gradually dissolved	go round land
debt of nature (pay)	had it
demise	hang up your harness
drop	hang up your hat
drop your leaf	hang up your tackle
fall asleep	have one foot in the grave
final sleep	leave the building
gone	lights out
goner	long walk of a short pier
gonner	pack it in
gravestone gentry	pass off the earth
great certainty	put to bed with a mattock
great leveller	put to bed with a shovel
great out	put to bed with a spade
great secret	put under the sod
great unknown	raise the wind
jack at (in)	shuffle off this mortal coil

ÍNDIOS / INDIANS

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	happy hunting grounds
	sun one's moccasins

INDUMENTÁRIA / GARMENT

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	abotoar
	abotoar o paletó
	arrumar a roupa
	botar o paletó de madeira
	fazer a trouxa
	fechar o paletó
	pijama de cimento
	puxar a roupa
	puxar a trouxa
	vestir o paletó de madeira
	vestir o pijama de madeira

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	cement boots
	cement shoes
	concrete shoes

INÍCIO DE VIDA / BEGINNING OF LIFE

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
emigrar	
ir para o além	
partir desta para melhor morada	
partir desta vida para melhor	
passar desta para melhor	
passar desta para melhor vida	
passar desta vida para melhor	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
come again	
come back	
go away	

INSTRUMENTO MUSICAL / MUSICAL INSTRUMENT

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	apitar

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM

JARGÃO / JARGON

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	at-need
	beyond salvage
	chop shot
	disappear
	disposal
	routine (nursing) care only

JOGO / GAMBLING

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	bater a canastra
	bater o pacau
	bater o sete-e-meio
	bater o trinta-e-um
	bater o trinta-e-um de roda
	quinar

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	be trumped
	call of the bets
	cash in one's checks
	cash in one's chips
	cash in your checks
	cash your chips
	chuck seven
	hand in one's chips
	pass in one's chips
	pass in one's marble
	pass in your checks
	peg out
	strike out
	throw up the cards

LUGAR / PLACE

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	morar no Alto de São João

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM

LUTA / BATTLE

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	comer a terra fria
	morder o pó

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	bite the dust
	bite the ground
	kiss the dust
	kiss the ground
	lick the dust

MATAR / KILL

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
eliminar	arrebentar
enforçar	chacinar
esganar	estoicar
estrangular	
executar	
linchar	
liquidar	
massacrar	
suprimir	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
end	bath-house
pay your debt to society	bump
	business
	do for
	do in
	done for
	eliminate
	execute
	executive action
	expedient demise
	expended
	fill full of holes
	filled full of daylight
	filled full of lead
	foul play
	hole in the head
	iron out
	off
	pay off
	pop

	pot
	relocation
	removal
	smear out
	sniff out
	snuff (out)
	transported
	turn off
	wet-job

MEDICINA / MEDICINE

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
cardiac arrest	happy despatch
lose the vital signs	happy release
	lose the number of the mess

MILITAR / MILITARY

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
passar pelas armas	atar as botas
	bater as botas
	escutar a cavalaria
	estar de sentinela
	ir para o Major
	marchar
	pôr-se em sentido

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	answer the last muster
	check out
	fade away
	fall
	fall out
	fallen
	taps (the)
	Union Jack for

MORTE / DEATH

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
derradeiro encontro (o)	desdentada
em vindo a de te seguirmos no caminho de todos	Dona Morte

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
big D	Grim reaper
end of watch	old Mr. Grim

entrada no ignoto	ela
falecimento	encadernado (o)
óbito	grande dona
trespasse	grande garça
	magra
	megera
	negra
	Sem-Perdão
	sujeita
	uma
	velha da foice
	velha do alfange

passing	old, old Grim
	old, stone lonesome
	old underside
	reaper

MORTO / DEAD

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
cadáver	presunto
corpo (o)	
defunto	
despojos fúnebres	
estar morto	
extinto	
falecido	
finado	
morto (o)	
restos mortais	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
dear departed	clunk
latter end	ham
little gentleman in black velvet	put away
no longer with us	underground
remain above ground	undiscovered country (the)
with us no more	upstairs

MOVIMENTO / MOVEMENT

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
abandonar a vida	dar o ré
andar aos tropeços à morte	virar
descer à tumba	
despedir	
ir (se)	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM

PATRIOTISMO / PATRIOTISM

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
join the immortals	
lay down your life	
make the supreme sacrifice	

PRISÃO / PRISON

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
suffer the supreme penalty	back gate parole

PROPRIEDADE / PROPERTY

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	desinfetar o beco
	desocupar o beco

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	become a land owner
	buy a farm

RELIGIÃO / RELIGION

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
adormecer no Senhor	aguardar os pitos do Senhor Abade
ajustar contas com Deus	badalar o sino
atender ao chamado de Deus	entregar a alma ao Diabo
cumprir a vontade de Deus	ir tocar harpa no céu
dar a alma a Deus	ir-se para os anjinhos
dar a alma ao Criador	
dar o espírito	
dormir em Deus	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
afterlife	be underground
answer the final summons	go the way of all flesh
asleep	last debt
asleep in Jesus	last trump
at peace	mole country
at rest	on the end of a shovel
away	play your harp
be called above	stoke Lucifer's fires

RURAL / RURAL

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	quebrar o loro

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	go down the nick
	go to the last round-up
	last round up

SUICÍDIO / SUICIDE

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
put yourself away	die queer
take leave of life	easy way out

TEATRO / THEATER

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	curtains
	drop the curtain
	last bow
	last curtain
	written out of the script

TECNOLOGIA / TECHNOLOGY

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	paginar
	quebrar a correia

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	conk out
	switch off the lights

TERROR / TERROR

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	king of terrors

TIRO / SHOOT

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
cheirar-lhe a cabeça a pólvora	
estoirar os miolos	
queimar os miolos	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	bellyfull of lead
	bullet (the)
	get a bullet
	get a slug
	hole
	hole (to be holed)
	hole in the head (a)
	put underground (to)
	run into a bullet\
	stop a slug
	wear a bullet

TRABALHO / WORK

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	lay down one's shovel and hoe

TRANSPORTE / TRANSPORTATION

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
despachar	ir de charola

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	go forth in your cerements
	go home feet first
	heels foremost
	step into one's last bus

VIAGEM / VOYAGE

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
deixar esta vida	ir para a banda de lá
deixar o mundo	tirar o passaporte
desaparecer	
desencarnar	
dizer adeus ao mundo	
estar com os pés para a tumba	
fazer a mala	
fazer a última viagem	
fazer a viagem de que não se regressa	
fazer a viagem de que não se volta nunca	
fazer a viagem sem volta	
fazer uma longa viagem	
partir desta para melhor	
última longa viagem (a)	
uma longa viagem	
viagem de onde não se volta (a)	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
depart	
departed	
get away	
long journey	
narrow passageway to the unknown (the)	
take one's departure	

VIOLÊNCIA / VIOLENCE

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	morrer de morte macaca

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
buy it	get the shaft
pay the final penalty	lost
pay the supreme penalty	quit cold
released	

ENTERRAR / BURY

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
inumar	
sepultar	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
inter (to)	

ENTERRO / BURIAL

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
cortejo funerário	encadernador (o)
inumação	
funeral	
préstimo fúnebre	

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	ground-lair
	ground-mail
	long home
	Tyburn ticket
	vital statistics form
	ground-sweat

PROFISSÃO / PROFESSION

PORTUGUÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS
	bater o prego
	fazer barro no cemitério
	fazer tijolo
	ir amassar barro com as costas

INGLÊS	
EUPHEMISM	DYSPHEMISM
	dancing master
	go corbie
	hump it
	king of Tyburn
	scragger
	topping fellow

RELATIVO A MORTE POR ENFORCAMENTO / APPERTAINING TO DEATH BY HANGING

PORTUGUÊS		INGLÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS	EUPHEMISM	DYSPHEMISM
			dance-hall
			hemp-string
			hemp-widow
			Tyburn
			Tyburn tippet

TÚMULO / GRAVE

PORTUGUÊS		INGLÊS	
EUFEMISMOS	DISFEMISMOS	EUPHEMISM	DYSPHEMISM
campa	cova		six feet underground
catacumba	emplastro de sete palmos		six feet of earth
derradeira jazida	sete palmos de terra		
derradeira morada	terra da verdade		
repouso (o)	terra fria		
última jazida			
última morada			

ÍNDICE REMISSIVO DO *CORPUS*

A

abandonar a vida, 174
 abotoar, 170
 abotoar o paletó, 170
 acabar, 166
 acabar (os seus dias), 166
 acabar-lhe com o pio, 159
 acabou-se-lhe o pavio da vida,
 166
 adormecer no Senhor, 176
 adubar a horta do senhor prior,
 161
 afterlife, 176
 aguardar os pitos do Senhor
 Abade, 176
 ajustar contas com Deus, 176
 all up with, 166
 alleyed, 169
 andar aos tropeções à morte,
 174
 answer the final summons, 176
 answer the last call, 169
 answer the last muster, 173
 apagar, 160
 apagou-se-lhe a candela, 166
 apagou-se-lhe a lamparina da
 vida, 166
 apitar, 171
 arcabuzar, 160
 arrebentar, 172
 arrefeceu-lhe o céu da boca, 160
 arrumar a roupa, 170
 asleep, 176
 asleep in Jesus, 176
 assentar o cabelo, 161

at a rope's end, 167
 at peace, 176
 at rest, 176
 at your last, 166
 at-need, 171
 atar as botas, 173
 ataram-lhe os pés, 166
 ataúde, 182
 atender ao chamado de Deus,
 176
 away, 176
 B
 back gate parole, 176
 badalar o sino, 176
 bafuntar, 161
 bater a alcatra, 159
 bater a caçoleta, 163
 bater a canastra, 161; 171
 bater a pacuera, 159
 bater as botas, 173
 bater com a cola na cerca, 159
 bater com o rabo na cerca, 159
 bater o pacau, 171
 bater o prego, 183
 bater o sete-e-meio, 171
 bater o trinta-e-um, 171
 bater o trinta-e-um de roda, 171
 bateu a sua hora, 163
 bath-house, 172
 be at death's door, 166
 be called above, 176
 be gone across the creek, 163
 be hayoed, 165
 be laid to rest, 177
 be no more, 166

- be not long for this world, 166
 be on one's last legs, 166
 be salted away, 163
 be trumped, 171
 be under sailing orders, 175
 be underground, 176
 be with God, 177
 be with the Angels, 177
 become a corpse, 160
 become a land owner, 176
 bellyfull of lead, 180
 better country, 177
 better world, 177
 beyond salvage, 171
 big D, 173
 bite the dust, 172
 bite the ground, 172
 blindo, 160
 bonds of life being gradually dissolved, 166
 bone, 160
 botar o bloco na rua, 162
 botar o paletó de madeira, 170
 bought it, 169
 box, 182
 breathe one's last, 160
 breathe your last, 160
 bring your heart to its final pause, 161
 brown, 168
 bullet (the), 180
 bump, 172
 burial ground, 182
 business, 172
 buy a farm, 176
 buy a one-way ticket, 163
 buy it, 169; 181
 buy one's lunch, 159
 buy the farm, 169
 buzz, 169
 buzzed, 169
C
 cadáver, 174
 call (the), 177
 call it a day, 166
 call of the bets, 171
 call off the bets, 165
 call souls, 177
 called away, 177
 called home, 163
 called to higher service, 177
 cama à francesa, 182
 campa, 184
 campo santo, 182
 cangalheiro, 182
 cardiac arrest, 173
 cash in one's checks, 171
 cash in one's chips, 171
 cash in your checks, 171
 cash your chips, 171
 casket, 182
 catacumba, 184
 catch a packet, 169
 cement boots, 170
 cement shoes, 170
 chacinar, 172
 chair (the), 165
 check out, 173
 chegar a última hora, 163
 chegar a última jornada, 163
 chegar o último dia, 163
 chegou a sua hora, 163
 cheirar-lhe a cabeça a pólvora, 180
 chop shot, 171
 chuck seven, 171

church triumphant, 177
 churchyard, 182
 cidade dos mortos, 182
 climb the golden staircase, 177
 clink off, 177
 close your eyes, 161
 clunk, 174
 coffin, 182
 coil up one's ropes, 175
 cold, 161
 cold storage, 161
 come again, 170
 come back, 170
 come home feet first, 163
 come over, 163
 come to a sticky end, 162
 come to your resting place, 164
 come to yourself, 177
 comer a terra fria, 172
 comer capim pela raiz, 161
 comer capim por baixo, 161
 comer grama por baixo, 161
 concrete shoes, 170
 conk out, 179
 cook up one's toes, 161
 cop a packet, 169
 cop it, 169
 corpo (o), 174
 cortejo funerário, 183
 cottonwood, 167
 count (the), 165
 count the daisies, 161
 cova, 184
 croak, 161
 cross over, 164
 cross the great divide, 164
 cross the River Jordan, 177
 cross the Styx, 164

cumprir a vontade de Deus, 176
 curtains, 179
 cut adrift, 175
 cut off, 166
 cut the painter, 175
 cut your cable, 161
 D
 dance, 167
 dance a two step in another world, 167
 dance at the end of a rope, 167
 dance off, 167
 dance on air, 167
 dance the Tyburn jig, 167
 dance upon nothing, 167
 dance-hall, 184
 dancing master, 183
 dangle in the sheriff's frame, 167
 dar, 166
 dar a alma a Deus, 176
 dar a alma ao Criador, 176
 dar à casca, 161
 dar à espinha, 161
 dar a lonca, 159
 dar a ossada, 159
 dar cabo do canastro, 161
 dar com a cola na cerca, 159
 dar com o rabo na cerca, 160
 dar o berro, 160
 dar o couro às varas, 160
 dar o espírito, 176
 dar o peido mestre, 161
 dar o ré, 174
 dar o triste peido, 161
 dar o último alento, 160
 dar o último pio, 160
 dar o último suspiro, 160

- Davy Jones' locker, 175
 dear departed, 174
 debt of nature (pay), 166
 decorate a cottonwood, 167
 defunção, 161
 defuntar, 161
 defunto, 174
 deixar de ser, 161
 deixar de ser do número dos vivos, 166
 deixar de sofrer, 161
 deixar esta vida, 181
 deixar o mundo, 181
 demise, 166
 depart, 181
 depart this life, 164
 depart to God, 177
 departed, 181
 departure, 164
 derradeira jazida, 184
 derradeira morada, 184
 derradeiro encontro (o), 173
 desaparecer, 181
 desaparecer (da vida), 166
 desapareição, 161
 descansar, 161
 descer à cova, 163
 descer à terra, 163
 descer à tumba, 174
 descer ao túmulo, 163
 desdentada, 173
 desencarnar, 181
 desenlace, 161
 desinfetar o beco, 176
 desocupar o beco, 176
 despachar, 180
 despedir, 174
 despojos fúnebres, 174
 desviver, 161
 deu o último suspiro, 161
 die in a horse's nightcap, 167
 die in your shoes, 167
 die queer, 179
 diet of worms, 161
 disappear, 171
 disposal, 171
 dissolution, 166
 dizer adeus ao mundo, 181
 do a dance in mid-air, 167
 do for, 172
 do in, 172
 Dona Morte, 173
 done for, 172
 dormir em Deus, 176
 dormir no Senhor, 177
 dormir o sono dos justos, 177
 dormir o sono eterno, 177
 dormir para sempre, 166
 dormitório, 182
 down for good, 165
 draw one's last breath, 161
 drop, 166
 drop in your tracks, 165
 drop off the hooks, 161
 drop off the perch, 159
 drop the curtain, 179
 drop your leaf, 166
 E
 earn wages of sin (the), 177
 easy way out, 179
 eat up the daisies, 161
 ela, 174
 electric cure, 165
 eliminar, 172
 eliminate, 172

- em vindo a de te seguirmos no
 caminho de todos, 173
 embarcar, 175
 embarcar deste mundo para um
 melhor, 164
 emigrar, 170
 empacotar, 166
 empandeirar, 161
 emplastro de sete palmos, 184
 encadernado (o), 174
 encadernador (o), 183
 end, 172
 end of watch, 173
 enforcar, 172
 enter the next world, 164
 entrada no ignoto, 174
 entregar a alma, 177
 entregar a alma a Deus, 177
 entregar a alma ao Criador, 177
 entregar a alma ao Diabo, 176
 entregar a rapadura, 159
 envelope, 182
 escutar a cavalaria, 173
 esfriar, 161
 esganar, 172
 espichar, 161
 espichar a canela, 161
 espichar a caneta, 161
 espichar as gâmbias, 161
 espichar o pernil, 161
 espingardear, 160
 esquife, 182
 está com o pé na cova, 166
 estafar, 161
 estar a dar contas a Deus, 177
 estar a gozar a vida (em Deus),
 177
 estar à morte, 166
 estar às portas da morte, 166
 estar com Deus, 177
 estar com os dias contados, 163
 estar com os pés para a cova,
 166
 estar com os pés para a tumba,
 181
 estar de mãos atadas, 161
 estar de sentinela, 173
 estar em artigo, 161
 estar em artigos da morte, 161
 estar em baixo da terra, 177
 estar entre a vida e a morte, 166
 estar mais prá lá do que prá cá,
 166
 estar morre não morre, 166
 estar morto, 174
 estar na agonia, 161
 estar na terra da verdade, 164
 estar nas embiras, 162
 estar nas últimas, 166
 estar nas vascas da morte, 161
 estar no reino da verdade, 164
 estar para alquinar, 166
 estar por um fio, 166
 estar por um triz, 166
 esticar, 161
 esticar a canela, 161
 esticar a caneta, 161
 esticar as gâmbias, 161
 esticar o cambito, 161
 esticar o pernil, 161
 estoicar, 172
 estoirar os miolos, 180
 estrangular, 172
 estuporar (se), 161
 eternal life, 177
 eterno descanso, 166

eterno repouso, 166
 eterno sono, 166
 everlasting life, 177
 exalar a alma, 177
 exalar a vida, 177
 exalar o último suspiro, 166
 exchange this life for a better,
 164
 executar, 172
 execute, 172
 executive action, 172
 expedient demise, 172
 expedir, 161
 expended, 172
 expirar, 161
 expire, 161
 extinguir-se, 167
 extinto, 174
F
 fábrica de tijolos, 182
 fade, 161
 fade away, 173
 falecer, 161
 falecido, 174
 falecimento, 174
 fall, 173
 fall asleep, 166
 fall off the hooks, 161
 fall out, 173
 fallen, 173
 farricoco, 182
 fato de madeira, 182
 fato de pau, 182
 fazer a mala, 181
 fazer a trouxa, 170
 fazer a última viagem, 181
 fazer a viagem de que não se
 regressa, 181

fazer a viagem de que não se
 volta nunca, 181
 fazer a viagem sem volta, 181
 fazer barro no cemitério, 183
 fazer tijolo, 183
 fazer uma longa viagem, 181
 fechar o balaio, 162
 fechar o paletó, 170
 fechar os olhos, 161
 feet first, 163
 fenecer, 161
 féretro (o), 182
 ficar-se, 167
 fill full of holes, 172
 filled full of daylight, 172
 filled full of lead, 172
 fim dos seus dias, 167
 finado, 174
 final sleep, 166
 finamento, 161
 finar-se, 161
 findar (os seus dias), 167
 flack out, 161
 flipar (estrangeirismo), 165
 flit, 166
 for the high jump, 167
 foul play, 172
 funeral, 183
 fuzilar, 160
G
 gathered to your fathers, 166
 gato pingado, 182
 get a bullet, 180
 get a slug, 180
 get away, 181
 get it, 169
 get the call, 177
 get the chop, 169

- get the shaft, 181
 give up the ghost, 177
 give up the spoon, 163
 go, 164
 go across the creek, 164
 go again, 177
 go aloft, 175
 go away, 170
 go corbie, 183
 go down, 167
 go down for good, 165
 go down the drain, 164
 go down the nick, 179
 go for a Burton, 160
 go forth, 164
 go forth in your cerements, 180
 go home, 164
 go home feet first, 180
 go home in a box, 164; 182
 go off the hooks, 161
 go on, 177
 go on to a better world, 164
 go out, 169
 go over, 164
 go rack and ruin, 164
 go right, 164
 go round land, 166
 go the way of all flesh, 176
 go the wrong way, 159
 go to a better place, 164
 go to a happy hunting, 159
 go to David Jones's locker, 175
 go to glory, 164
 go to grass, 161
 go to heaven on a string, 167
 go to life eternal, 164
 go to meet one's Maker, 177
 go to one's last reward, 177
 go to one's long home, 177
 go to rest, 164
 go to sleep, 164
 go to the hereafter, 177
 go to the last round-up, 179
 go to your reward, 164
 go to yourself, 177
 go under, 168
 go up, 167
 go up Salt River, 164
 go up the chimney, 169
 go up the gate, 164
 go upstairs out of this world,
 167
 go west, 164
 God called in the loan, 177
 gone, 166
 gone to kingdom come, 164
 goner, 166
 gonner, 166
 grande dona, 174
 grande garça, 174
 grave yard, 182
 gravestone gentry, 166
 great certainty, 166
 great leveller, 166
 great out, 166
 great secret, 166
 great unknown, 166
 Grim reaper, 173
 ground-lair, 183
 ground-mail, 183
 ground-sweat, 183
 grounded for good, 169
 H
 had it, 166
 ham, 174
 hand in one's chips, 171

hand in your dinner-pail, 163
 hang, 167
 hang up your harness, 166
 hang up your hat, 166
 hang up your tackle, 166
 hang-fair, 167
 hanging judge, 167
 happy despatch, 173
 happy hunting grounds, 170
 happy release, 173
 have a throat trouble, 167
 have met one's Saviour, 177
 have one foot in the grave, 164;
 166
 have one's name inscribed in the
 book of Life, 177
 heels foremost, 180
 hemp, 168
 hemp-string, 184
 hemp-strung, 168
 hemp-widow, 184
 hereafter (the), 177
 high jump, 168
 hole, 180
 hole (to be holed), 180
 hole in the head, 172
 hole in the head (a), 180
 hop off, 169
 hop the twig, 169
 hora derradeira, 163
 hora suprema, 163
 hot seat, 165
 hot squat, 165
 hummingbird, 165
 hump it, 183
 I
 in Abraham's bosom, 177
 in heaven, 177

in the arms of his Maker, 177
 in the arms of Jesus, 177
 in the arms of the Lord, 178
 in the cart, 168
 inter (to), 183
 inumação, 183
 inumar, 183
 ir (se), 174
 ir amassar barro com as costas,
 183
 ir ao encontro de seu destino,
 164
 ir de charola, 180
 ir guardar os ciprestes, 162
 ir para a banda de lá, 164; 181
 ir para a cidade dos pés juntos,
 163
 ir para a companhia dos pés
 juntos, 163
 ir para a glória, 177
 ir para a maneta, 164
 ir para a quinta dos pés juntos,
 164
 ir para a terra (do salvamento),
 164
 ir para a terra da verdade, 164
 ir para a terra dos pés juntos,
 164
 ir para as cucuias, 163
 ir para as malvas, 162
 ir para o Acre, 164
 ir para o além, 170
 ir para o beleléu, 164
 ir para o brejo, 164
 ir para o buraco, 164
 ir para o céu, 177
 ir para o ginjal, 164
 ir para o Major, 173

ir para o outro mundo, 164
 ir para um bom lugar, 164
 ir tocar harpa no céu, 176
 ir-se (embora), 164
 ir-se (para Deus), 177
 ir-se desta para melhor, 164
 ir-se para o bebeléu, 164
 ir-se para os anjinhos, 176
 iron out, 172

J

já lá está (de onde não se torna),
 164
 já não comer mais broa, 159
 já não lhe dói nada, 161
 jack at (in), 166
 Jardim das Tabuletas, 182
 join the angels, 178
 join the Great Majority, 178
 join the immortals, 176
 join the many, 178
 join your ancestors, 178
 join your dear husband, 167
 join your Maker, 178
 jump the last hurdle, 165

K

keel over, 175
 keep sheep by moonlight, 168
 kick, 161
 kick in, 161
 kick it, 161
 kick off, 161
 kick the bucket, 168
 kick the wind, 168
 kick up, 161
 kick your heels, 161
 king of terrors, 180
 king of Tyburn, 183
 kingdom-come, 178

kiss off, 159
 kiss Saint Giles' cup, 168
 kiss the dust, 172
 kiss the ground, 172
 kiss-off, 164

L

lá, 164
 laid in the lockers, 175
 laid to rest, 175
 largar a casca, 161
 last bow, 179
 last call, 178
 last curtain, 179
 last debt, 176
 last drop, 168
 last end, 178
 last rattler, 167
 last resting place, 178
 last round up, 179
 last trump, 176
 last voyage, 178
 last waltz, 165
 late, 167
 latter end, 174
 lay down one's shovel and hoe,
 180
 lay down the clay, 169
 lay down the knife and fork, 169
 lay down your burden, 169
 lay down your knife and fork,
 169
 lay down your life, 176
 lead, 160
 lead poisoning, 160
 leaden fever, 160
 leap in the dark, 168
 leave the building, 166
 leave the land of the living, 178

leave the minority, 178
 left town, 175
 lick the dust, 172
 life everlasting, 178
 lights out, 166
 linchar, 172
 liquidar, 172
 little gentleman in black velvet,
 174
 long count, 165
 long day, 178
 long drop, 168
 long home, 183
 long journey, 181
 long walk of a short pier, 166
 look through cottonwood leaves
 (to), 168
 loose the decision, 165
 Lord has him (the), 178
 lose the number of the mess,
 173
 lose the vital signs, 173
 lose your wind, 161
 lost, 181
 M
 magra, 174
 make the supreme sacrifice, 176
 marchar, 173
 marrar, 160
 massacrar, 172
 meet the Prophet, 178
 meet your Maker, 178
 megera, 174
 mole country, 176
 morar no Alto de São João, 172
 morder o pó, 172
 morrer de morte macaca, 181
 morto (o), 174

N
 não acordar mais, 161
 napoo, 169
 narrow passageway to the
 unknown (the), 181
 negra, 174
 next world, 178
 no longer with us, 174
 no right to correspondence, 169
 not dead but gone before, 178
 not lost but gone before, 178
 not yet returned / NYR, 169
 number is up, 169
 NYR, 169
 O
 ocase, 164
 off, 172
 off the voting list, 165
 old Mr. Grim, 173
 old underside, 174
 old, old Grim, 174
 old, stone lonesome, 174
 on the end of a shovel, 176
 on your shield, 169
 on your way out, 175
 other side (the), 178
 over Jordan, 178
 over the creek, 178
 Ó
 óbito, 174
 P
 pack it in, 166
 pack up, 169
 packet, 169
 paginar, 179
 paletó de madeira, 182
 partir desta para melhor, 181

- partir desta para melhor morada, 170
partir desta vida para melhor, 170
pass, 164
pass in one's chips, 171
pass in one's marble, 171
pass in your checks, 171
pass into the next world, 164
pass off the earth, 166
pass on, 164
pass out, 164
pass out of the picture, 162
pass over, 164
pass way, 164
passamento, 164
passar, 164
passar (à melhor vida), 164
passar desta para melhor, 170
passar desta para melhor vida, 170
passar desta vida para melhor, 170
passar deste mundo a Deus, 177
passar pelas armas, 173
passar-se, 164
passing, 174
patear, 166
pay nature's (last) debt, 167
pay off, 172
pay Saint Peter a visit, 178
pay the final penalty, 181
pay the supreme penalty, 181
pay your debt to society, 172
peace at last, 167
peg out, 171
perder a colher, 163
perecer, 167
perish, 167
pifar, 161
pijama de cimento, 170
pip off, 175
pitar macaia, 162
play your harp, 176
plucked from us, 161
pop, 172
pop off, 161
pop off the hooks, 161
popping up the daisies, 161
pôr as tripas ao sol, 161
pôr o bloco na rua, 162
pôr-se em sentido, 173
pot, 173
potted, 161
preach at Tyburn Cross, 168
préstito fúnebre, 183
presunto, 174
promoted to Glory, 178
pull a cluck, 175
push up daisies, 162
push up the daisies, 162
put away, 174
put in your ticket, 175
put to bed with a mattock, 166
put to bed with a shovel, 166
put to bed with a spade, 166
put to rest, 167
put under the sod, 166
put underground (to), 180
put yourself away, 179
puxar a roupa, 170
puxar a trouxa, 170
Q
quando Deus nos chamar, 177
quatro tábuas (as), 182
quebrar a correia, 179

quebrar a tira, 161
 quebrar o loro, 179
 queimar os miolos, 180
 quiet it, 167
 quietus, 167
 quinar, 171
 quinta das lajas, 182
 Quinta das Tabuletas, 182
 quinta do Muro Branco, 182
 quinta dos calados, 182
 quinta dos pés juntos, 182
 quintal do padre, 182
 quit, 167
 quit cold, 181
 R
 raise the wind, 166
 reaper, 174
 rebentar, 161
 release, 178
 released, 181
 relocation, 173
 remain above ground, 174
 removal, 173
 removed (be), 178
 render a alma, 177
 render a alma a Deus, 177
 render a alma ao Criador, 177
 render o espírito, 177
 repose, 178
 repousar no Senhor, 177
 repouso (o), 184
 esfriou-lhe o céu da boca, 161
 resign your spirit, 178
 restos mortais, 174
 retornar à natureza, 161
 rope, 168
 routine (nursing) care only, 171
 run into a bullet, 180

S
 salgadeira, 182
 sarcófago, 182
 sarcophagus, 182
 scragger, 183
 screwed down, 182
 se algo acontecer a mim, 167
 Sem-Perdão, 174
 send to kingdom come, 164
 sepulcher, 182
 sepulcro, 182
 sepultar, 183
 sepulture, 182
 ser chamado por Deus, 177
 ser chegada a sua hora, 163
 sete palmos de terra, 184
 shuffle off this mortal coil, 166
 six feet of earth, 184
 six feet underground, 184
 sizzle, 165
 skip out, 167
 sleep, 178
 sleep in your (leaden)
 hammock, 175
 sleep in your shoes, 169
 sling one's hook, 175
 slip, 161
 slip away, 161
 slip off, 161
 slip one's breath, 175
 slip one's cable, 175
 slip one's wind, 175
 slip to Nod, 161
 slip your breath, 175
 slip your cable, 175
 slip your grip, 175
 slip your wind, 175
 smear out, 173

- sniff out, 173
 snuff (out), 173
 sobretudo de madeira, 182
 sobretudo de pau, 182
 soltar o último alento, 161
 soltar o último suspiro, 161
 sombra dos ciprestes (à), 182
 sono eterno (o), 167
 stand before your Maker, 178
 stark, 161
 step away, 175
 step into one's last bus, 180
 step off, 164
 step out, 164
 stick one's spoon in the wall, 163
 stoke Lucifer's fires, 176
 stop a slug, 180
 stop one, 169
 stop the big one, 169
 strike out, 171
 subir ao céu, 177
 succumb, 167
 suck daisy-roots, 162
 sucumbir, 161
 suffer the supreme penalty, 176
 sujeita, 174
 sun one's moccasins, 170
 suprimir, 172
 surrender one's soul, 178
 sweet by-and-by, 167
 swelt, 162
 swing, 168
 swing off, 175
 switch off the lights, 179
T
 take a blinder, 167
 take an earth bath, 167
 take home, 161
 take leave of life, 179
 take one's departure, 181
 take someone to his final resting place, 164
 take the drop, 168
 take the long count, 167
 taken, 164
 taking, 161
 talk to the old gentleman, 178
 taps (the), 173
 tem o céu da boca frio, 161
 ter a morte à cabeceira, 167
 ter as suas horas contadas, 163
 ter os seus dias contados, 163
 terra da verdade, 184
 terra fria, 184
 throw up the cards, 171
 time, 167
 tip (tip off), 159
 tip over, 167
 tirar o passaporte, 181
 to cross over the river Jordan, 178
 took, 161
 topping fellow, 183
 transe, 167
 trânsito, 167
 transported, 173
 trespassse, 174
 tumba, 182
 turn in, 168
 turn it in, 161
 turn off, 173
 turn up one's toes, 167
 turn up your heels, 161
 turn up your toes, 161
 turn your face to the wall, 161

twisted, 168
 Tyburn, 184
 Tyburn dance, 168
 Tyburn hormpipe, 168
 Tyburn jig, 168
 Tyburn ticket, 183
 Tyburn tippet, 184
 Tyburn tree, 168
 Tyburn triple tree, 168
 U
 uma, 174
 uma longa viagem, 181
 under hatches, 175
 under sailing orders, 175
 under sod, 162
 under the daisies, 162
 under the grass, 162
 under-arm bairn, 182
 underground, 174
 undertaker, 182
 undiscovered country (the), 174
 Union Jack for, 173
 united, 178
 upstairs, 174
 urn, 182
 urna (funerária), 182
 urubu, 182
 Ú
 última jazida, 184
 última longa viagem (a), 181
 última morada, 184

V
 velha da foice, 174
 velha do alfange, 174
 ver o céu por dentro, 177
 vestir o paletó de madeira, 170
 vestir o pijama de madeira, 170
 viagem de onde não se volta (a),
 181
 virar, 174
 virar presunto, 161
 vital statistics form, 183
 W
 wages of sin (the), 178
 way of all flesh (the), 177
 wear a bullet, 180
 wear away, 161
 westerners upstairs, 164
 wet-job, 173
 win home, 177
 win your way, 177
 wing your flight from this
 world, 161
 with Jesus, 178
 with the Lord, 178
 with us no more, 174
 with your Maker, 178
 without baggage, 169
 write yourself off, 159
 written out of the script, 179
 Y
 yield up the ghost, 178

ANEXO

CAMPOS SEMÂNTICOS POR ORDEM ALFABÉTICA

GERAL

CAMPOS SEMÂNTICOS	PORTUGUÊS		INGLÊS	
	EUF	DIS	EUF	DYS
1. ACIDENTE / ACCIDENT	0	0	1	0
2. ALIMENTO / FOOD	0	2	0	1
3. ANIMAL / ANIMAL	0	13	1	4
4. ARMA DE FOGO / FIREARM	3	0	0	0
5. BALA / BULLET	0	0	0	3
6. BEBIDA / DRINK	0	0	0	2
7. BIOLOGIA / BIOLOGY	30	30	13	29
8. BOTÂNICA / BOTANY	1	10	1	11
9. CALOR / HEAT	0	0	0	1
10. CARNAVAL / CARNIVAL	0	2	0	0
11. CINEMA / MOVIE	0	0	0	1
12. CRIMINOSO / CRIMINAL	0	0	0	1
13. CRONOLOGIA / CHRONOLOGY	11	0	0	0
14. CUTELARIA / CUTLERY	0	2	0	3
15. DESTINO / DESTINATION	20	13	35	13
16. DROGAS / DRUGS	0	1	0	0
17. ELEIÇÃO / ELECTION	0	0	0	1
18. ELETROCUSSÃO / ELECTROCUTION	0	0	0	7
19. ESPORTES / SPORTS	0	0	0	9
20. FAMÍLIA / FAMILY	0	0	1	0
21. FIM DE VIDA / END OF LIFE	32	5	34	29
22. FORÇA / GALLOWS	0	0	2	45
23. FRACASSO / FAILURE	0	0	0	1
24. GÍRIA / SLANG (RHYMING)	0	0	0	1
25. GUERRA / WARTIME	0	0	0	33
26. ÍNDIOS / INDIANS	0	0	0	2
27. INDUMENTÁRIA / GARMENT	0	11	0	3
28. INÍCIO DE VIDA / BEGINNING OF LIFE	7	0	3	0
29. INSTRUMENTO MUSICAL / MUSICAL INSTRUMENT	0	1	0	0
30. JARGÃO / JARGON	0	0	0	6
31. JOGO / GAMBLING	0	6	0	14
32. LUGAR / PLACE	0	1	0	0
33. LUTA / BATTLE	0	2	0	5
34. MATAR / KILL	9	3	2	29
35. MEDICINA / MEDICINE	0	0	2	3
36. MILITAR / MILITARY	1	7	0	8
37. MORTE / DEATH	6	14	3	6
38. MORTO / DEAD	10	1	6	6
39. MOVIMENTO / MOVEMENT	5	2	0	0
40. MÚSICA / MUSIC	0	0	0	1
41. NAVEGAÇÃO / NAVIGATION	0	1	0	21
42. PARTIR / DEPART	0	0	2	4

**CAMPOS SEMÂNTICOS POR ORDEM ALFABÉTICA
EUFEMISMOS / PORTUGUÊS**

CAMPOS SEMÂNTICOS	
1. ARMA DE FOGO / FIREARM	3
2. BIOLOGIA / BIOLOGY	30
3. BOTÂNICA / BOTANY	1
4. CRONOLOGIA / CHRONOLOGY	11
5. DESTINO / DESTINATION	20
6. FIM DE VIDA / END OF LIFE	32
7. INÍCIO DE VIDA / BEGINNING OF LIFE	7
8. MATAR / KILL	9
9. MILITAR / MILITARY	1
10. MORTE / DEATH	6
11. MORTO / DEAD	10
12. MOVIMENTO / MOVEMENT	5
13. RELIGIÃO / RELIGION	33
14. TIRO / SHOOT	3
15. TRANSPORTE / TRANSPORTATION	1
16. VIAGEM / VOYAGE	16
TOTAL	188

**CAMPOS SEMÂNTICOS POR ORDEM ALFABÉTICA
EUFEMISMOS / INGLÊS**

CAMPOS SEMÂNTICOS	
1. ACIDENTE / ACCIDENT	1
2. ANIMAL / ANIMAL	1
3. BIOLOGIA / BIOLOGY	13
4. BOTÂNICA / BOTANY	1
5. DESTINO / DESTINATION	35
6. FAMÍLIA / FAMILY	1
7. FIM DE VIDA / END OF LIFE	34
8. FORÇA / GALLOWS	2
9. INÍCIO DE VIDA / BEGINNING OF LIFE	3
10. MATAR / KILL	2
11. MEDICINA / MEDICINE	2
12. MORTE / DEATH	3
13. MORTO / DEAD	6
14. PARTIR / DEPART	2
15. PATRIOTISMO / PATRIOTISM	3
16. PRISÃO / PRISON	1
17. RELIGIÃO / RELIGION	84
18. SUICÍDIO / SUICIDE	2
19. VIAGEM / VOYAGE	6
20. VIOLÊNCIA / VIOLENCE	4
TOTAL	206